

Universidade do Minho

Escola de Arquitetura

Cristiana Monteiro da Silva

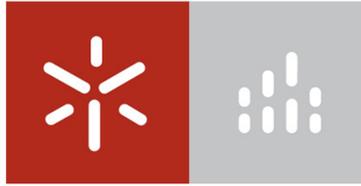
Lugares e escalas de um núcleo piscatório
As casas de Vila Chã

Lugares e escalas de um núcleo piscatório
As casas de Vila Chã

Cristiana Monteiro da Silva

UMinho | 2020

janeiro 2020



Universidade do Minho

Escola de Arquitectura

Cristiana Monteiro da Silva

Lugares e escalas de um núcleo piscatório

As casas de Vila Chã

Dissertação de Mestrado Ciclo de
Estudos Integrados ao Grau Mestre
em Arquitectura

Cidade e Território

Trabalho efetuado sob orientação do
Professor Ivo Oliveira

janeiro 2020

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Este trabalho tem o apoio financeiro do Projeto A&BM - The Sea and the Shore, Architecture and Marine Biology: The Impact of Sea Life on the Built Environment - PTDC/ART-DAQ/29537/2017 com o apoio financeiro da FCT/MCTES através de fundos nacionais (PIDDAC) e o cofinanciamento do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), ref^a POCI-01-0145-FEDER-029537, no âmbito do novo acordo de parceria PT2020 através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI).

This work has the financial support of the Project A&BM - The Sea and the Shore, Architecture and Marine Biology: The Impact of Sea Life on the Built Environment - PTDC/ART-DAQ/29537/2017 with the financial support from FCT/MCTES through national funds (PIDDAC) and co-financing from the European Regional Development Fund (FEDER) POCI-01-0145-FEDER-029537, in the aim of the new partnership agreement PT2020 through COMPETE 2020 – Competitiveness and Internationalization Operational Program (POCI).

Cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

DECLARAÇÃO

Nome: Cristiana Monteiro da Silva

Endereço eletrónico: cristiana.monteiro.12av1@gmail.com

Telefone: 912668741

Nº CC: 15034927

Título da dissertação / tese: Lugares e escalas de um núcleo piscatório: As casas de Vila Chã.

Orientador/es: Ivo Oliveira

Ano de conclusão: 2019/2020

Designação do Mestrado ou ramo de Conhecimento do Doutoramento: Mestrado Integrado em Arquitetura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/___

Assinatura: *Cristiana Monteiro da Silva*

Aos meus pais e à minha irmã.

Ao professor Ivo por ter aceite acompanhar-me neste desafio e por ter feito juz ao título de orientador, pelas horas de atenção, pela partilha e paciência.

Em especial aos meus pais e à minha irmã, pelo apoio incondicional ao longo do curso e da vida. Obrigada por terem feito de mim o que sou hoje.

Em particular, agradecer à Francisca, à Maria Inês, à Tânia e à Carolina, pela amizade, pelo companheirismo, por fazerem parte das minhas memórias e por me terem ajudado durante todo o percurso académico. Ao Sérgio, por me acompanhar desde o início desta viagem, cheia de amizade e carinho.

Um grande agradecimento àqueles que me ajudaram nos desafios que surgiam ao longo do trabalho. À d. Vera do núcleo museológico, ao sr. Benjamim, ao sr. presidente da junta e a toda a sua equipa, aos pescadores de Vila Chã e, principalmente, à d. Glória por toda a hospitalidade e simpatia.

Aos meus familiares e amigos.

Resumo

A evolução urbana reflete sempre o confronto entre as novas formas de habitar e construir e as antigas práticas fortemente vinculadas às características de cada lugar. Com a presente investigação pretende-se contribuir para que o processo de transformação imprescindível a qualquer lugar possa coexistir com a preservação de qualidades sociais, arquitetónicas e urbanas provenientes de um tempo longo.

A partir da análise de um território específico procura-se contribuir de forma rigorosa para o reconhecimento e valorização de um conjunto urbano cuja a identidade é indissociável de relações estabelecidas entre a terra e o mar. A pesca, o sargaço, a agricultura, a emigração, a família, a mulher e a forma de construir constituem importantes temas a partir dos quais se descodifica um modo de vida partilhado e se constrói a memória coletiva.

A investigação suporta-se em 3 níveis de aproximação. O primeiro nível de aproximação centra-se na ideia de território, em que a análise é feita até aos limites de Vila Chã, podendo pontualmente estender-se às freguesias e municípios vizinhos, de forma a caracterizar as relações existentes entre espaços, por vezes distantes, mas profundamente comprometidos com o quotidiano e com as rotinas da população. Num segundo nível de aproximação, é retratado a ideia de bairro, na qual é infatizada a imagem de uma vida em comunidade suportada por um conjunto de espaços e funções de proximidade - a casa é complementada por espaços e processos que em Vila Chã fazem parte do espaço público. O terceiro nível de aproximação desenvolvido foca-se na ideia da casa, que permite perceber como a forma de construir e de ocupar o espaço mais íntimo, associado às atividades marítimas, como se de um refúgio se tratasse, reflete na sua organização o quotidiano de labor dos pescadores, assim como permite pensar a relação entre o espaço e o seu estilo de vida.

Os três níveis de aproximação correspondem a um processo que se estende do geral ao particular, apesar de, inevitavelmente, existirem muitos cruzamentos/sobreposições que foram descobertas, durante a investigação, devido à vivência direta e prolongada dos lugares em estudo. Acima de tudo, estes três níveis de leitura permitem organizar a comunicação de uma realidade que é complexa e na qual tudo se relaciona, facilitando a descrição de alguns fatores que promoveram profundas transformações na comunidade de Vila Chã e, conseqüentemente, no seu desenvolvimento urbano.

Com a elaboração de uma dissertação no âmbito de uma comunidade piscatória pretendeu-se descrever um lugar, no qual sobrevivem pessoas e espaços que constituem um património distinto daquele que resulta da crescente transformação da orla costeira em espaços de lazer e/ou turismo. Não se espera que a investigação venha a alterar, profundamente, aquela que tem sido a transformação destes lugares, embora deixe algumas descobertas sobre realidades que podem informar futuras transformações.

A proteção deste lugar e desta comunidade justifica-se pela necessidade de preservar uma forma de viver em sociedade e de ocupar um espaço que é distinta daquela que hoje é dominante.

Abstract

Urban evolution always reflects the confrontation between new ways of living and building and the old practices that are bound to the characteristics of each location. This research aims to contribute to the indispensable transformation process on any location so that it may coexist with the preservation of social, architectural and urban qualities that have been present for a long time.

From analyzing a specific territory, we intend to contribute rigorously to the acknowledgment and appreciation of an urban setting whose identity is inseparable from relations established between the earth and the sea. Fishing, seagrass, agriculture, emigration, the family, women, and the way of building form important themes through which a shared way of life is decoded, and the collective memory is constructed.

The investigation is based on 3 levels of approximation. The first level of approximation is centered on the notion of territory, where the analysis is made all the way to the borders of Vila Chã, with the possibility of extending it to neighboring parishes and municipalities, in order to characterize the existing relations between spaces, often distant but profoundly committed to the daily lives and routines of the population. On a second level of approximation, the notion of neighborhood is portrayed and emphasized by the image of life in a community supported by a set of spaces and functions of proximity – the house is complemented by spaces and processes that are part of the public space in Vila Chã. The third level of approximation focuses on the notion of home, which allows us to understand how the way of building and occupying the most intimate space, associated with maritime activities, as if it was a refuge, reflects in its organization the daily work life of the fishermen, and it also allows us to think of the relation between the space and their lifestyle.

The three levels of approximation correspond to a process that extends from the general to the particular, despite there being – inevitably – many intersections/overlaps that have been discovered during the investigation, due to the direct and prolonged experience of the locations under study. Above all, these three levels of analysis allow us to organize the communication of a reality which is complex and in which everything is related, which makes it easier to describe some factors that have caused deep transformations in the community of Vila Chã and, consequently, in its urban development.

With the elaboration of a dissertation within the scope of a piscatory community, it was intended to describe a place in which the people and spaces that constitute the distinct heritage that has resulted in the growing transformation of the coastal area in spaces of leisure/tourism survive. It isn't expected for the investigation to profoundly change that which has been the transformation of these locations, although it leaves some insight on realities which can inform future transformations.

The protection of this location and this community is justified by the need to preserve a way of living in a society and occupying a space that is distinct from that which is predominant today.

--| ÍNDICE

Introdução

CASA TERRITÓRIO | Dinâmicas partilhadas

Território	10
Lugares	14
Visitação	20
Conexões entre a terra e o mar	22
Emigração	30
As mulheres	34
Realidade da Casa Território	37

CASA BAIRRO | Rotinas da Glória

O bairro	42
A Glória	48
A pesca	58
A apanha do sargaço	66
O Largo dos Pescadores	70
Identidade da Casa Bairro	81

CASA SALÃO | ou casa do mar

Casas de Pescadores	87
A casa da Glória	90
Simplicidade da Casa Salão	103

Epílogo	106
Índice de Imagens	110
Bibliografia	116
Anexos	122

0 | INTRODUÇÃO



Fig. 1 A rua e as casas dos pescadores no Lugar da Praia, em Vila Chã.

Introdução

«As imagens do meio ambiente são resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio. O meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador - com grande adaptação e à luz dos seus próprios objetivos - seleciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê.(...) A coerência da imagem pode surgir de vários modos. No objeto real pode existir pouco a ordenar ou a observar, no entanto, a sua figura mental pode ter ganho identidade e organização através da sua longa familiaridade.»

Kevin Lynch, A imagem da cidade - pg. 14

A fachada atlântica portuguesa, revela ambientes construídos que testemunham a diversidade e complexidade das relações estabelecidas entre as mais diversas comunidades e o mar. A freguesia de Vila Chã, localizada no município de Vila do Conde constitui-se como núcleo urbano excepcional. Um aglomerado urbano indissociável não só da pesca artesanal mas também fortemente marcado por um território no qual a componente agrícola é bastante relevante.

A crescente relevância da economia, do turismo, a possibilidade de acesso à habitação própria ou à 2ª habitação (enquanto investimento e/ou casa de férias) contribuiu de forma significativa para a transformação da costa portuguesa. Apesar das profundas transformações urbanas das últimas décadas, em Vila Chã permanecem ainda visíveis formas e práticas que remetem para processos que se encontram fragilizados e cada vez menos visíveis. Em Vila Chã, a contemporaneidade social e tecnológica coexistem com práticas e rotinas extremamente rudimentares.

Em Vila Chã, os lavradores, proprietários das grandes casas antigas agrícolas, não se dedicavam exclusivamente à agricultura, uma vez que possuíam também pequenos barcos com os quais praticavam a pesca junto à costa e, principalmente, a apanha do sargaço e do pilado - fertilizantes orgânicos naturais que contribuíam para um melhor rendimento das culturas. Normalmente, os proprietários de casas agrícolas possuíam 'casas do mar', uma vez que as residências ficavam longe do mar, para que fosse possível guardar os apetrechos da pesca, o barco e o sargaço depois de seco.

Vila Chã é uma comunidade piscatória, que se encontra localizada entre dois importantes pólos da indústria do mar e da pesca, o porto da Póvoa de Varzim e o de Matosinhos, fatores que contribuíram para a permanência desta comunidade. Para além da pesca como elemento de caracterização do espaço, as questões de género no trabalho árduo do mar serão realçadas, uma vez que a presença da mulher nas lidas do mar é muito assídua, partilhando ou substituindo o homem nas tarefas a realizar na terra e no mar.

As transformações ocorridas por via de desenvolvimento das indústrias do mar têm um importante impacto na organização física e social do território. Técnicas tradicionais de grande artesanias são hoje fortemente condicionadas pelo desenvolvimento de uma indústria extremamente globalizada. Leis, regulamentos, certificações associadas à elevada mobilidade de pessoas e bens reduzem progressivamente a possibilidade de ser diferente. Vila Chã inscreve-se neste processo, muitas das práticas que ainda hoje são notícia, encontram-se numa situação crítica.

«A globalização efetiva-se com uma maior presença através da capacidade destes recursos interligarem diversos pontos de todos os lugares do mundo, de forma abrupta demais para muitos o incorporarem no seu entendimento. Muitos das proezas tecnológicas que desencadearam esses processos de ligação do mundo descartam vários setores populacionais, para os quais, propõe Castells, que se procurem espaços de desenvolvimento criativo para evitar consequências devastadoras para quem é marginalizado.»

Comunidade Cultura e Arte, A sociedade da informação em rede aos olhos de Manuel Castells

Os anos 80 e 90 ditaram imensas perdas, a construção em massa associada à fragilidade dos instrumentos e estratégias de ordenamento impediram a proteção de bens materiais e imateriais, em muitos casos, património marítimo muito relevante. A linha da costa portuguesa é cada vez mais percorrida longitudinalmente e bem infraestruturada, o que nem tudo são aspetos negativos. No entanto, são muitas as soluções urbanísticas de baixa qualidade, resultando na perda da especificidade dos lugares perdendo-se o vínculo cultural e arquitetónico do local.

Apesar destas duas décadas serem de perda, nos últimos anos, na tentativa de cativar os habitantes e/ou turistas para uma economia local com base num território rico em recursos marinhos, a Junta de Freguesia de Vila Chã em conjunto com o município de Vila do Conde têm desenvolvido um conjunto de iniciativas que visam a conservação e proteção de bens materiais e imateriais, nomeadamente através de: centros de interpretação, núcleos museológicos, programas de ensino e de envolvimento dos mais jovens com os costumes da terra, entre outros.

O conhecimento de Vila Chã e a sua proteção enquanto espaço e casa comum exige uma aproximação transversal e transescalar, ou seja, uma abordagem de grande amplitude geográfica e temporal cuja originalidade provém também do papel desempenhado pela mulher.

Em Vila Chã, a linha de costa tem sofrido fortes alterações, por um lado, com o tempo as forças do mar tendem a avançar no território, destruindo edificações e redesenhando um novo espaço público. Por outro lado, a escassez de recursos marinhos tem sido um fator que põe em risco a atividade piscatória. A legislação e a fiscalização procuram proteger a pesca de determinadas espécies em vias de extinção, espécies fundamentais para a atividade de alguns pescadores que ao serem interditas obrigam a uma alteração profissional que pode passar pelo encontro de um trabalho seguro fora da vila - este facto tem alterado a vivência do espaço urbano. Neste caso, os pescadores ou sobrevivem por gosto à atividade ou a abandonam.

Remetendo ao contexto de crescente transformação do espaço urbano e de grande fragilidade de atividades económicas, que têm um tempo longo, espera-se que a investigação desenvolvida sobre a comunidade de Vila Chã, possa dar visibilidade a realidades comuns a outros núcleos piscatórios e possa alterar a forma de pensar a transformação da costa portuguesa.

A presente investigação está dividida em três partes. Com o recurso à ideia de casa como *«um local que pertence a um conjunto específico de pessoas e também define, por co-residência e uso partilhado, o conjunto de pessoas que pertencem a um determinado local.»*¹, procura-se dar visibilidade a formas de habitar, produzir e construir, de grande especificidade. Na primeira parte, a Casa Território - Dinâmicas partilhadas, procura-se contextualizar espacialmente e acompanhar cronologicamente o processo de crescimento urbano do território de Vila Chã, da atividade piscatória e o papel da mulher num contexto de grande emigração. Na segunda parte, Casa Bairro - Rotinas da Glória, aborda-se o conceito de bairro como um lugar de práticas sociais partilhadas, delimitando os espaços referentes às atividades da pesca, do sargaço e da venda do peixe; também são representadas as intervenções que maior impacto tiveram naqueles que é o espaço comum às atividades - o Largo dos Pescadores. Na terceira e última parte, Casa Salão - ou casa do mar, é feito um percurso pelas casas dos pescadores. Um olhar sobre as especificidades tipológicas e construtivas de três regiões: o litoral norte, o litoral centro e a região do Algarve. A uma escala mais aproximada do que as anteriores, a casa da Glória, é sujeita a uma detalhada apresentação da sua organização espacial, sistema construtivos e principais evoluções.

Tendo em atenção as alterações realizadas de modo a melhorar o conforto de quem usufrui do espaço. Assim, o conhecimento obtido nesta investigação permite descobrir uma relação entre a terra e o mar que deve ser considerada nas estratégias, bem mais genéricas, preconizadas pelos principais instrumentos de ordenamento da orla costeira, nomeadamente o POOC-CE. (*ver anexos*)

Cada uma das três partes do trabalho contém informação proveniente de uma estreita interação com a comunidade de Vila Chã. Ao longo dos últimos meses foram muitas as horas passadas no local e foram muitos os testemunhos recolhidos. São testemunhos provenientes de distintas gerações que permitem o desenvolvimento do conhecimento empírico e consequente identificação de temáticas a aprofundar.

Vila Chã é um território com fatores de interesse para o campo da investigação, sendo destacada pela sua singularidade. Sally Cole, investigadora canadiana, publicou um livro *Mulheres da Praia: O trabalho e a vida numa comunidade costeira*, que foi desenvolvido entre Maio de 1984 e Junho de 1985, constituindo, assim, uma importante referência. Tendo em conta a estrutura do seu livro, que está organizado em 7 capítulos, particularmente relevantes para o cumprimento dos objetivos da investigação, contendo temas que se referem à evolução urbana e social de Vila Chã, assim como fazem referência ao papel da mulher. Com base na investigação que a autora desenvolve no âmbito da antropologia, procurou-se desenvolver algumas temáticas com o contributo da área disciplinar da arquitetura. O contributo teve como suporte fundamental a actualização dos elementos iconográficos, provenientes de um novo levantamento fotográfico, a produção de diagramas síntese de alguns dos mais importantes processos urbanos, bem como, o levantamento arquitetónico das casas de Vila Chã. A confrontação entre as novas fotografias e as fotografias antigas (muitas delas integram o trabalho de Sally Cole), permitem obter uma leitura mais completa e atual das principais transformações espaciais.

No âmbito de uma investigação em Arqueologia, *Comunidade Piscatória de Vila Chã (Vila do Conde) - pescadeiras, pescadores, embarcações e artes de pesca*, Diana Silva trata, num panorama geral, a distribuição espacial e a constituição habitacional aliada à atividade piscatória e à indústria da construção naval, também no mesmo alinhamento, foi publicado um artigo *A Comunidade Piscatória de Vila Chã (Vila do Conde) - Cultura e Desenvolvimento*, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ambos os trabalhos serviram de referência na análise do espaço e das atividades marítimas.

O interesse pela divulgação da história deste território passa, também, por habitantes locais como, António de Azevedo Dias que publicou o livro *Vila Chã e suas Origens* e Amadeu Ramos dos Santos que publicou o livro *Villa Cham: da Maya/Villa do Conde*, onde descrevem factos marcantes para o desenvolvimento da freguesia.

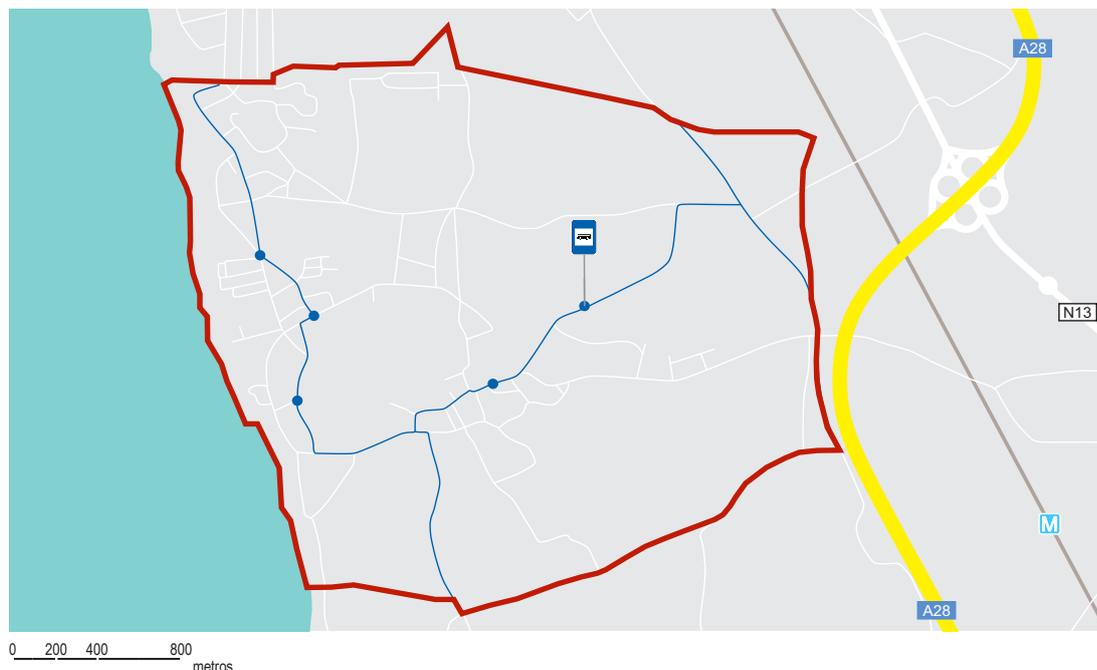
¹ Encyclopedia of Anthropology, House and Home - <http://www.anthroencyclopedia.com/entry/house-and-home>

1 | CASA TERRITÓRIO

Dinâmicas partilhadas

Território

Fig. 2 Limite da freguesia de Vila Chã e principais acessos rodoviários.



Vila Chã ou Villa Plana é uma freguesia costeira do concelho de Vila do Conde e compreende 4,81Km² de área, dista cerca de 8,5 km da sede do concelho e é delimitada por Mindelo, a norte, por Modivas, a nascente, e Labruge, a sul. Encontra-se a 17km do porto de mar da Póvoa de Varzim e a 21km da cidade do Porto, área metropolitana na qual a freguesia se insere. Até à data de 6 de novembro de 1836, Vila Chã fez parte das Terras da Maia.

Vila Chã é hoje uma freguesia com elevada mobilidade, pois tem uma infraestrutura viária de velocidade elevada que permite aceder a toda a área metropolitana do Porto e aos principais interfaces de transporte coletivo, aeroporto e estações ferroviárias. Esta elevada acessibilidade potencia o seu desenvolvimento urbano e, simultaneamente, tem alterado lógicas antigas que justificavam a proximidade entre o local de trabalho, residência ou lazer.

O território de Vila Chã está organizado em dois ambientes - o espaço rural, que é cada vez mais caracterizado por lógicas de ocupação (densidades e tipologias) e por infraestruturas comuns aos ambientes urbanos, e o marítimo. O primeiro ambiente localiza-se no interior, onde usufrui de fatores como o clima, a hidrografia, os solos e a vegetação que atingem valores e qualidades que lhes assegura elevada fertilidade e consequentemente grande capacidade produtiva. É uma área ladeada por uma mancha arborizada que funciona de barreira protetora contra os agentes invasores, vindos de oeste. O segundo ambiente situa-se ao longo a linha da costa, que, para além de estarmos na presença de um território tão complexo e extremamente organizado estamos, também, perante uma zona costeira com uma diversificação rica em espécies, que impedem qualquer generalização. A orla marítima de Vila Chã apresenta alguns sistemas dunares de dimensões significativas, como praias de areias graníticas, finas e médias e a existência de um número elevado de maciços rochosos, que tanto retêm uma grande variedade de algas como também formam uma espécie de abrigo e proteção natural à entrada e saída das embarcações de pesca. (OLIVEIRA, Sónia Azevedo, OLIVEIRA, Isabel Barca & FERREIRA, Manuela Malheiro Dias: 2010, 8)

A anfitriã de Vila Chã é a natureza. Uma vez que a recepção aos visitantes é feita com densas áreas de florestação, que servem de barreira e ao mesmo tempo de entrada para um novo ambiente marcado por uma mistura de imagens contrastantes do construído, entre o novo e velho, e o cruzamento de estilos no que toca ao modelo de residência e de atividade nela exercida.



esc. 1/10 000



Fig. 3 As principais camadas territoriais de Vila Chã: topografia, hidrografia, estrutura viária, parcelar, edificado.

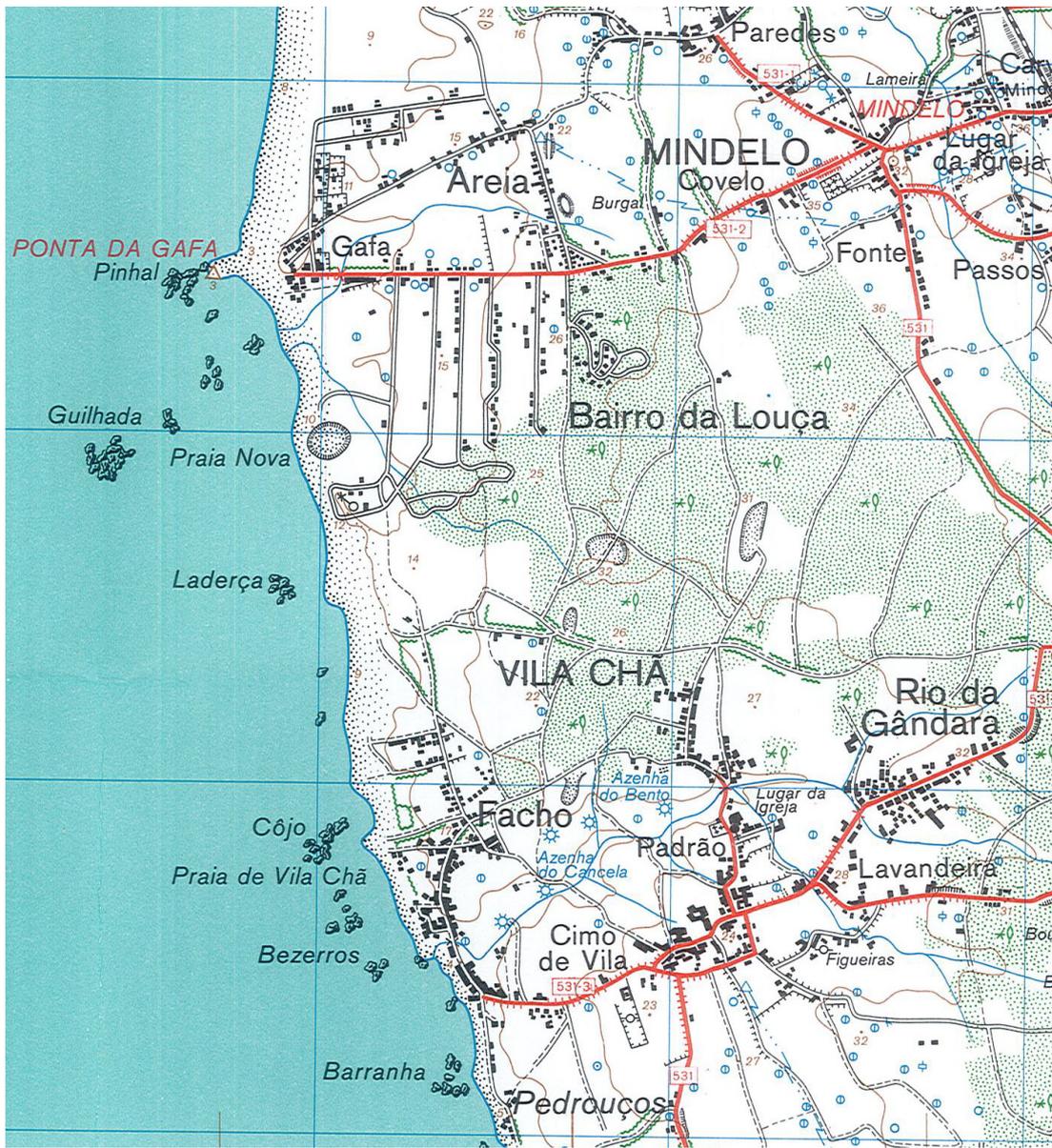


Fig. 4 Lugares de Vila Chã, extrato da carta militar de 1996.

Lugares



Fig. 5 Lugares de Vila Chã, atualidade.

O território de Vila Chã divide-se em 9 lugares cuja designação permite desde logo identificar alguns dos seus elementos caracterizantes e introduz um pouco da sua complexidade. Pese embora, nos dias de hoje, a identidade de cada um destes lugares seja menos visível, constata-se que a grande parte dos lavradores detentores das grandes casas de lavoura vivem entre a Lavandeira, o Rio da Gândara e o Cimo da Vila (os lugares mais antigos), enquanto que os pescadores ocupam o lugar do Facho e da Praia. Todos aqueles que estão empregados fora da vila e sem contacto com o exercício das atividades da agricultura e da pesca, e que necessitam de sair todos os dias de Vila Chã para trabalhar, ocupam os restantes lugares ou misturam-se pelos lugares que ladeiam as estradas que deixam a freguesia.

A localização dos principais equipamentos públicos de Vila Chã (fig.5) revela uma dispersão que não potencia qualquer dinâmica que trabalhe num todo, dificultando, também, a coesão social. Considerando que esta realidade dificilmente vai ser alterada, importa repensar os espaços públicos responsáveis pela articulação destes equipamentos, nomeadamente do ponto de vista da sua organização funcional e conforto pedonal.

«freguesia que compreende 10,5km² de terra cultivada e de pinhais e matas de eucaliptos que se estendem para este, subindo as vertentes pouco pronunciadas à medida que nos afastamos da costa. (...) Esta dispersão no que toca ao modelo de residência e de trabalho na freguesia significa que não existe 'centro'. A igreja e o cemitério localizam-se no centro geográfico da freguesia, perto da casa dos lavradores; os pescadores e outros residentes na freguesia andam cerca de um quilómetro para ir à igreja, à missa de sábado à tarde e de domingo de manhã.»

Sally Cole, Mulheres da praia - pg.22-24



Equipamentos públicos

- 1** Junta de Freguesia
- 2** Igreja S. Mamede
Cemitério
Escola Primária
- 3** Paque de Campismo
Núcleo Museológico
Albergue
- 4** Escola Primária
Igreja Evangelista
- 5** Instalações do ISN e da Iota Docapescas



Fig. 6 Localização dos principais equipamentos públicos.



Fig. 7 Vista aérea do território de Vila Chã, 1951.



1. Rua da Praia



2. Av. dos Banhos



3. Rua da Praia



4. Largo dos Pescadores



5. Rua do Facho



6. Rua do Facho



7. Rua do Facho



8. Rua dos Merenses



9. Rua dos Merenses



10. Rua do Sol



11. Rua dos Merenses



12. Rua dos Merenses



13. Rua Trás do Fieiro



14. Rua da Igreja



15. Rua da Lavandeira

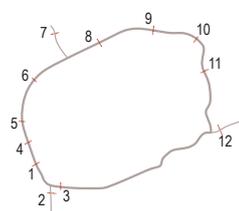


Fig. 8 Sequência de fotografias do percurso entre os vários serviços de atendimento ao público.

Por outro lado, a dispersão urbana da habitação e dos equipamentos podem constituir uma oportunidade de fortalecimento da equidade territorial. No entanto, essa estratégia não deve implicar a perda da identidade dos lugares anteriormente identificados.

Perante esta realidade, foi feito um levantamento que analisa as condições que são dadas às pessoas para se movimentarem entre os equipamentos, demonstrando que o espaço está cada vez mais uniforme e a identidade de cada lugar deixa de ser perceptível. Também, existe um grande problema de segurança e conforto, que se podem desenvolver itinerários pedonais em vias menos condicionadas pelo automóvel ou criar zonas com velocidade reduzida, 30km/h. O importante é que se pense a mobilidade leve como estruturante e potenciadora da reabilitação do território.



Fig. 9 Peregrinos a caminho de Santiago de Compostela pela rota da linha da costa.

Visitação

Em Vila Chã, o turismo é do ponto de vista económico cada vez mais relevante. Porém, estamos a assistir à passagem de um modelo no qual o turismo tinha grande sazonalidade e instalava-se em casas fechadas grande parte do ano para um modelo no qual as práticas do turismo são bem mais diversificadas, como por exemplo, o turismo pedestre - associado à prática de exercício e aos caminhadores, contempladores da natureza e o turismo de domingo - dirigido para a restauração. Ao mesmo tempo que a pressão do turismo transforma o território, ela, também, está a contribuir para a proteção de algumas práticas tradicionais. Na pesca ou na recolha de algas identificam-se atividades, que embora débeis, podem ter retorno em outros sectores da economia, nomeadamente o turismo.

Na época balnear a dinâmica deste local altera-se, principalmente devido ao parque de campismo *Sol de Vila Chã* que promove a permanência temporária dos visitantes, levando-os a desfrutar das praias e da gastronomia da região, assim como, permite uma fácil deslocação a pontos de interesse turístico (Porto, Braga, Guimarães, Viana do Castelo, ...). Ainda, junto ao parque de campismo, num aproveitamento de uma escola primária fechada foi criado um museu, denominado de Núcleo Museológico de Vila Chã - *Memórias de uma terra*, onde dá a conhecer a pesca artesanal, reunindo um amplo e diversificado conjunto de objetos utilizados no passado e na atualidade - local administrado por Benjamim (ex. construtor naval).

A Paisagem Protegida do Litoral Norte de Vila do Conde e Reserva Ornitológica de Mindelo, como a Rota do Castro fazem parte de um património construído e natural, que tem potenciado Vila Chã enquanto espaço de visitação.

Vila Chã enquadra-se na *Paisagem Protegida do Litoral de Vila do Conde e Reserva Ornitológica de Mindelo*, isto traduz-se numa área que acolhe e salvaguarda uma enorme diversidade de espécies de aves, anfíbios e mamíferos, e seus respetivos habitats, que se encontram em vias de extinção. Sendo esta uma área protegida, as visitas de naturalistas profissionais e amadores são constantes, assim como, se assiste a inúmeras aulas de campo de estudantes da Universidade do Porto, que realizam projetos de investigação no âmbito desta área de estudo.

Também, é interveniente na *Rota do Castro de S. Paio*, que consiste num trajeto de, aproximadamente, 10Km de distância, que podem ser percorridos a pé ou de bicicleta, e tem início na praia de S. Tiago de Labruge, onde se destaca a capela de S. Paio. Os pontos de interesse que marcam Vila Chã são a visita ao museu *Memórias de uma terra*, em que a rota segue para a praia de Laderça, onde começam caminho pelos passadiços até ao lugar do Facho, lugar este onde, desde o século XVII, era frequente acender fogueiras para a orientação à navegação. Depois passam pelo largo da lota, que se destaca pelas pequenas casas de aprestos dos pescadores e ao lado, para sul, ergue-se um aglomerado denso de habitações, anteriormente destinadas a pescadores, por fim, seguem os passadiços junto ao mar, terminando o roteiro onde iniciaram.

Aproveitando a paisagem e os passadiços para caminhar, Vila Chã integra o percurso do Caminho da Costa (Porto-Santiago). De forma a dar resposta e auxílio aos peregrinos a nível de cuidados de higiene e saúde, alimentação e prenoitar, após a caminhada, foi construído, nas traseiras do núcleo museológico, o *Albergue de S. Mamede de Vila Chã*.



Fig. 10 Levantamento da Carta Corográfica do Reino elaborada à escala 1:100.000 por Filipe Folque entre 1868 e 1883.

Conexões entre a terra e o mar

Em Vila Chã, a relevância das conexões entre a terra e o mar remontam às primeiras descrições do povoado. A primeira referência histórica que menciona a localização de Vila Chã encontra-se no documento *Diplomata et Chartae* da coletânea Portugaliae Monumenta Histórica, datado em 1033. Este documento consiste numa carta de doação das villas situadas no território litoral de Portugal, por parte de Dona Vistrégia Galindes a Gutierre Trutesindes e sua esposa, senhores da Villa de Varzim, e de todas as villas entre os rios Ave e Cávado. A segunda referência ao atual território de Vila Chã refere-se ao termo Villa Plana que foi feita nas Inquirições de 1258 onde o rei D. Afonso III ordenou que a paróquia de Vila Chã das Terras da Maia fosse dividida em duas vilas – a Villa Plana e a Villa Miranci - que partilhavam a mesma igreja, a Igreja de S. Mamede de Vila Chã, que em 1120 era designada por «Ecclesia Sanctae Mariae de Villa Plana».

Em 1388, um documento que faz referência à freguesia reporta uma doação pela abadessa Violante Henriquez para Lourenço Martins de Avelai e sua esposa, morador de Vila Chã, inscrito no cartório do Mosteiro de Vairão. Por esta altura, é provável que as duas villas, Villa Plana e Villa Miranci, já se tenham juntado numa só. Com o decorrer do tempo, outras menções relativas a Vila Chã se foram sucedendo, como é o caso de em 1611, a demarcação de Mindelo-Vila Chã e em 1612, a de Labruge e Modivas-Vila Chã, ambas no inscritas no cartório do Mosteiro de Moreira da Maia, actual Torre do Tombo, assim como, no Floral da Maia, em 1519 (atribuído pelo rei D.Manuel) e nas Memórias Paroquiais, de 1758.

Apesar do território de Vila Chã estar implantado numa área privilegiada, tanto para a arte da pesca como para o controlo por via mar, esta fronteira entre terra e mar estava cada vez mais vulnerável e sujeita a vários incidentes com barcos estrangeiros como à entrada de inimigos e corsários. Deste modo, em 1796, D.João VI, ordenou ao general Correia de Sá, que construísse um forte - *Forte de S.João de Vila Chã*, junto ao penedo da Aguilhada, de forma a extinguir os incidentes provocados pela pirataria e, acima de tudo, não colocar em perigo a neutralidade de Portugal.

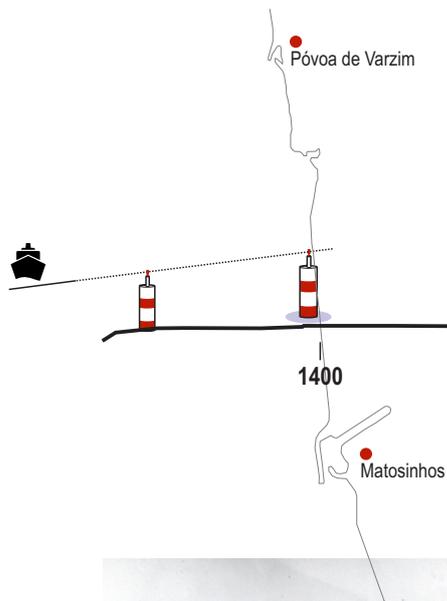
«Foi erigido defronte da enseada da pedra da Guilhada. Constava de uma bateria com cinco canhoerías e uma rampa de acesso. À retaguarda uma casa, composta à esquerda pelo paiol e armazém de pólvora, ao centro a casa propriamente dita, e à direita por duas dependências para alojamento dos soldados. Estava cercado, do lado do mar, por tábuas de madeira para conter as areias.»

Amadeu Ramos dos Santos, Villa Cham da Maya/Villa sdo Conde - pg. 71

Depois das guerras Peninsulares (1807-1814), o forte ficou ao abandono, mantendo-se, contudo, artilhado. Entre 1823 e 1826, ainda conservava dois canhões de bronze, no entanto, após 5 anos, um deles foi perdido, sem se saber o seu paradeiro e durante as guerras miguelistas o forte foi ocupado pelos soldados, que findadas as guerras, voltou ao abandono completo, quando, por fim, as pedras foram pilhadas e utilizadas para a construção de muros de vedação e de casas.

Em 1890, no *Inquérito Industrial e Comercial: a pesca* - um relatório do governo sobre o estado das pescas, entre o rio Minho e o rio Douro, onde é referido o número de pessoas empregues na pesca, homens e mulheres, tanto pescadores como lavradores, associando a pesca como uma atividade paralela à agricultura. Este documento menciona as actividades marítimas praticadas em Vila Chã, como é o caso da apanha do sargaço e do pilado² e as várias espécies de peixe capturado à rede e à linha.

² O pilado (*Polybius henslowi*) é uma espécie de caranguejo (caranguejo mole) que tem a capacidade de 'voar' dentro de água, devido ao último par de patas ter uma forma achatada, plana e arredondada no final. Este recurso aparece todo o ano, embora que se encontra com maior quantidade e melhor qualidade para iscar nos meses de Setembro, Outubro e Novembro. - Dissertação de Diana Silva - Comunidade Piscatória de Vila Chã (Vila do Conde).



Sargaço



— **1432**

D. João I, ordenou...
 «aos Juizes, Vereadores, e homens bons do Porto que não consintam que Fernão Vasquez da Cunha, donatário das **TERRAS DA MAYA**, atente contra o direito dos lavradores sobre o sargaço, levando-lhes por ele alguma coisa.»

— **1502**

D. Manuel I, ordenou...
 «que os lavradores podiam apanhar livremente o argaço, sem nada pagar por ele.»

1519

| **1600**

— **1611-1612**

— Demarcação dos limites com as freguesias vizinhas, Mindelo, Modivas e Labruge.

— **1798**

D. Maria I, sob apelos de bispos e padres
 «Nos dias anteriores ao Domingo e dias santos de guarda, seja o fim da tarde e hora assinalada para largar o serviço (...) no principio de cada ano, (...) um lavrador dos mais capazes, a votos do povo, para como juiz, para observância da mesma regra, com autoridade para condenar até mil reis, ...»

— **Finais do séc. XIX**

— início da apanha do «pilado» ou caranguejo, como arte de arrasto.

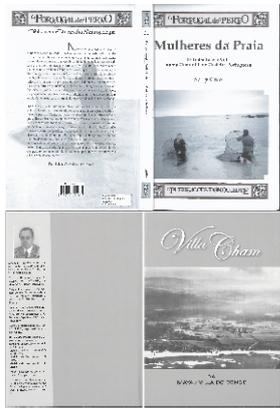
— **1940-50**

— O «pilado» começou a escassear nesta costa, o que originou o abandono completo dos lavradores das lides do mar, abandono este reforçado com a introdução de adubos químicos, o que lhes permitia maior rendimento agrícola.



Comunidades piscatórias na região Norte.





1920

1.ª Mulher Pescadora

«Eternas sacrificadas, tiram-no da boca para aparelhar o cesto dos homens. Vendem, carregam as redes, lavam-nas, sem um fio enxuto no corpo metem o ombro aos barcos para os deitar ao mar. Acabada a pesca todo o trabalho cabe à mulher, que fabrica a graxa, que trata dos filhos, que faz as redes, as lava e as conserta e que vai vender por esses caminhos fora.»

1792-1795

Campanha do Rossilhão

Espanha se aliou à França contra a Inglaterra, a costa portuguesa viu-se constantemente invadida por navios estrangeiros que planeavam atacar de surpresa. Uma das formas encontradas para assegurar a neutralidade era fiscalizar e observar todos os movimentos que se registavam no mar.



1700

1800

1900

2000

1796

«A sua construção, de carácter provisório, foi realizada por cima da areia. A bateria coberta por lajes de pedra, situava-se num ponto mais elevado servida por uma rampa em pedra, e a sua configuração era semicircular. Era servido por cinco aberturas para canhões e mais umas quantas bocas-de-fogo revestidas a pedra. Este forte tinha, também, uma casa que servia de paiol e de quartel. Todo ele era cercado por estacaria e do lado do mar por pranchas de madeira.»



1836

A actual freguesia de Vila Chã pertence ao concelho de Vila do Conde desde 6 de Novembro de 1836, aquando da nova Divisão Administrativa do país.

1905

Na viragem do século, as pessoas começaram a fixar-se, ilegalmente, na linha de costa, terra pertencente ao Estado, no lugar da Praia e do Facho.



1947

Primeiro homem de Vila Chã, a ingressar na frota nacional da pesca do bacalhau, «Frota Branca».

1971

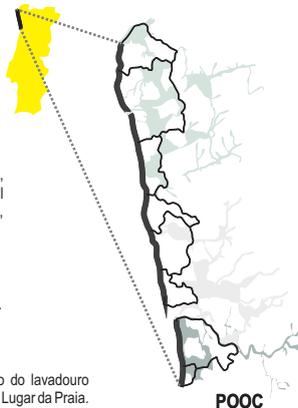
Construção da lota.

1985

Construção do lavadouro público, no Lugar da Praia.

2007

Plano de Ordenamento da Orla Costeira
Apresentação de um projeto que investe na zona costeira entre Caminha e Espinho, nomeadamente ao nível das infraestruturas de saneamento básico, acessos, parques de estacionamento, demolições e requalificação dos espaços públicos.



Fotografia da década 40



Concelho de Vila do Conde

1890

Inquérito Industrial e Comercial: a pesca

Relatório do governo sobre o estado das pescas em mais de trinta portos e praias do norte de Portugal, entre o rio Minho e o rio Douro, com referência a Vila Chã.

Fotografia dos anos 40

Precariedades no trabalho



Fig. 11 Linha cronológica que sintetiza os principais fatores de conexão entre a terra e o mar.

«Com o crescimento da população e as leis relativas à transmissão de heranças deram origem ao aparecimento de pequenos terrenos, inviáveis do ponto de vista agrícola, e as novas leis dos impostos trouxeram pesados fardos à população rural, criando uma situação de crise económica que forçou muitas pessoas a abandonarem as terras e deu lugar a um aumento das taxas de emigração.»

Sally Cole, Mulheres da praia - pg.41

No século XIX, o território povoado concentrava-se entre o Cimo da Vila, a Lavandeira e o Rio da Gândara, os lugares onde os lavradores tinham as suas grandes casas de lavoura (algumas das quais permanecem até aos dias de hoje). Neste período, já existiam algumas construções junto à linha do mar, por parte dos agricultores - pescadores, que construíram as suas cabanas na praia para guardar os apetrechos, o barco e todo o material essencial à apanha do sargaço, levantando problemas que impulsionaram o aumento da extensão do povoado, em direção à praia.

Ao longo das décadas seguintes, diversos processos motivaram a extensão e densificação do povoado. A transmissão e proteção da integridade da propriedade, o morgado - onde, no caso de uma família numerosa, com a exceção do filho mais velho, os restantes descendentes dos agricultores eram privados da propriedade familiar, que conseqüentemente viram-se obrigados a deixar as suas terras e a precisarem de procurar novos lugares que tivessem recursos suficientes para sobreviverem. Trata-se de algo muito relevante que explica a expressividade que os solos agrícolas, ainda hoje, têm na freguesia.

Segundo o trabalho etnográfico *Mulheres da Praia*, de Sally Cole, as terras do Estado eram as únicas parcelas de terra que não pertenciam a nenhum senhorio e serviam-se de recursos valiosos e próximos, como o sargaço e a pesca, para o ganha pão daqueles que tinham perdido tudo. (Sally, 1994:19) Os descendentes de agricultores passaram a ser sargaceiros e pescadores, apropriando-se ilegalmente das terras paralelas à linha do mar, onde construíram uma espécie de cabanas em madeira para guardar os utensílios da pesca e, na sua maioria, servia de habitação permanente, com condições muito precárias.

Contribuição do sargaço nas conexões entre a terra e o mar

No século XIX, sendo já claros os novos processos de apropriação do território e as transformações na estrutura parcelar, assiste-se à necessidade de cultivar a terra de um modo mais intensivo e, conseqüentemente, o aumento do uso de fertilizantes. O sargaço, que resulta na produção de fertilizantes naturais, deixou de ser uma atividade praticada pelos lavradores, uma vez que não era conciliável com o trabalho agrícola. Assim, a intensificação do cultivo encorajou as pessoas, que não possuíam terras, a fixarem-se nas dunas ao longo da costa, de forma a organizarem uma economia à volta da produção deste tipo de fertilizantes naturais, vendendo e/ou trocando com os lavradores o que precisavam para utilizar nas suas hortas de cultivo.

Em virtude dos recursos disponíveis no território e das atividades que deles advêm, surgiu a necessidade de conciliá-las durante todo o ano, considerando um conjunto de atividades sazonais. Com base nas atividades pré-existentes, os sargaceiros, com o seu espírito singular e dinâmico, foram responsáveis pela economia que gira em torno da recolha e produção de algas - intensificando e formando a cultura de elementos marinhos, e, principalmente, a criação de fortes raízes junto à costa.



Fig. 12 Pescadores de Vila Chã homenageados.

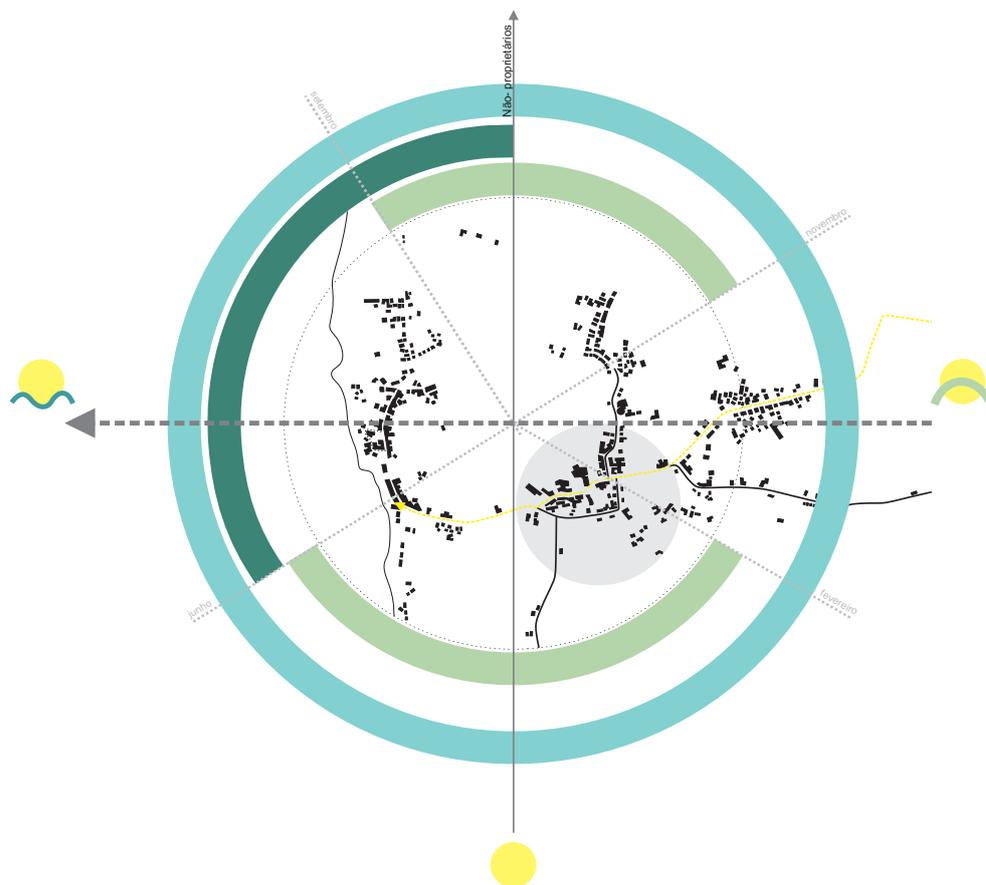


Fig.13 Esquema referente à sazonalidade das atividades praticadas pelos que não eram proprietários.

Legenda

- agricultura
- sargaço
- pesca

Perante a sazonalidade da apanha do sargaço e a necessidade de assegurar um rendimento anual, os habitantes não proprietários de grandes terras, trabalhavam como jornaleiros para os lavradores, durante a época das plantações, na Primavera, ou na época das colheitas, no Outono. No caso de ser possível conciliar as três atividades, iam para a faina, ou como serventes dos mestres de barcos, ou iam pescar à linha, sozinhos, para consumo próprio, sendo que o que excedia, era vendido ou na praia ou de porta em porta pela freguesia. (Cole, Sally:1994, 23)

Tal como é referido na fig.13, a integração das atividades pré-existent não-combinadas, teve influência na divisão espacial entre aqueles que vivem da agricultura (à direita) dos que vivem dos recursos do mar (à esquerda). E, apesar de existir uma dicotomia entre os dois ambientes, tão marcada territorialmente, verifica-se que as atividades criam um processo cíclico, completando-se mutuamente, tanto na dinâmica do trabalho como na economia local. O facto dos sargaceiros (não proprietários) exercerem as três atividades sazonalmente e, em algumas épocas, intercaladas, potenciava a economia durante todo o ano.

Trata-se de uma forma de organização do trabalho nada convencional e que em grande medida explica a diversidade dos quotidianos e das ocupações que, ainda hoje, se podem identificar em Vila Chã. Esta dinâmica permite explicar que em Vila Chã não é comum existir um espaço urbano marcado pelos ciclos horários de quem tem um trabalho das 8 às 17h. Este tema permite provar a importância da Casa Território para a caracterização da atual identidade de Vila Chã.

«Com o tempo, estes dois grupos (os lavradores e os que não tinham terras, especialmente aqueles que se dedicavam à pesca) definiram-se localmente como dois grupos sociais antagónicos, e a sua posição veio a dominar a vida da freguesia.»



Fig. 14 Pescadores de Vila Chã na pesca do bacalhau.

Emigração

Nos anos 50, o pilado começou a escassear, levando automaticamente à introdução dos adubos químicos e ao abandono total das lidas do mar por parte dos lavradores. Para agravar ainda mais a situação, a baixa do custo do peixe tornou insustentável a permanência na atividade e, entre os anos 50 e 60, aproveitando muitas das dinâmicas económicas do pós 2ª grande guerra e procurando países com um setor pesqueiro mais ativo, muitos homens emigraram para o estrangeiro em busca de trabalho em indústrias pesqueiras maiores, como as do Brasil, Angola e Moçambique.

A emigração foi considerada por grande parte da população como a solução forçada para evitar a miséria, o endividamento, a perda de bens e a perda de autonomia financeira. Geralmente, era a população mais jovem, homens solteiros ou recém-casados, que foram obrigados a emigrar na esperança de regressar, construir uma casa e alcançar os seus propósitos de vida conjunta, muitos dos quais haviam feito planos de emigrar para um dia voltar de vez, algo que não aconteceu, sendo constantemente forçados a voltar para o estrangeiro.

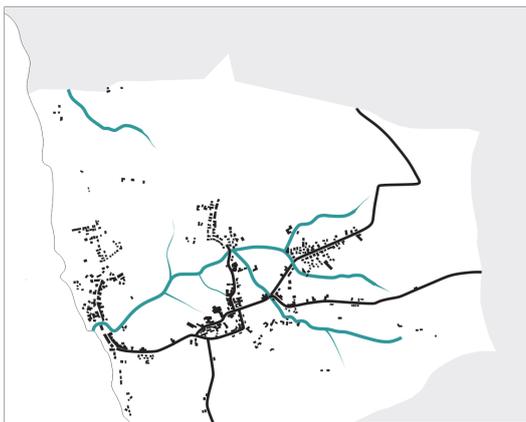
Por outro lado, os pescadores que não pretendiam deixar a sua terra e emigrar, ingressaram na frota portuguesa da pesca do bacalhau, «Frota Branca», com a condição de quem fizesse seis viagens consecutivas estava dispensados do serviço militar, que na altura significava combater na Guerra Colonial da África Portuguesa. E, apesar de receberem salários baixos, mas que em comparação ao que ganhavam em Vila Chã, eram vantajosos, e permitia investir os seus ganhos num pequeno barco e numa casas com as devidas condições, sendo que depois de terem superados esses investimentos voltavam para a pesca diária de Vila Chã.

«Nos anos 60, foi activado um decreto-lei que isentava de serviço militar os pescadores de bacalhau que realizassem seis campanhas consecutivas. Isso significava não ir para a guerra de África. Muitas vezes, surgia o dilema: ir para uma guerra ou para outra... Mas as memórias do trabalho humano da pesca do bacalhau são muito plurais e muito diversas entre si. Há pescadores que evocam algum trauma, outros que não.»

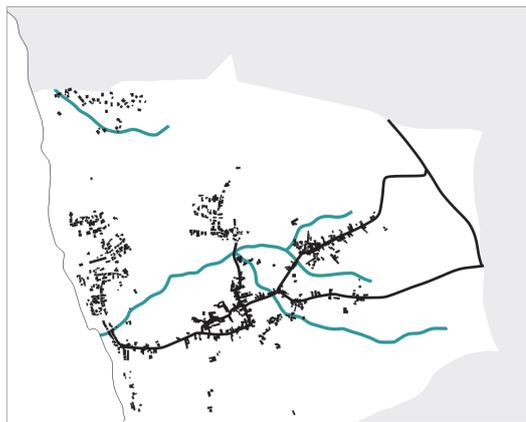
Álvaro Garrido, www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/os-capitães-portugueses-da-terra-nova

Nos anos 60, os rotulados de emigrantes, permaneceram, sendo que a procura com mais interesse foi a França, devido à sua proximidade e possibilidade de ir de visita a casa com maior regularidade. Nesta altura, os que emigravam para França, faziam-no em casal, o homem procurava a construção civil e a mulher ou era doméstica ou empregada de limpeza. Em relação aos que se dedicavam à pesca e estavam emigrados tinham como destino a Alemanha Ocidental, com a finalidade de trabalhar na indústria pesqueira, e para aqueles que tinham ingressado na frota do bacalhau, regressaram à sua terra, investindo o valor do seu trabalho em barcos a motor, que requeriam menos tripulação e permitiam ir com maior frequência ao alto mar.

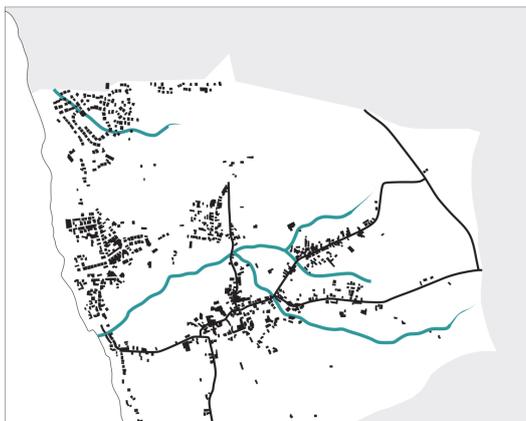
Nos finais dos anos 70, tornou-se cada vez mais complicado emigrar, uma vez que a taxa de emigração portuguesa já era alta, os países que acolhiam os portugueses começaram a impedir a passagem nas fronteiras, assim como, levou ao aumento de exigência e a necessidade de formação especializada, dificultando o acesso a muitos postos de trabalho. Por outro lado, com base no livro da investigadora canadiana, Sally Cole, na década de 70, sob influência daqueles que emigraram e trouxeram novos conhecimentos do estrangeiro, surgiu a possibilidade de evoluir e aprimorar de técnicas da arte de pescar através de novos tipos de redes, armadilhas e apetrechos.³



1971



1979



1996



2017

Fig. 15 Esquema da evolução do território.

Após décadas passadas na luta por um objetivo comum - a construção de uma casa e a compra de um barco, possibilitou que a maior parte dos pescadores tivessem barco próprio, mas devido ao aumento exponencial dos preços de produção e à negligência do estado em relação à proteção da primeira venda, os preços praticados eram extremamente baixos, não cobrindo metade dos custos gastos pela prática da atividade. De forma a combater estes problemas, nos anos 80, os pescadores trabalhavam sob um sistema de alternância, que consistia em trabalhar a pares - cada um utilizava, diariamente, as suas redes e armadilhas, apesar de as embarcações que saíam ao mar, ora era de um, ora era de outro. Ainda hoje, esse sistema é aplicado entre os pescadores.

A emigração levou ao abandono de Vila Chã e, conseqüentemente, à fragilização das famílias, contribuindo para o reforço do papel da mulher na comunidade. A mulher teve necessidade de assegurar as rotinas familiares, colocando à prova as suas capacidades em coordenar todas as lidas diárias, inclusive as que eram atribuídas ao homem.

Por outro lado, a emigração ajudou ao desenvolvimento urbano da freguesia de Vila Chã, tendo em conta que os emigrantes economizavam o suficiente no país onde trabalhavam para construir as suas próprias habitações na sua terra natal. Posto isto, muitos lotes foram infraestruturados por imagens e formas influenciadas pelo percurso migratório, resultando numa rutura com os modelos da arquitetura tradicional, que fazem parte de um cenário de todo o processo de transformação do território.

O esquema da fig. 15 representa a evolução do território após o auge da emigração, e com base na camada da área construída e na das linhas de água, entre as décadas 70 e o estado atual. Segundo a camada da área construída, verificámos um aumento exponencial do construído, sendo que a frente de mar para norte foi a que teve mais intervenções, sendo a mais invadida pela construção de vivendas, maioritariamente, de emigrantes, sob influências internacionais. Atentando nas linhas de águas presentes nos anos 70 em comparação com as atuais têm sido completamente anuladas, restando um pequeno riacho, que é encaminhado desde o Rio da Gândara até ao Largo dos Pescadores, que se encontra parcialmente canalizado.⁴

³ Nos últimos anos do Estado Novo, Portugal começou a abrir processos e acontecimentos que permitiram uma maior agilização e novas alternativas de apoio à população rural. A emigração feita em vários pontos da Europa foi fator primordial, uma vez que as influências e conhecimento vindos do estrangeiro permitiram a evolução em vários setores da localidade.

⁴ O desenvolvimento a nível da urbanização e no setor da industrialização motivaram à melhoria dos acessos viários, facilitando a passagem do serviço de transportes públicos. Estes fatores permitiram o incentivo à formação especializada e ao investimento no combate contra o analfabetismo - oferecendo novas oportunidades em novos setores da economia. Para além de todos os fatores antes mencionados, a comunicação social e o turismo foram os grandes apoios que potenciaram o desenvolvimento territorial e económico.

Portugal é o único país do mundo
 onde há mulheres, corajosas e valentes, que, tripulando pequenos barcos, passam a noite no mar, à pesca da sardinha, da faneca e doutras espécies da fauna marítima

O que tem sido a vida de esforço e de sacrifício da gente de Vila Chã—Pescadeiras vítimas do dever—Uma condecoração que se impõe



Friso de pescadeiras sãs e sorridentes, em cujos rostos expressivos se adivinha satisfação e optimismo...

Não sempre um castelo vale para falar na gente do mar. Basta sempre um garmento e acender-se a vela de desilusão, viver para o trabalho da terra e da pesca, resignado, dando graças a Deus, quando não...

Portugal no estrangeiro
 REFERENCIAS DA IMPRESSA ARGENTINA

Subscrito ao título Salazar, o tempo de Co...
 «Neste artigo do O...
 «O tempo de Co...
 «O tempo de Co...»

Fig.16 Página do jornal com as pescadeiras, vendadeiras e sargaceiras de Vila Chã.

As mulheres

Tal como ocorre em muitas comunidades piscatórias, a mulher tem em Vila Chã um lugar de destaque. Em terra, não só assegurava as rotinas da casa como procurava responder aos longos períodos de ausência do marido e poucos recursos. Frequentemente confrontadas com a viuvez precoce ou com períodos de grande emigração, viam o seu papel reforçado no âmbito das rotinas familiares.

Dadas as circunstâncias, a mulher introduziu limites territoriais no dia a dia da família sob forma de controlo, obrigando, inevitavelmente, ao alargamento do território. Assim, a ideia estereótipo de que a mulher, antigamente, só se dedicava ao trato dos filhos e às tarefas domésticas é, no contexto de Vila Chã, completamente descartada.

“Pescadeira, redeira, vendedeira, peixeira, regateira, mestra, sargaceira ou conserveira” (OLIVEIRA, Sónia Azevedo, OLIVEIRA, Isabel Barca & FERREIRA, Manuela Malheiro Dias : 2010, 15) são as várias denominações que se aplicam às mulheres arraiais de Vila Chã, que com a sua bravura, força e minúcia conseguem agilizar qualquer trabalho.

“Mas as mulheres pescavam com homens que não lhes eram aparentados. Este facto levam-nos a pensar que a sexualidade das mulheres não existia quando elas iam à pesca: elas eram «como homens». De facto, qualquer uma das pescadeiras de Vila Chã, ao descrever o seu trabalho, dirá invariavelmente: « eu pescava como um homem.». Assim, embora a apesca fosse culturalmente vista como um trabalho de homens, esse trabalho podia ser, e era, desempenhado por indivíduos de qualquer sexo.”

Sally Cole, Mulheres da praia - pg.87

A autenticidade de Vila Chã focava-se na valentia das mulheres em enfrentar os medos e os perigos do mar, que até meados do séc. XX, organizavam-se como armadoras e eram elas próprias a companha (tripulação de embarcação com função de pescadores) (Silva, Diana:2014,68). Neste caso, cada companha feminina tinha entre 3 a 6 mulheres, sendo que as embarcações eram de pequenas dimensões, à vela e a remo funcionando como uma unidade empresarial familiar.

Enquanto umas tripulavam os barcos e possuíam a carta de arrais, outras esperavam na praia com os devidos apetrechos, de forma a dar seguimento ao processo da faina, em terra. Colocavam o peixe em canastras e transportavam-no pelo areal acima, pegando a peso ou levando-as em carrelas. (OLIVEIRA, Sónia Azevedo, OLIVEIRA, Isabel Barca & FERREIRA, Manuela Malheiro Dias : 2010, 14) Cabia às mulheres confeccionar as redes de pesca e tratar da sua conservação, logo após a venda do peixe junto à praia. Depois dos preparativos para a próxima saída ao mar, as mulheres colocavam a gamela do peixe na cabeça ou num carrinho de mão e seguiam a pé, pelas freguesias vizinhas, para vender o peixe que não fora vendido na praia.

Embora o trabalho relacionado com o mar fosse o que trazia mais regalias, a esse acrescia a comercialização do produto da pesca e os trabalhos domésticos que para além da casa e dos filhos, tinham a plantação de uma pequena horta e a criação de animais, que completavam o sustento da família quando era impossível do ponto de vista climático, a ida ao mar.

“O trabalho doméstico tinha pouco importância para as mulheres marítimas. Passavam pouco tempo a preparar refeições, a lavar a roupa ou a limpar a casa, porque, ao contrário da venda do peixe, da apanha de algas e do trabalho na horta, essas tarefas não eram directamente geradoras de rendimentos para a casa. E eram ocupações relativamente simples, que não consumiam muito tempo, e era geralmente partilhadas entre os membros da casa.”

Sally Cole, Mulheres da praia - pg.93

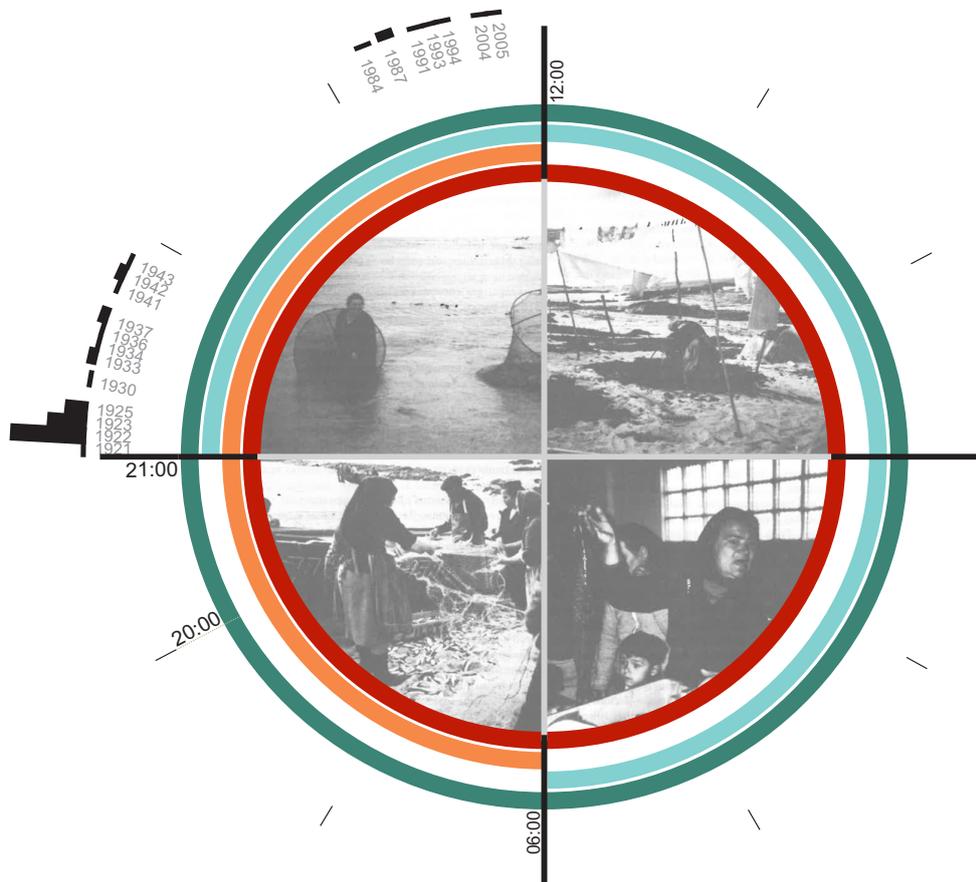


Fig. 17 Mulheres na praia à espera dos barcos.

Fig. 18 Esquema da organização de um dia do trabalho da mulher de Vila Chã.

Legenda

- lidas domésticas
- venda do peixe
- pesca no mar
- sargaço



A vida era muito difícil, ter que sustentar os filhos, pagar a renda, combater qualquer doença que surja e por mais contras que aparecessem, a fé das mulheres pescadeiras mantêm-se inalteradas ao longo das suas vidas. No que diz respeito à fé, é quase que uma imagem representativa a mulher do mar, na praia à espera, em constante ansiedade e, sempre a debitar a oração *Credo*. O mar tanto lhes dá sustento como, também, lhes tira e marca a vida pela ausência. Estas mulheres viviam na incerteza do regresso, encarando as várias adversidades com muita bravura em troca de um escasso rendimento, na luta pela sobrevivência.

Estas mulheres vivem fechadas em si próprias, continuando a trabalhar e a possuir modos de vida muito parecidos com os das suas mães e avós. A memória coletiva revela um confronto entre a modernidade da emancipação e um certo conservadorismo na forma como se refugiam na sua comunidade.

O esquema relata as tarefas, muito pouco discriminadas, exercidas pelas mulheres. O que se pretende demonstrar é como a mulher organiza o seu tempo para, de uma forma intercalar, fazer todo o trabalho que tinha a seu encargo. Ao analisar o relógio do quotidiano da mulher, pode-se concluir que as lidas domésticas e a apanha do sargaço são práticas complementares do dia a dia, sendo realizadas, somente, quando as tarefas relacionadas com o mar estivessem terminadas. Devido à escassez do tempo e às restrições da apanha do sargaço, era frequente as mulheres infringirem a lei, sem que os fiscais marítimos percebessem, em prol de uma boa coordenação.

No canto superior esquerdo é possível visualizar o registo do número de mulheres com carta arrais. A primeira surgiu em 1921, influenciando assim a que houvesse um crescimento exponencial no ano seguinte, com 12 inscrições, e assim sucessivamente, até ao dia de hoje, em que só existem duas mulheres com licença.

Realidade

A existência vincada da água e da natureza, elementos com bastante impacto para aqueles que percorrem Vila Chã, associada aos processos urbanos descritos permite-nos estabelecer associações entre a terra e o mar num intervalo temporal, consideravelmente, abrangente.

Num sentido mais geral, Vila Chã é uma localidade rural, que num discurso quotidiano, é um lugar de 'qualidade de vida', sobretudo pela proximidade e expressividade dos elementos naturais. O mar, as rochas, a areia, o pinhal e tudo isto exposto ao vento. No entanto, viver com boas condições implica que os seus habitantes tenham os recursos e capacidades para se moverem, portanto, a mobilidade tornou-se no recurso fundamental devido ao alargamento das distâncias e à tendência para a concentração dos serviços nas zonas urbanas, promovendo a inclusão social e a igualdade, o que facilita o acesso ao conhecimento para melhor compreender o mundo.

Vila Chã tem como cartão de visita a contiguidade entre espaços naturais, rurais urbanos e balneares. O território é ladeado por densas áreas de florestação que servem de entrada para um ambiente marcado por uma mistura de imagens contrastantes. A mancha verde corresponde a, aproximadamente, metade da área total de Vila Chã, sendo, maioritariamente, espaços agrícolas, onde os solos e a vegetação atingem valores e qualidades que asseguram uma elevada fertilidade e, conseqüentemente, uma grande capacidade produtiva. A agricultura era inicialmente a atividade de maior impacto no território, até ao momento em que a transmissão da propriedade seguiu o sistema do morgado, resultando em muitas pessoas sem propriedades, sendo deserdados. Portanto, aqueles que sempre lidaram com a vida agrícola tiveram que abandonar as terras, alargando o território e ocupando a linha da costa, em busca de novos recursos naturais, para iniciarem uma nova vida de labor. A dispersão urbana surgiu da expansão da ocupação do território por parte dos não proprietários, que se apropriaram das terras do estado e iniciaram-se na apanha e comercialização das algas e na pesca, que como eram trabalhos sazonais, ocupavam os tempos livres como jornaleiros na agricultura.

A sazonalidade do trabalho é uma característica própria do território de Vila Chã, uma vez que se as atividades praticadas dependiam dos recursos disponíveis na terra e no mar - a oferta de recursos varia significativamente durante todo o ano, especialmente, entre estações, o que não suporta um rendimento anual de uma família. Portanto, a organização do trabalho cria uma diversidade de quotidianos e de ocupações que resulta na rutura de espaços marcados pelos ciclos horários habituais.

Vila Chã é habitada por pessoas que orgulhosamente enchem o seu peito para dizer o quanto é bom lá viver, mas apesar de ser um lugar especial, os seus principais atributos encontram-se numa

da Casa Território

situação de grande fragilidade. O presente continua a ser contaminado pelo passado. É crescente o número de atividades que procuram valorizar essas práticas, nomeadamente promovendo rotinas ligadas ao mar dos homens e mulheres que com as suas embarcações e apetrechos, fomentam as práticas de uma atividade artesanal, no entanto, tal como acontece em muitos outros territórios costeiros, tem-se assistido ao desenvolvimento de muitas outras atividades, que são acolhidas em Vila Chã numa lógica de complementaridade, tornando a comunidade mais resiliente.

A escassez de recursos levou a longos períodos de emigração por parte do elemento masculino da família, o que resultou no reforço do papel da mulher que tinha a seu cargo a responsabilidade de assegurar todas as necessidades das rotinas familiares. Assim, a par das tarefas domésticas e do desempenho das lidas marítimas, em terra, as mulheres capacitaram-se para assumir as responsabilidades até então atribuídas ao homem, nomeadamente as da faina.

O facto da mulher se introduzir no mundo do trabalho possibilitou a construção de uma identidade ancorada na igualdade de género, proporcionando à mulher o seu próprio espaço na sociedade. A igualdade de género garante um espaço de realização profissional e pessoal, que pode ser formada em conjunto com o homem. Essa colaboração permitiu que a mulher pudesse encontrar um espaço adequado, com papéis e funções distribuídas de igual forma, por ambos os sexos.

Atualmente, as mulheres não vão ao mar, com a excepção de Glória Costa, esposa de um pescador local. As mulheres ajudam os seus maridos na praia, onde descarregam os barcos, vendem o peixe e apanham o sargaço no areal.

A mão de obra para as frotas pesqueiras, ou a abundante produção agrícola que era dirigida para os mercados das zonas urbanas eram muitas viabilizadas pela condição específica da mulher de Vila Chã, assim as muitas rotinas e profissões da mulher permitiam que esta se movimentasse por Vila Chã e informasse um vasto território. No entanto, com o aumento dos padrões de vida nas últimas décadas, a mulher que com as suas diversas atividades assumia particular importância nas condições de vida da família as rotinas da mulher de Vila Chã vão perdendo especificidade, são cada vez mais comuns às rotinas da mulher portuguesa. Também ela, vai abandonando a estreita relação com o quotidiano de Vila Chã, encontrando emprego e salário e afastando-se de vila por longas horas. Na indústria ou no comércio, a mulher vai progressivamente inscrevendo-se numa rotina de menor flexibilidade e que, inevitavelmente, vai condicionar toda a família e vida urbana de Vila Chã.

2 | CASA BAIRRO

Rotinas da Glória



Fig. 19 vista panorâmica da praia do Pescado.

O bairro

Segundo Maalouf ⁵, cada indivíduo tem, sem exceção, uma identidade composta de muitas filiações ou pertencas, e ao isolar uma das suas pertencas, o indivíduo pode partilhar uma espécie de parentesco com uma grande quantidade de seres humanos, mas, se as juntar todas, encontra a sua identidade pessoal e única.

Através do conceito de bairro, que remete para um espaço no qual se pode viver em coletivo e onde se podem partilhar muitas práticas, é introduzido um olhar mais próximo, a uma escala de observação que permite identificar e registar qualidades relevantes de uma estrutura urbana que tem a sua própria identidade, cuja organização deve ser estudada.

« ... a identidade cultural do bairro se explicaria por uma homogeneidade social na composição de classe da sua população, vista essencialmente como população operária.»

Identidade Cultural e Relações Sociais Locais, Comunidade e sociedade - pg.82

A caracterização da 'Casa bairro' será fortemente informada pelo papel relevante de uma mulher, a Glória. Acredita-se que a partir das suas atividades se possa descrever o sistema espacial do Bairro.

«o conceito de comunidade tem vindo a ser utilizada basicamente em dois sentidos: em sentido socioespacial, reportando-se a unidades sociais locais – como uma aldeia ou um bairro, por exemplo; em sentido sociocultural, referindo-se a sentimentos de pertença comum, isto é, a um dos componentes decisivos das identidades coletiva.»

Identidade Cultural e Relações Sociais Locais, Comunidade e sociedade - pg.86

O bairro que se pretende descrever, é o de hoje. No entanto, é provável que o resultado final continue a valorizar e a atribuir protagonismo (provavelmente excessivo) de processos que têm um tempo longo mas que ainda podem ser resgatados.

⁵ Na obra *In the Name of Identity* publicada em 1998, Amin Maalouf diz que a identidade é uma construção complexa, porque é um conceito formado por várias conexões que nos tornam únicos, como as nossas crenças, raças, preferências sexuais, nacionalidade, interesses, entre outros. Embora muitas pessoas tenham identidades que mudam muito rapidamente, influenciada por outras pessoas, outras têm uma percepção bem fixa de si mesmas.

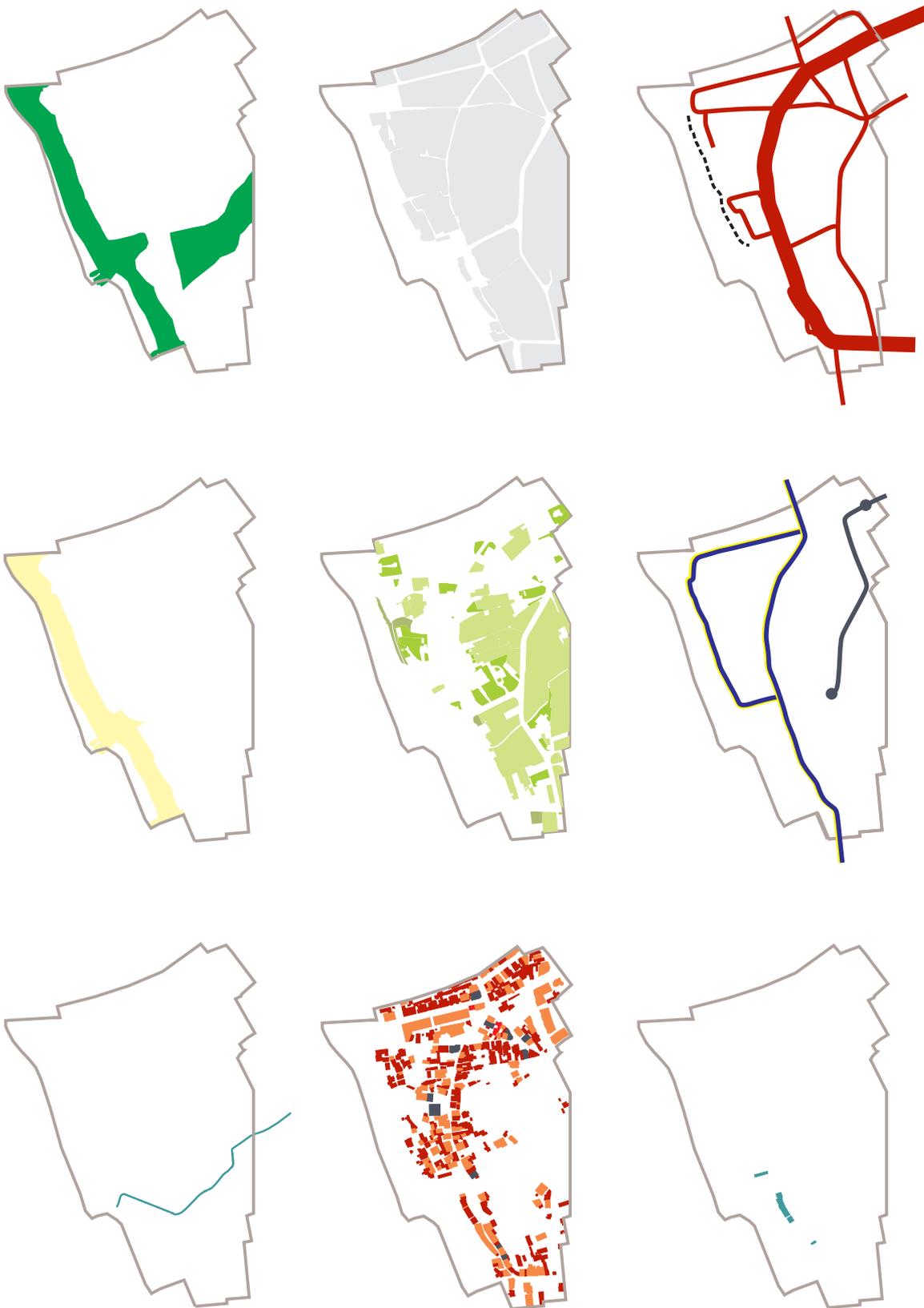


Fig.20 (direita)
 Ortofotomapa de 2019.

- 1- reserva ecológica
- 2- areal
- 3- a linha de água
- 4- espaço privado e público
- 5- espaços não construídos
- 6- edificado
- 7- infraestruturas viárias
- 8- percurso pedestre e transporte público



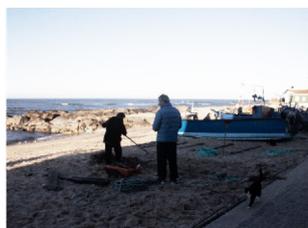


Fig. 21 Sequência de fotografias da comunidade.

P 057536

Nome (próprio e apelido) Maria da Costa

Local e Data de Nascimento Vila do Conde 1994-11-20
ano mês dia (year) (month) (day)

Nacionalidade Portuguesa
(Nationality)

Altura 1,50
(Height)

Cor de Cabelo castanho Olhos castanho
(Hair colour) (Eye colour)

Residência Rua das Flores, 200 - Vila do Conde
(Address)



Maria da Glória Ramos da Costa
ASSINATURA DO TITULAR (Holder's signature)

132869

INSCRIÇÃO MARÍTIMA N.º <small>(Number of inscription)</small>	LIVRO <small>(Book)</small>	FOLHA <small>(Page)</small>	DATA DA INSCRIÇÃO <small>(Date of the inscription)</small>
<u>8566</u>	<u>34</u>	<u>145</u>	<u>1992-11-20</u>

CATEGORIA <small>(Rank)</small>	DATA <small>(Date)</small>	RUBRICA <small>(Signature)</small>
<u>Pescador</u>	<u>1992-11-20</u>	<u>SM</u>

Local e data de emissão 2015-11-26
(Place and date of issue)

Validade 2025-11-26
(Valid until)

Capitania do Porto de Vila do Conde

[Signature]
O CAPITÃO DO PORTO (The issuing authority)

[Signature]

P 057536 [Signature]

Fig. 23 Cédula marítima da Glória.



Fig. 26 A manhã da Glória.

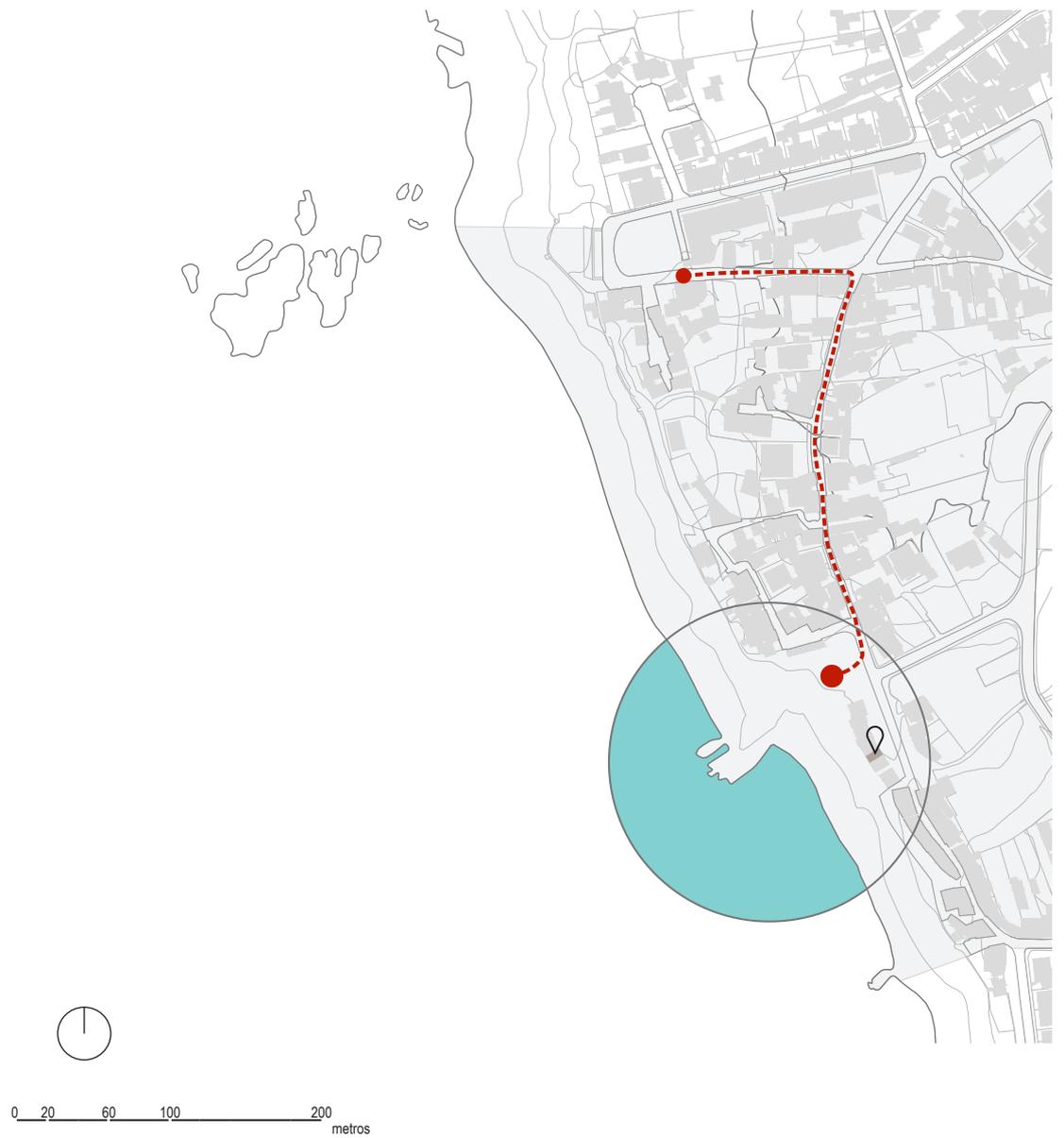


Fig. 27 Percurso entre a casa do mar e a casa da família.



esc. 1/5000



Fig. 28 Relação entre o bairro (local de trabalho) e lugares de residência dos pescadores de Vila Chã.



Fig. 29 Regresso da faina.

Embarcações	Pescadores	Lugares	
Rainha dos Mares	Albino Maia Bacalhoeiro	Adília Ribeiro Pescadeira/ Vendedeira	Rio da Igreja
Senhora dos Mares	José Alberto Maia Bacalhoeiro	---	Rio da Igreja
Santa Isabel	Virgílio Maia Bacalhoeiro	Cristina Silva Pescadeira/ Vendedeira	Rio da Igreja
Graça Maria	Manuel Silva Bacalhoeiro	Rosa Justa Pescadeira/ Vendedeira	Facho
Manuel Sérgio	Geraldo Silva	---	Rio da Igreja
Praia de Vila Chã	Sérgio Silva	Elisabete Silva Cabeleireira	Av. Marginal
Rumo à Glória	Manuel Ferreiro Bacalhoeiro	Fátima Maia Pescadeira/ Vendedeira	Facho
Senhora dos Remédios	Carlos Cardoso Bacalhoeiro	Glória Costa Pescadeira/ Sargaceira	Praia Nova
Pai Herói	André Marques	---	Facho
	Manuel Marques Bacalhoeiro	---	Facho
	Carlos Franco Bacalhoeiro	Rosa Cruz Pescadeira/ Vendedeira	Tr. Praia Nova
	Albino Franco	---	Tr. Praia Nova
	Ezquiel Cunha Bacalhoeiro	Fátima Franco Pescadeira/ Vendedeira	Lavandeira



Fig. 30 Listagem dos pescadores e respetivos lugares de residência e embarcações de pesca. Existem 13 pescadores ativos, moradores em Vila Chã, que trabalham na praia junto com a Glória, sendo alguns deles proprietários das 9 embarcações, que se encontram devidamente estacionadas em frente às casas dos pescadores.



Fig. 31 Glória Costa e o marido a chegarem da faina.



Fig. 32 os barcos de Vila Chã.



Fig. 33 a praia, vista da rua do Mar.

A pesca

A pesca é considerada a atividade com o maior território, onde a terra e o mar trabalham em conjunto de forma a criar condições propícias a uma boa faina, em toda a sua duração. Esta atividade resume-se à captura de peixes e outros animais marinhos envolvendo os recursos biológicos aquáticos, o meio físico-químico e o homem. O homem conduz as diversas combinações de embarcações e artes de pesca, finalizando com a venda ao público, o auto-consumo, ou a devolução do peixe à água, no caso de ser uma prática desportiva.

A atividade piscatória atualmente exercida em Vila Chã é classificada como marítima, praticada na água do mar, longe dos portos, e o tipo de pesca é a costeira, que é realizada até 12 milhas da costa (Silva, Diana:2014, 32) , aproximadamente 22Km e é limitada a norte pelo território marítimo da capitania de Vila do Conde e a sul até ao porto de Leixões, admitindo a baixa segurança das embarcações, uma vez que o abrigo está mais perto.

A pesca costeira é sujeita a menor perigo, em comparação com as restantes, e é praticada pelos vários elementos da sociedade, homens, mulheres e crianças, uma vez que utilizam um tipo de embarcações de menores dimensões - a catraia, uma construção, originalmente, poveira, com condições de navegação reduzidas.

“Filiados neste tipo de construção (poveiro), surgem diversas embarcações de dimensões menores e de execução um pouco mais simples do que a da lancha. Estas embarcações, normalmente designadas localmente por “Barcos” e por “Catraias” destinavam-se à pesca costeira, com pouca autonomia uma vez que atuavam junto dos portos de abrigo de onde eram originários, com exceção das safras do pilado ou de alguma arribada forçada noutra porto”.

José Felgueiras e Ivone Baptista, *A catraia de Esposende* - pg.38/39

A utilização deste tipo de embarcações promoveu a criação de uma rede de infraestruturas de apoio, como os estaleiros, para garantir a manutenção dos barcos, gerando uma economia em volta dos estaleiros artesanais, em Vila Chã, que deixou vestígios até aos dias de hoje, pela mão do mestre Benjamim.

Segundo o trabalho de investigação da pesca de Diana Silva, no séc. XIX, a pesca era realizada durante todo o ano, no entanto haviam períodos/ épocas onde se dedicavam mais a uma espécie de pescado, como acontece com a pesca da sardinha, que era realizada com maior incidência entre outubro e fevereiro, ou a pesca da lagosta, entre novembro e janeiro, completando, assim um ano de rendimento, para além da pesca do restante peixe. Normalmente, a pesca era feita por uma companhia com seis homens e dois barcos e cada uma contribuía com os elementos essenciais para a pesca, para que no final a divisão dos lucros fosse feita de igual forma por todos os elementos, evitando gastos e desgastos dos barcos, desnecessários, tendo em conta a quantidade do produto pescado. A divisão de lucros era feita de igual modo, mesmo por mulheres. Algo que permanece nos dias de hoje, quando a saída para o mar é partilhada por mais do que um pescador e um barco.

“No caso da sardinha, o barco saía ao pôr-do-sol e regressava na madrugada seguinte, sendo que, com o tempo que ficavam parados, juntamente com as condições do tempo favoráveis, dariam cerca de 12 horas de trabalho diário, em cerca de 150 dias dedicados à sardinha. As outras espécies de peixes eram pescadas tanto à linha como com as rascas - os pescadores dedicavam-lhes cerca de 6h diárias, num total de 180 dias diários.” (Silva, Diana:2014, 64)

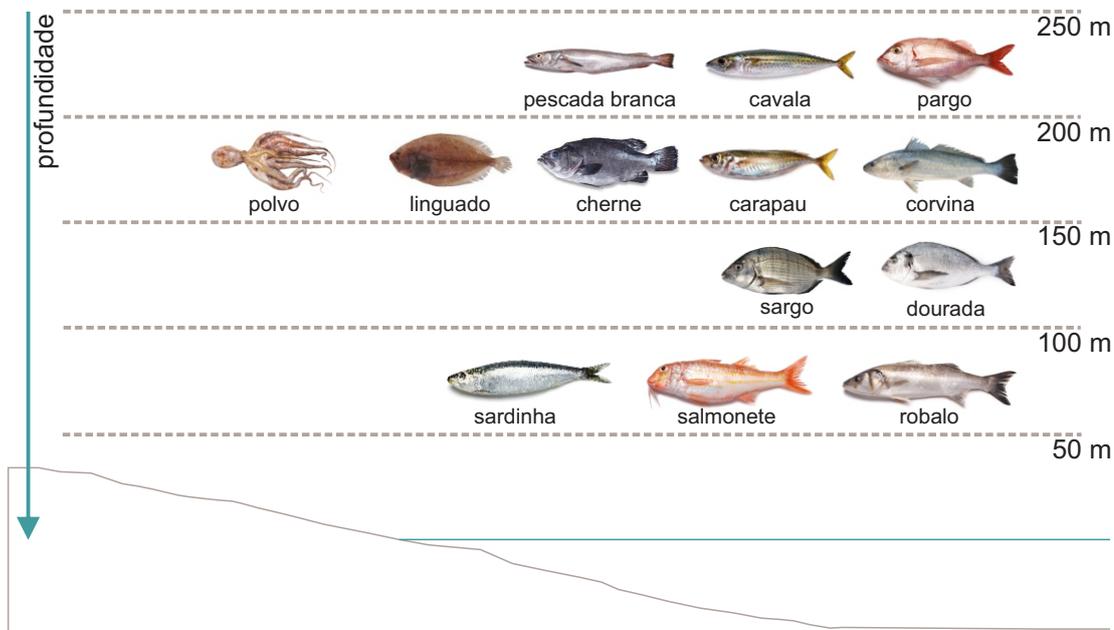


Fig. 34 Profundidade a que os peixes são capturados.

O mar é um reservatório de espécies que se localizam em diferentes zonas/profundidades que adquirem as condições mais favoráveis para o seu desenvolvimento.

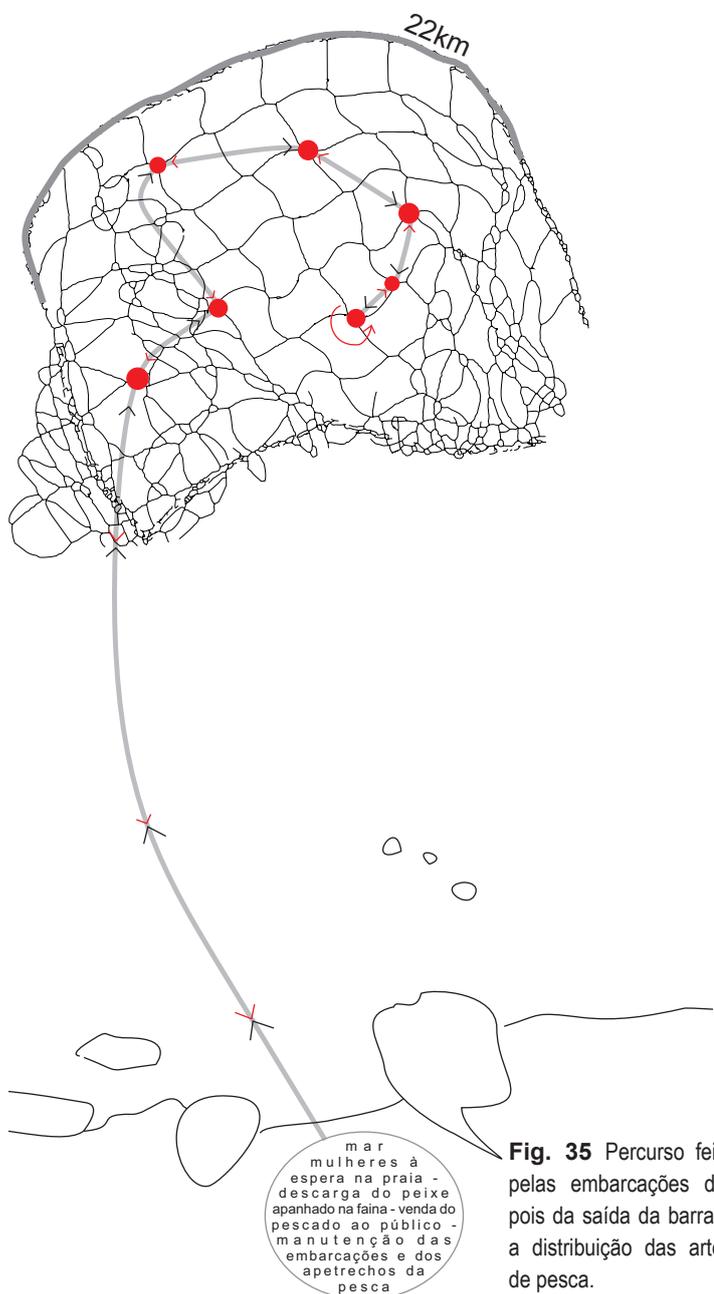


Fig. 35 Percurso feito pelas embarcações depois da saída da barra e a distribuição das artes de pesca.

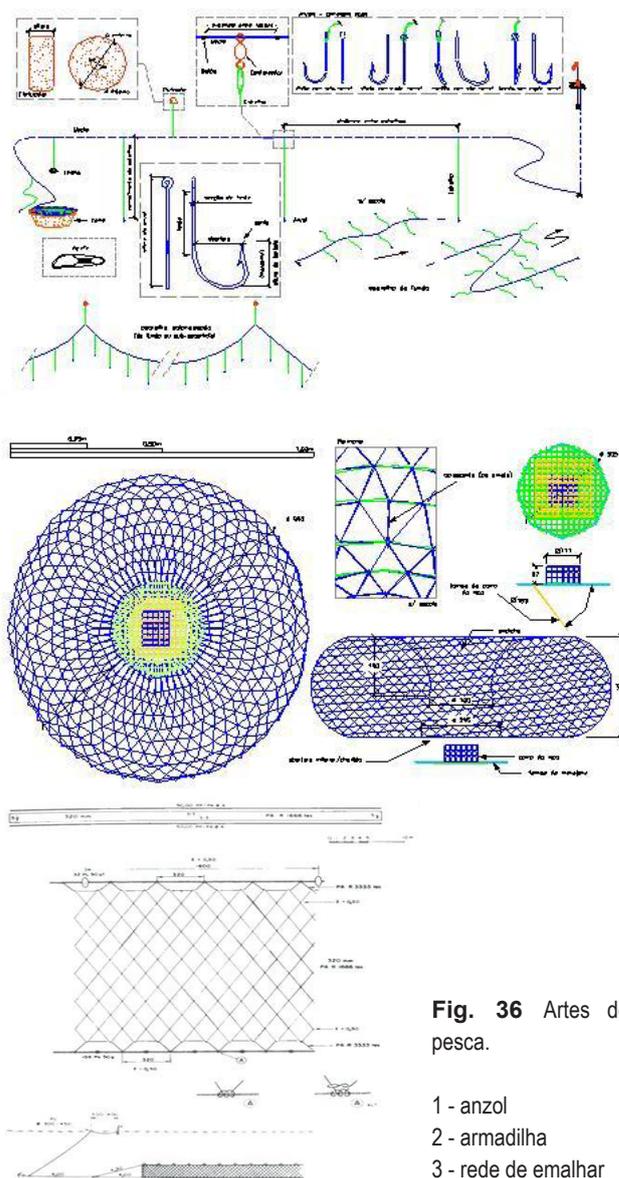


Fig. 36 Artes de pesca.

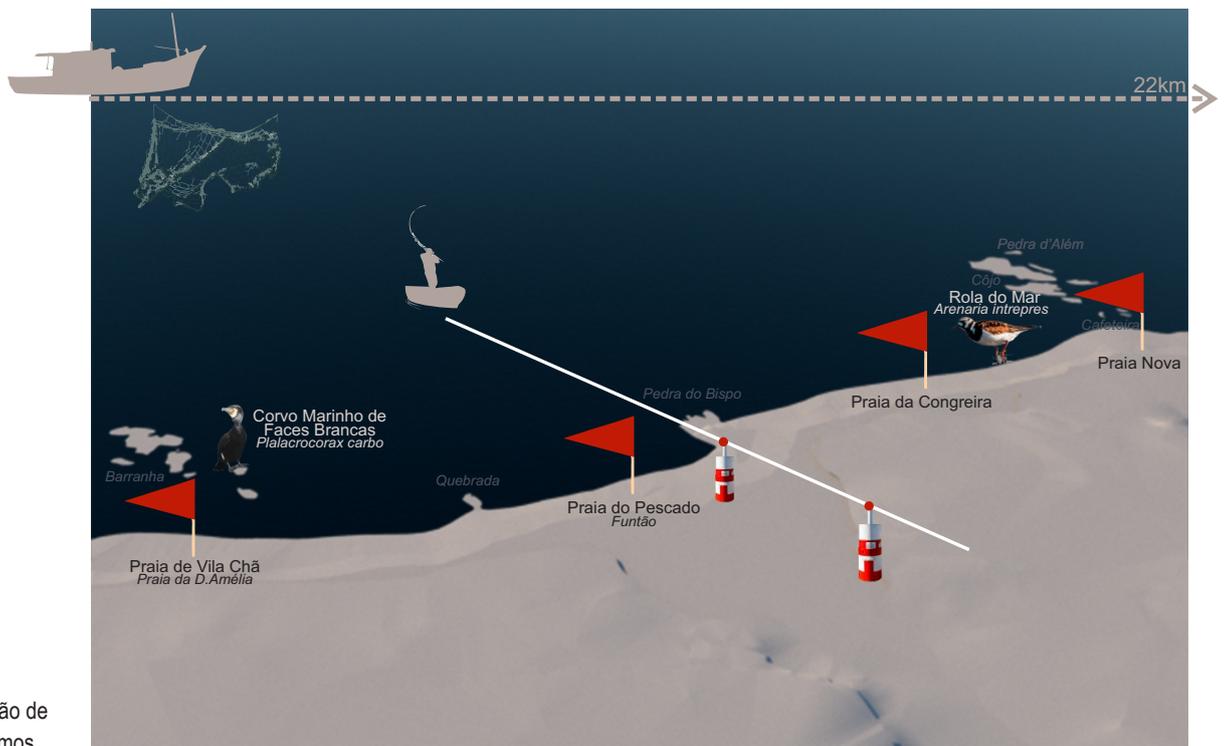


Fig. 37 Ilustração de elementos marítimos.

O trabalho do pescador é hoje sazonal. A obtenção de recursos para a subsistência fica extremamente dependente de fatores externos, como o estado do tempo e do mar, o tipo de peixe que abunda em cada época do ano e o facto de a maioria dos pescadores terem uma idade avançada, saindo ao mar apenas entre março e outubro, fugindo assim ao inverno rigoroso.

As saídas para o mar são feitas num sistema de alternância, no qual se trabalha a pares, ora no barco de um, ora no barco de outro, e cada um usa as suas artes de pesca.

Atualmente, a pesca segue uma rígida legislação que cria imensas barreiras aos pescadores, principalmente no que diz respeito às licenças de navegação, no entanto, as embarcações continuam a sair na barra. Às quatro da madrugada saem para a faina e espalham as redes e as armadilhas pelo mar e por volta das sete da manhã voltam a apanhar as redes, e só no dia seguinte é que vão buscar as armadilhas.

A evolução da atividade piscatória em Vila Chã tem maior incidência na inovação dos materiais, criando uma maior diversidade, que no caso das redes, hoje, são feitas de nylon e/ou sediela, enquanto que antigamente eram de linho e algodão, necessitando de ser tingidas - um dos trabalhos feitos em terra pela mulher. As artes da pesca são constituídas pela utilização da linha com um ou mais anzóis, a armadilha, onde a presa é atraída ou encaminhada para um dispositivo que impede a fuga, e as redes. As linhas podem ser utilizadas nos seguintes instrumentos: corricos, cana e linha de mão, palangre, toneira e peiteira - os anzóis ou toneiras são também utilizados para capturar peixes e moluscos; as armadilhas são normalmente caladas sobre o fundo isoladamente ou em grupo, com ou sem isco e referenciadas à superfície através de bóias de sinalização; as redes são de emalhar e podem ser fixas ao fundo através de âncoras ou poitas e caladas diretamente sobre este ou a uma certa distância do fundo, sendo sinalizadas e caçadas à superfície, ou de deriva onde são mantidas à superfície ou a uma certa distância abaixo dela por meio de numerosas bóias - as redes costumam ser agrupadas por tipo de aparelho, no geral, são todas muito semelhantes, o que as distingue é o tamanho da malha que é adequado à espécie a capturar.

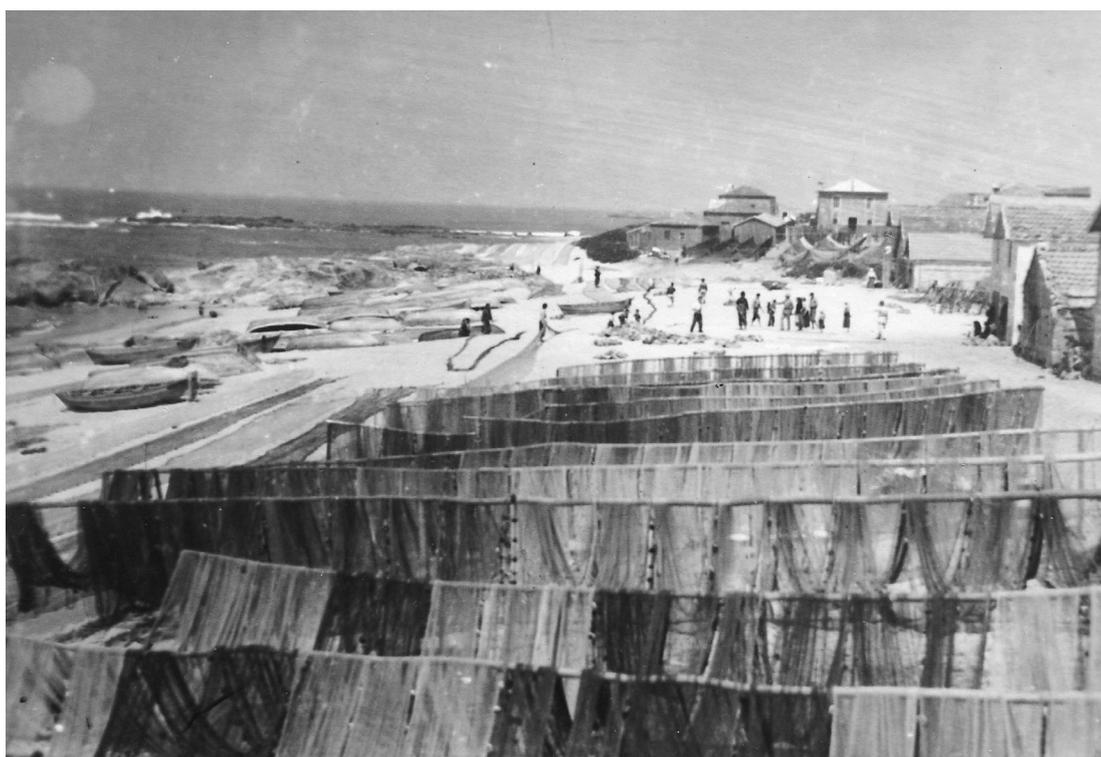


Fig. 38 Redes de pesca estendidas na praia.

Fig. 39 Disposição dos apetrechos no Largo dos Pescadores, após súbida do mar.



A relação que o mar tem com a terra é alimentada diariamente pela atividade da pesca e do sargaço. A linha da costa está pontuada por elementos naturais, as rochas, que através das suas variadas formas facilitam o entendimento do território, e ajudam a limitar determinadas áreas, como as praias ou as zonas que são mais propícias para a captura. O areal é destinado aos aparelhos de pesca e, é onde as embarcações são atracadas no fim da faina, junto de bancas de madeira com rede de pesca a secar e barris com alças em corda abertos. No final do dia de trabalho, as bancas são cobertas por um oleado com o número de inscrição marítima da respetiva embarcação.



Fig. 40 A venda do peixe.

Fig. 41 A lota de Vila Chã.



A venda do produto é a fase final de todo o processo pelo qual o pescador passou para poder lucrar com o trabalho e o desgaste consequente.

A praia é o primeiro lugar onde os compradores podem recorrer para a compra do pescado fresco. Maioritariamente, são as mulheres as vendedoras do peixe, na praia, porque enquanto aqueles que foram ao mar terminam as tarefas necessárias ligadas à manutenção do barco, elas descarregam o produto pescado para as suas cestas e aproveitam aqueles que procuram o peixe fresco, na madrugada do dia.

Atualmente, Vila Chã não tem um posto de venda físico que seja confortável para os vendedores instalarem as suas bancas, uma vez que a lota não oferece condições para a circulação e ajuntamento de pessoas, razões pelas quais o edifício está completamente degradado e obsoleto. A comercialização do pescado é feita no exterior, ocupando o espaço público para a troca do produto.

A lota é administrada pela Docapesca e utilizada para tirar as guias necessárias para o transporte do pescado para venda. Após o término da azáfama na praia, os pescadores e pescadeiras retiram o peixe para o auto-consumo e o que excede é vendido e/ou colocado num carrinho de mão que percorre a freguesia a pé, ou uma carrinha que segue para as freguesias vizinhas.

É com a fase da venda do peixe que o território da mulher se expande, deixando de ser um espaço somente confinado ao Largo dos Pescadores, onde se desenvolve com mais intensidade as atividades promotoras da economia local - a pesca e o sargaço, alargam-se até aos limites do bairro, onde as lidas relacionadas com a base familiar é mais intensiva.

A meu ver, a lota de Vila Chã, uma construção de 1971, é a representação da melhor solução para as problemáticas pelas quais o território e os proprietários de terrenos situados na linha da praia se confrontam.



Fig. 42 Revisão científica de algas, CMIA

1. *Saccorhiza Polychides*
Sargaço
2. *Sargassum Muticum*
Espécie Invasora
3. *Laminaria ochorleuca*
Sargaço de Maio
4. *Gelidium pulchellum*
Francelha
5. *Chondrus crispus*
Botelho
6. *Himanthalia elongata*
Cordas

A apanha do sargaço



Em conversa com a D. Glória percebeu-se que qualquer mulher ligada ao trabalho do mar tem vivências de infância muito parecidas, que eram herdadas de geração em geração devido à convivência com a vida de labor. Nas mulheres, está muito presente o acompanhamento do trabalho da mãe, na apanha do sargaço, havendo alturas em que esse exercício tornava-se prazeroso, como quando o tempo estava quente, por outro lado, nos dias frios, em que as águas registavam temperaturas muito baixas, essa prática era bastante desagradável, ainda assim, as mulheres entravam na água, muitas vezes até ao pescoço, para conseguirem recolher o maior amontoado de algas, e poderem arrastá-las para o areal e, posteriormente estendê-las.

No seguimento da conversa informal, D. Glória foi delimitando a área onde a atividade da apanha do sargaço era mais intensa - desde a praia dos elétricos até à do S. Paio, lugar pertencente à freguesia vizinha, Labruge.

O trabalho da apanha do sargaço é um complemento ao orçamento familiar e, sempre foi, uma atividade com várias restrições em relação ao horário em que era exercido, com direito a coimas de alto valor para todos aqueles que as infringiam. A principal restrição tinha em conta o sol, antes de nascer e depois de se pôr, não era permitido que ninguém entrasse dentro da água, apesar de poderem fazer as outras fases do processo, que são realizadas no areal.

«... nós corríamos as praias todas, desde as dunas até ao S. Paio, antes um bocadinho, (...) nós fazíamos as praias todas porque às vezes não dava numa, mas tinha noutra. Não é o caso de agora que tem pela praia toda, porque, também, ninguém o faz. A quantidade é a mesma, pode não vir sempre a mesma quantidade para a mesma zona.»

Glória Costa

A prática da apanha do sargaço era realizada maioritariamente pelas mulheres, servindo como um complemento à economia doméstica, quando eram vendidas, ou era utilizado como fertilizante natural nas suas pequenas hortas que eram cultivadas nas horas vagas.

As razões que levavam a infringir as regras relacionadas com o horário consistiam na falta de tempo daquelas que exerciam um trabalho em fábricas e/ou nas conserveiras, podendo dedicarem-se à apanha do sargaço no final do seu emprego.

Mais uma vez, destacando “a existência de condições físicas da costa norte de Portugal, esta atividade era facilitada porque a presença de rochedos proporcionam um abrigo favorável ao desenvolvimento de diversos tipos de algas e, com o constante movimento das águas do mar, mais forte durante a maré alta e aliados a ventos mais ou menos fortes, vão fazer com que as algas se soltem e dêem à costa, onde as mulheres as esperam para as apanhar.” (OLIVEIRA, Sónia Azevedo, OLIVEIRA, Isabel Barca & FERREIRA,

Fig. 43 Delimitação da linha da costa onde existe mais sargaço.

Manuela Malheiro Dias : 2010, 15)



apanha do sargaço na água em catraias a pares



apanha do sargaço na água com o galricho e o ganhapão



transporte do sargaço com o galricho e com a carrela



extensão do sargaço no areal



armazenamento do sargaço em fardos ou em sacos



Arquivo da apanha do sargaço em Vila Chã

Glória, a sargaceira

Fig. 44 Processo da apanha do sargaço.

«... o normal era às seis da manhã já estarmos na praia, mas às vezes, quando havia muito sargaço, eram três da manhã e já tínhamos a água pelo peito, mas só depois dos guardas fiscais passarem.»

Glória Costa

O processo da apanha do sargaço começa com a entrada da mulher na água, durante a maré baixa, que podia ser feito a pé, junto à linha do mar, ou em pequenos barcos, catraias, quando havia muito sargaço a boiar na água - o trabalho nas catraias era feito a pares.

As ferramentas utilizadas são o galrricho ou o ganhapão, que puxam o sargaço para terra. Terminada a fase da entrada no mar, as mulheres levavam o sargaço pelo areal acima, com recurso a uma carrela, onde estendiam manualmente em camas, de modo a que fique uma camada fina e regular por toda a área.

O tempo de secagem ronda os três dias, consoante as condições climatéricas, para que o produto fique bem seco e, posteriormente, é enrolado em fardos que se vão juntando uns aos outros formando pilhas de sargaço prontos a ser utilizados para consumo próprio ou comercialização. Atualmente, este produto tem maior interesse para a indústria farmacêutica e de cosméticos, uma vez que são as empresas desses ramos que compram em maior massa, contrariando a história desta terra, e mostrando que o mercado das algas está em evolução.

Para além do trabalho da apanha do sargaço, desempenhado pelas mulheres, eram elas que estabeleciam os contactos necessários para a venda das algas, recebendo e controlando os ganhos, sendo que em alguns casos a autonomia da mulher devia-se à gestão envolta da venda de algas.

É nos meses de Verão que a atividade relacionada com a apanha do sargaço tem maior visibilidade, apesar de estar em decadência. Atualmente, com um vasto território costeiro, Vila Chã é invadido por grandes aglomerados de sargaço, que ficam ao abandono, sem qualquer tratamento, porque o número de pessoas que se dedicam a esta prática diminuiu para meia dúzia, levando a que a praia se torne num espaço sujo e desorganizado. Além da redução de mão de obra, também houve a redução do território onde se pratica a apanha, tendo maior incisão na praia do Pescado, uma vez que são as mulheres que se dedicam às lidas do mar, as que apanham o sargaço e guardam nas suas casas do mar.

Largo dos Pescadores



Fig. 45 Casas do mar antes da reestruturação do Largo dos Pescadores.

O núcleo de pescadores de Vila Chã configura um conjunto de potencialidades singulares que lhe permitem destaque. A co-existência de uma série de atividades que identificam e registam uma longa sedimentação de uma estrutura urbana particular, baseada num modo de vida ligada ao mar.

A grande densidade e concentração do edificado deu-se através do processo de ocupação da área de terreno existente, formando uma rua paralela ao mar, onde foram dispostas cabanas, construídas, primitivamente, totalmente em colmo, evoluindo para a utilização de madeira e pedra nas paredes. Segundo o geógrafo Orlando Ribeiro, estas cabanas foram construídas a partir das medidas dos barcos, que tanto eram utilizadas para a pesca como para a apanha do sargaço. As cabanas compreendiam, aproximadamente, entre os 7 metros de comprimento pelos 3,5 metros de largura, e serviam para guardar os apetrechos e a manutenção das redes.

Na transição do séc. XIX para o séc. XX, surgiu um processo de transformação em torno das cabanas iniciais, que deixaram de ser de madeira e colmo, passando a ser construções com maior envergadura, resistência e conforto. Apesar das restrições exigidas pela organização do território do Estado, os habitantes interviram nas suas casas desrespeitando as condições que viabilizavam a permanência de uma imagem referente a um povoado piscatório. Em causa está a transformação tipológica associada à mudança do tipo de alojamento e de construção, isto é, apesar de manterem a dimensão da planta da cabana, os proprietários alteraram o sistema construtivo e aumentaram mais um piso, contrariando a originalidade das cabanas à beira-mar. Esta intervenção de forma ambiciosa e invasiva resultou numa rua estreita e sombria, que não é confortável de se percorrer devido à proporção entre a largura da rua e a altura dos edifícios envolventes.

A área referente ao Largo dos Pescadores é o território mais fidedigno e representativo da história da comunidade piscatória local. O elemento invasor - as cabanas, que são as atuais casas do mar, assumem a mesma dimensão e organização espacial.

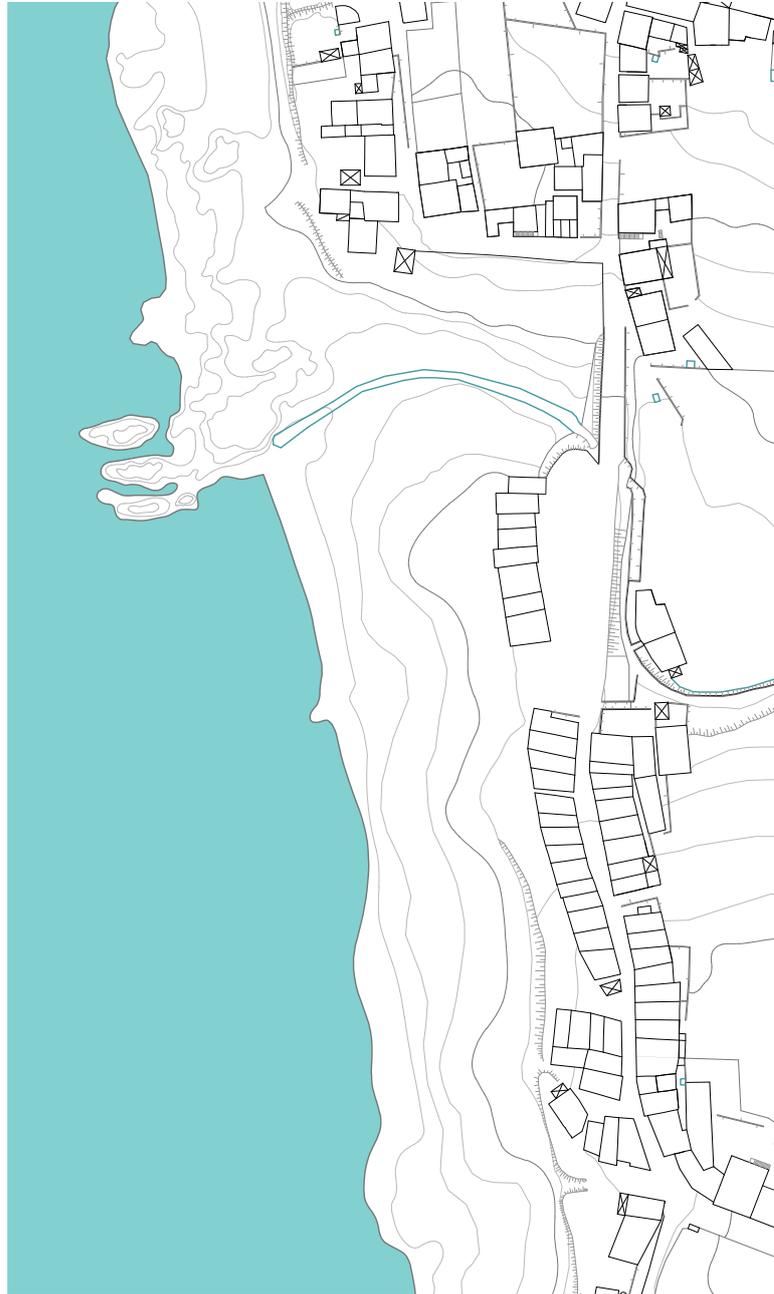


Fig. 46 Planta do Largo dos Pescadores do ano 1966.



Fig. 47 (esquerda)
Fotomontagem do
Largo dos Pescado-
res, séc. XIX



Fig. 48 (esquerda)
Largo dos Pescadores
após a demolição da
ponte.

A planta de implantação do ano de 1966, redesenha a ponte que fazia a transição do lugar do Facho para a rua da Praia, onde já se percebe a existência de um largo junto das casas do mar, daí o nome do Largo dos Pescadores.

No seguimento de todo o processo de transformações que surgiram entre o séc. XIX e XX, a intervenção de maior impacto e com raras memórias da sua existência foi a demolição da ponte. Esta intervenção deu início a um conjunto de ações que promoveram a perda da essência e da particularidade do lugar.

Debaixo dessa ponte passava um riacho, utilizado pelas mulheres para limpar as redes de algodão, no fim da faina, e lavar as roupas - uma prática da lida doméstica que permitia o convívio entre as mulheres. Hoje em dia, essa linha de água permanece com o mesmo circuito, apesar de não ser visível uma vez que está canalizada, desaguando no mar, junto à rocha do *Bispo*.

A demolição deu origem a um talude de areia com uma cota aproximada à da ponte e à construção de um lavadouro público que servisse para os seus fins que o riacho. Em 2017, e devido à má conservação e à utilização indvida da estrutura do lavadouro, a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia acordou iniciar com um processo de requalificação do espaço urbanístico.

O trabalho na área de intervenção consistia na destruição de todas as construções e pavimentos obsoletos e a redefinição do desenho do largo, juntamente com a pavimentação das áreas de circulação pedonal, a condução das águas pluviais, a delimitação dos espaços ajardinados e a construção de zonas de estar. Em simultâneo, foi escolhido um pequeno lote, na rua da Praia, onde foi construído, novamente, um lavadouro com condições de acolher as pessoas que utilizavam o anterior, e com a devida manutenção regular, de forma a zelar pelo espaço para que não volte a cair no abandono.



Fig. 49 Pedra que testemunha a presença de uma ponte.

Fig. 50 Mulheres a lavar roupa no riacho que passava no Largo dos Pescadores, 1910.



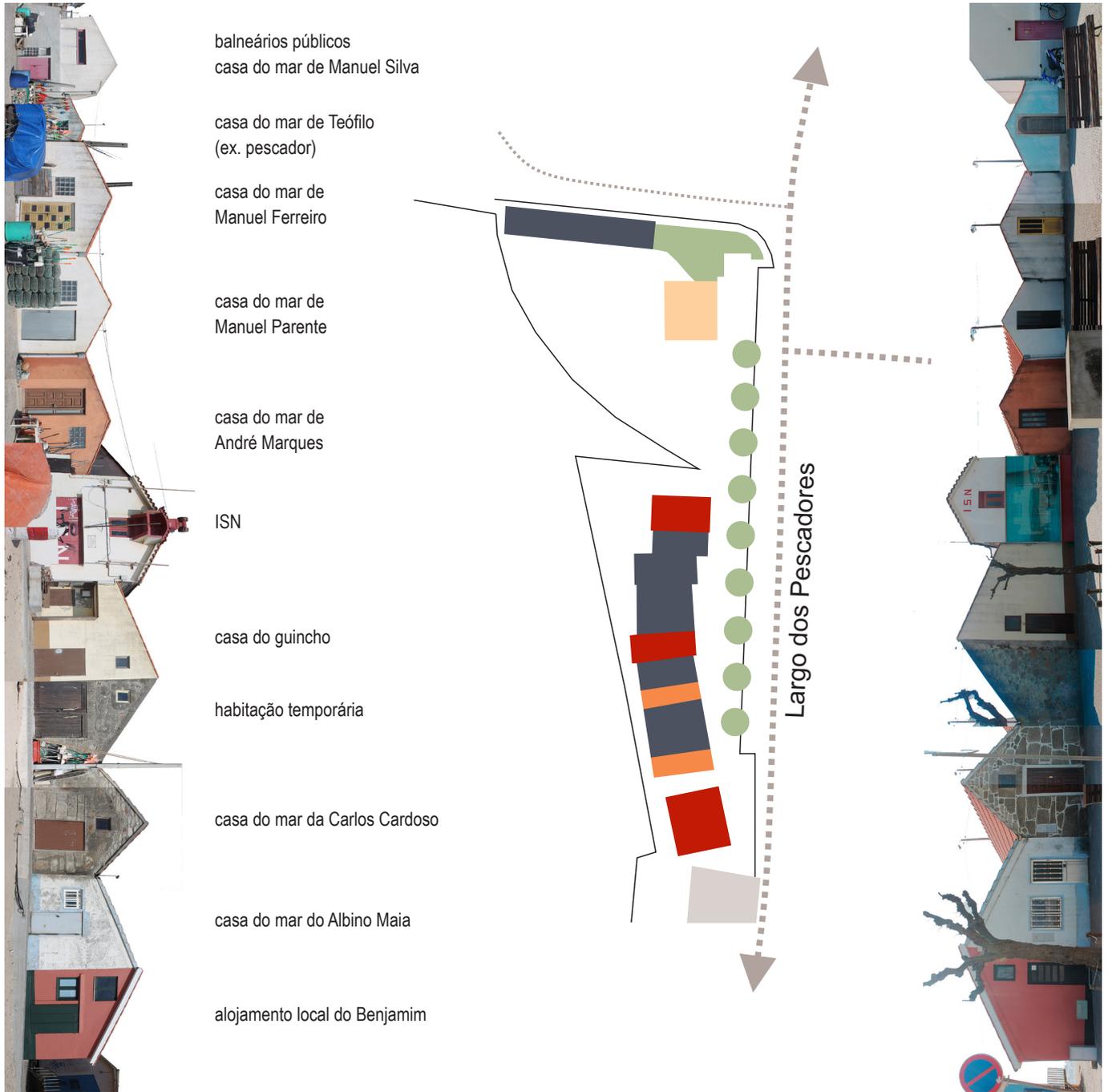
Fig. 51 Antigo lavadouro público, demolido por falta de condições.



Fig. 52 Antigo fontanário público recuperado pela junta de freguesia , em 2016.



Em muitas comunidades piscatórias o lavadouro público é um espaço de elevado relevo, uma vez que é o local onde as mulheres de juntam e organizam coletivamente. Não se trata de um mero espaço para lavar a roupa. É um espaço de reunião das mulheres no qual são tomadas importantes decisões para o bem da comunidade.



- casas do mar
- infraestruturas públicas
- habitação temporária
- parque de diversões
- jardim

Fig. 53 Esquema da organização espacial do Largo dos Pescadores.

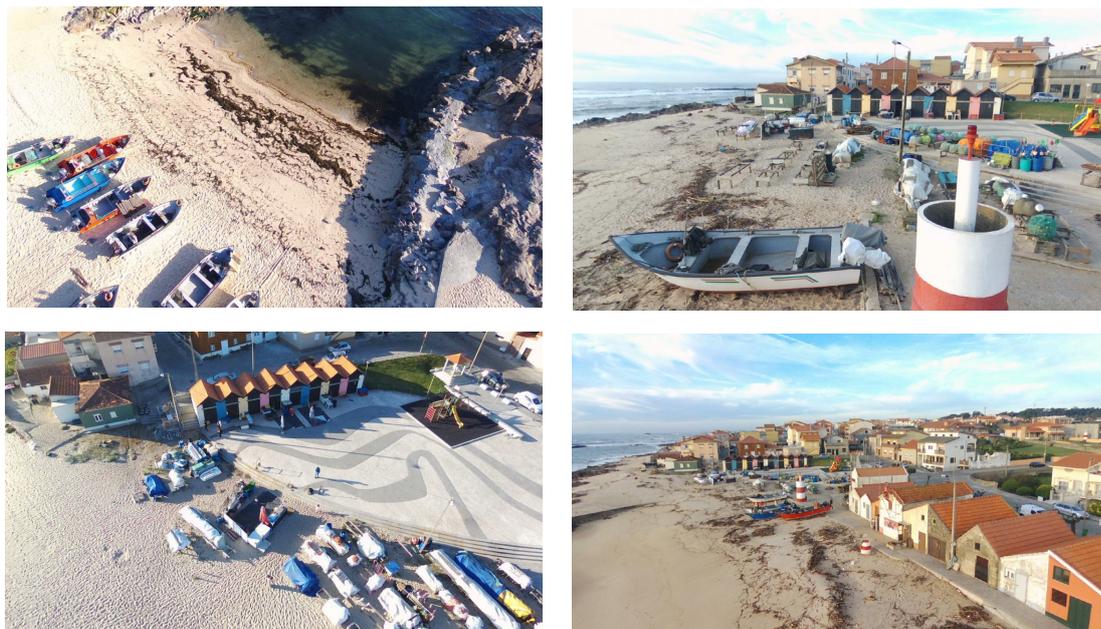


Fig. 54 Organização espacial do Largo dos Pescadores.

A imagem de uma vida em comunidade é suportada num conjunto de espaços e funções partilhadas, por isso, o sentido de 'casa' é algo inseparável de todos os processos que fazem parte do espaço público em Vila Chã.

O Largo dos Pescadores sofreu profundas transformações em prol de uma melhor acomodação de todos os utilizadores que usufruem do espaço para práticas diversas. No entanto, a necessidade da preservação de uma forma de viver e de ocupar um espaço distinto em sociedade sobrepõem-se a qualquer mudança física. Em Vila Chã, a contemporaneidade social e tecnológica coexistem com práticas e rotinas extremamente rudimentares.

O trabalho artesanal é apoiado em equipamentos marítimos também eles bastante elementares, no entanto permitem que seja realizada a faina. As casas do mar são os elementos organizadores do espaço, apartir das quais a disposição dos artefactos fixos ou móveis é pensada de forma agilizar todo o trabalho. Aliado a uma preparação em terra, os pescadores de Vila Chã, têm um bom porto de abrigo natural para proteger em caso de nortadas, porque a orla marítima tem bastantes aglomerados rochosos que servem de barreira, facilitando a entrada e saída das embarcações.

Os equipamentos fixos estão ao serviço de toda a comunidade, como os farolins, que orientam as embarcações para o porto, o guincho, que puxa as embarcações para o cimo do areal, depois de chegarem da faina, e a lota, que apesar de se encontrar numa situação de grande fragilidade, serve de suporte administrativo, onde se pesa o pescado e tiram-se as guias de transporte. No momento da chegada das embarcações, os instrumentos encontram-se junto dos barcos, nas respetivas bancas.

Apesar de a maior dinâmica estar associada à pesca, o Largo dos Pescadores é palco de visitas de vários turistas ou habitantes locais, que usufruem da praia para lazer ou para a prática de desportos ligados ao mar, e, portanto, existem infraestruturas que servem os visitantes, habituais ou não, como os balneários, o ISN, zonas de contemplação com bancos e sombra e um lavadouro que está aberto a qualquer pessoa.



rua do Mar

rua da Praia

Largo dos Pescadores

rua do Farol



Fig. 55 Esquema dos percursos por intensidade.

A ligação entre a rua da Praia e a rua do Facho é a mais utilizada, tanto pelos habitantes como pelos visitantes que procuram percorrer a costa junto à beira-mar; os restantes acessos são percorridos, com maior frequência, pelos habitantes locais e, especialmente, a pé.

«Seguimos pela estrada através dos campos verdes, em direção à extensão azul e cintilante do Oceano Atlântico. A estrada continua para a direita quando chega à praia e torna-se, de imediato, mais estreita. (...) A estrada é ladeada por pequenas casas cujas fachadas são pintadas de verde, azul, branco e cor de laranja ou são revestidas de azulejos de cores alegres.»

Sally Cole, Mulheres da Praia - pg.20/21

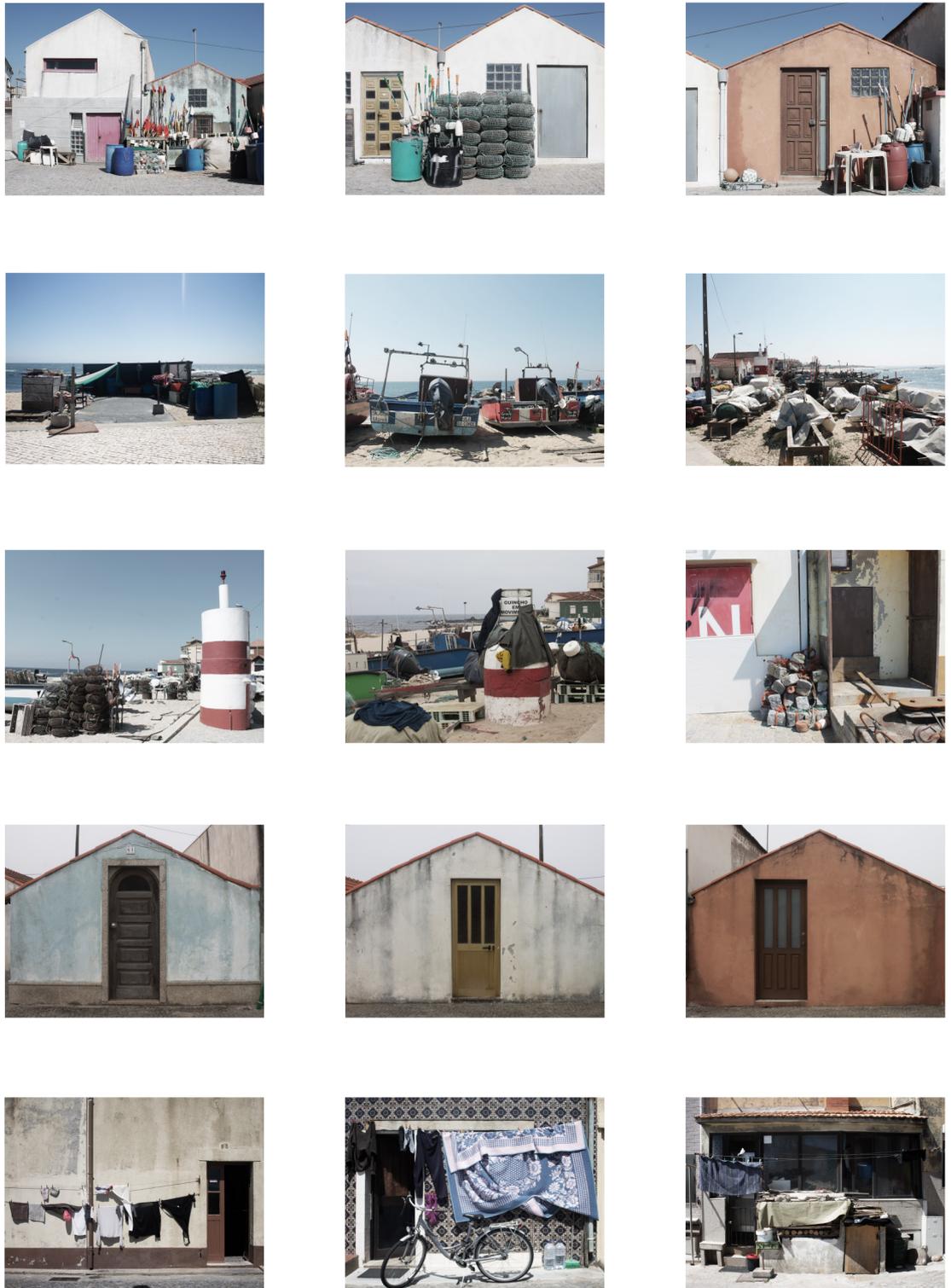


Fig. 56 Sequência de fotografias do Largo dos Pescadores.

A investigação em curso exige um trabalho de campo regular e um contacto próximo com as vivências presentes no território. As memórias que estão presentes nas pessoas vão se perdendo de geração em geração, contrariando a história que todos os vestígios físicos existentes proporcionam a todos os que visitam o núcleo dos pescadores de Vila Chã. A singularidade do Largo dos Pescadores, que está presente na proximidade das cabanas do mar, na apropriação do espaço público e na tipologia do edificado, é o aspeto de maior relevo a ser conservado de forma a preservar a memória do lugar e a história de uma freguesia, que apesar das suas dimensões reduzidas foi capaz de se destacar por feitos únicos.

Identidade



Vila Chã é uma 'aldeia comum' que reflete duas comunidades completamente separadas, física, social e culturalmente. A identidade atribuída à comunidade piscatória é muito particular, uma vez que, para além da partilha do espaço, existem muitas práticas que são desenvolvidas em colaboração, isto é, o interesse da comunidade sobrepõe-se ao individual.

Fig. 57 Relação entre o Largo dos Pescadores e a praia do Pescado.

A ideia de 'casa bairro' considera a forma de viver em comunidade que é suportado por espaços e funções de proximidade que se desenvolvem em espaços públicos ou privados de forte contiguidade. Predomina um ambiente equilibrado no qual a fronteira entre público e privado é menos vincada.

A presença das atividades marítimas - a pesca e a apanha do sargaço - permitem que os componentes de trabalho preencham um lugar no qual sobrevivem pessoas e espaços que constituem um património distinto daquele que resulta da crescente transformação da orla costeira em espaços de lazer e/ou turismo. Existe uma relação intrínseca entre o espaço e as dinâmicas que ocorrem no mesmo, a partir do momento em que essas dinâmicas desaparecem, o espaço perde toda a sua essência, passando a ser um lugar vazio.

A sazonalidade do trabalho de uma comunidade piscatória surge da obtenção de recursos para a subsistência, que são extremamente dependentes de fatores externos, como o estado do tempo e do mar e a quantidade de indivíduos de uma espécie e dos seu fluxos, justificam os meses que a embarcação não sai da praia e alteram-se as rotinas e a identidade do Largo dos Pescadores.

da Casa Bairro

A conexão perfeita entre a terra e o mar criam a dinâmica no Largo dos Pescadores, onde as mulheres são parte integrante de todo um processo de transformação de espaço, recorrente da atividade da pesca e do sargaço. Todavia, é à mulher que cabe o papel mais laborioso, enquanto o trabalho do homem limita-se à faina da pesca, a mulher trata da conservação das redes, ajuda em terra, o companheiro nas tarefas relacionadas com a arte da pesca, administra a economia doméstica e trata do lar e da família. Atualmente só existe uma mulher, a Glória, com carta de arrais que lhe concede a licença para se fazer ao mar. Enquanto o pescador regressa do mar, a mulher espara-o na praia, já com os apetrechos necessários para dar seguimento ao restante trabalho da faina - coloca o peixe em canastras e transporta-o pelo areal acima, pegando no pescado e pesando-o, para ser vendido ao público, sendo ele particular ou negociante.

As experiências de infância motivam Glória, enquanto mulher adulta, às andanças do mar, e para além dos labores da pesca, dedicava à apanha do sargaço - uma atividade de complemento para o rendimento anual familiar. Seguindo o processo tradicional da apanha do sargaço, a mulher aproveita a maré baixa e faz-se ao mar com o seu ganhapão, trazendo as algas que boiam na água do mar para o areal, depois o transporte para o cimo da praia é feito a pares e com a ajuda de uma carrela, o que permite levar uma maior quantidade que ao colo não seria possível. Posteriormente estendem o sargaço numa fina camada para que possa ficar bem seco e ao cabo de três dias, é enrolado em fardos para ser vendido ou para consumo próprio, espalhando-se o sargaço seco pela horta, servindo de fertilizante orgânico que não é prejudicial à saúde.

O Largo dos Pescadores é um lugar de dinamismo, onde acomoda as várias atividades e todos os seus equipamentos. Apresenta uma grande diversidade de ocupações durante todo o ano, às quais responde com uma grande capacidade de adaptação do espaço aos eventos. O espaço atrai os vários tipos de turismo, contribuindo para uma maior taxa de fluxos, principalmente, pedonal, a partir do qual a vista panorâmica, as cores alegres, a aragem do mar e a movimentação motivam o voltar dos visitantes.

3 | CASA SALÃO

ou casa do mar

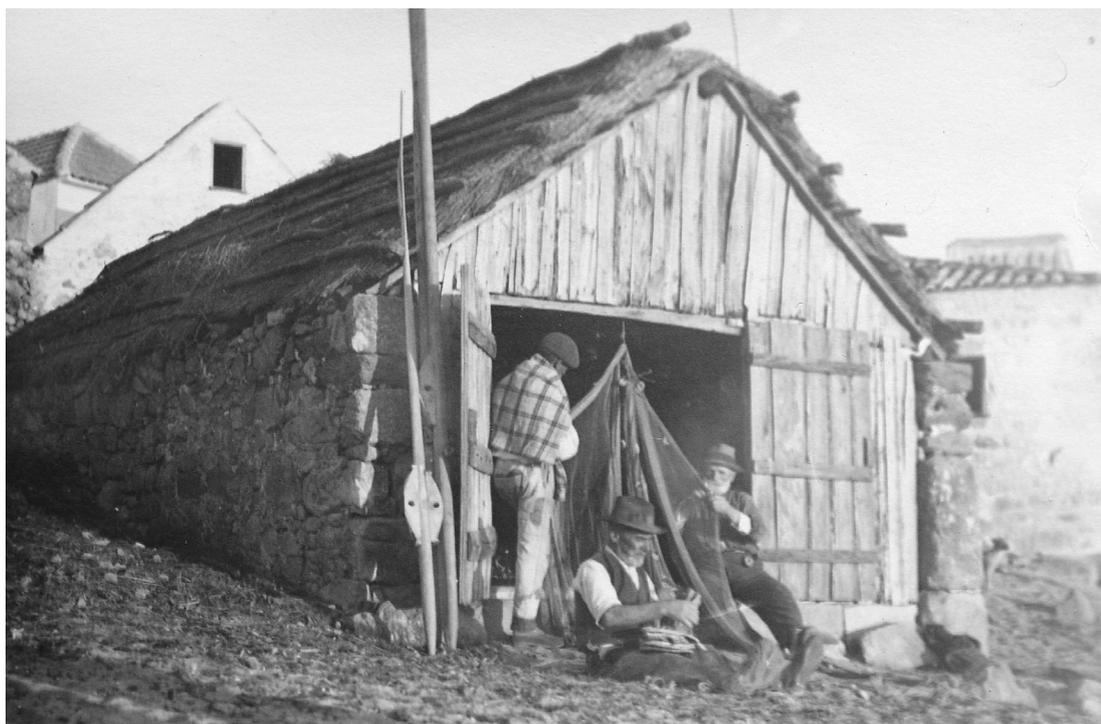


Fig. 58 Conservação de redes na praia do Pescado.

«Não tem nenhum sentido falar-se numa 'casa portuguesa' em abstracto. Existem tantos modelos de casas quantas as identidades culturais locais, influenciadas pelos meios em que se integram. (...) É possível, na tradição da arquitectura popular, estabelecer três tipos de habitação: a urbana (...); a das zonas marítimas ligadas a actividades piscatórias; a rural.»⁶

Hélder Pacheco, *Portugal, Património Cultural Popular* - pg. 79 e 80

A ideia da casa hoje pretende retratar como a forma de construir e ocupar o espaço mais íntimo se refletem na organização do quotidiano de labor ligado às atividades marítimas, e qual é a sua relação entre o espaço e o seu estilo de vida.

A linha atlântica de Vila Chã resume-se a um tipo de arquitetura que se adapta ao local e aos seus constituintes - materiais, relevo, recursos, entre outros - e ao clima no qual se insere, que resulta de uma tradição histórica, social e cultural do grupo de indivíduos que a constrói. É uma arquitetura sem projeto ou arquiteto, mas que responde às necessidades dos utilizadores e à evolução dos seus modos de vida e trabalho, sendo assim, uma arquitetura espontânea.

As casas do mar originalmente guardavam os barcos e os elementos mais compridos eram arrumados nas traves de armação do telhado e todo o resto do material de pesca ficavam espalhados e, ainda, amontoavam as redes e todos os instrumentos para reparar e dar-lhes manutenção, o que tornava difícil a movimentação no seu interior. Posteriormente, começou a existir uma parede divisória, paralela à estrada, que dividia a área em dois: uma parte era a cozinha e na outra arrumava-se o material. (Oliveira, Galhano:1990, 106)

A necessidade de evolução a par com a manutenção das casas dos pescadores desencadeou um processo de transformação, que na rua da Praia, foi para além da alteração de um sistema construtivo mais consolidado, sofrendo um processo de transformação tipológica com mais pisos, perdendo-se, assim, a originalidade da organização da cabanas à beira-mar. Portanto, as casas do Largo dos Pescadores são os testemunhos mais próximos das características casas do mar.

Com base na obra do autor Mário Moutinho *A Arquitectura Popular Portuguesa* que apresenta os vários tipos de casa que considera mais comuns e identificativas de cada região, assim, pretende-se analisar a organização espacial das casas de três regiões: norte, centro-litoral e sul, fazendo, posteriormente, uma comparação mais exaustiva à tipologia que se assemelha às das casas do mar de Vila Chã.

Segundo *A Arquitectura Popular Portuguesa*, na região do Norte, na qual se insere Vila Chã, são mencionados os barracos espalhados pela praia que asseguravam a guarda dos utensílios da cura das algas sem estadia para os sargaceiros e refere que *as ruas são geralmente perpendiculares à praia*. A região Centro-Litoral é a que mais se assemelha à região Norte. Entre Caminha e Viana do Castelo, as casas do mar servem somente para arrumos de apetrechos, enquanto que, Póvoa de Varzim, Esmoriz, Cortegaça, Furadouro e Aveiro, eram pontos de referência que asseguravam uma habitação permanente.

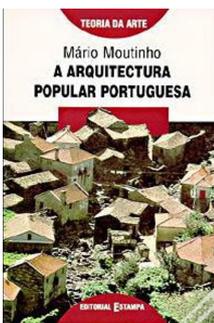


Fig. 59 Livro *A Arquitectura Popular Portuguesa*, de Mário Moutinho.

⁶ «Trata-se de uma síntese incompleta de imagens que evocam algumas manifestações. (...) Estas imagens são vividas nos locais e com as pessoas que neles estão implícitas. (...) São imagens que representam um peregrinar por montes acima, até às ermidas, um mergulhar nas aldeias escondidas, um descobrir de ruas antigas e ignoradas das cidades. Tardes e amanheceres. Anos de perseguição incansável deste nosso acontecer colectivo.»

Síntese da obra *Portugal, Património Cultural Popular*, do autor Hélder Pacheco
<https://objectosliterarios.blogspot.com>

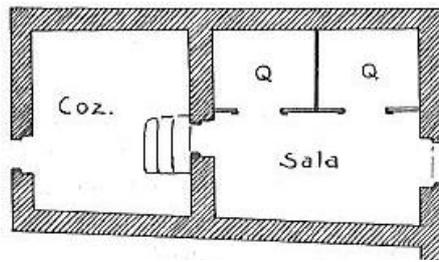


Fig. 60 Planta tipo da casa de pescadores da Póvoa de Varzim.

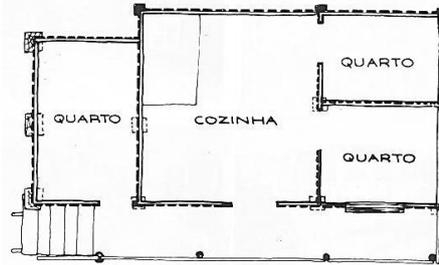


Fig. 61 Planta tipo da casa de pescadores da região Centro-Litoral.

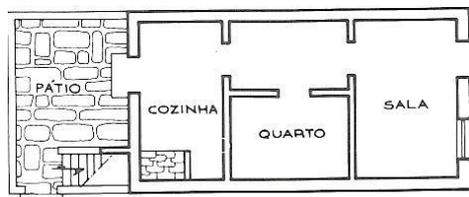


Fig. 62 Planta tipo da casa de pescadores do Algarve.

As casas de pescadores da Póvoa de Varzim tinham cerca de 5 a 6 metros de frente, por 10 a 12 metros de profundidade, com pouco mais de 2 metros de altura. A planta tipo apresenta dois compartimentos para funções distintas, que se encontram a cotas diferentes - a primeira divisão era onde se localizavam a sala e dois pequenos camarotes, que serviam de quarto ou arruações, que se abria diretamente para a rua, e a segunda era a cozinha, nas traseiras. Normalmente, o pavimento da casa estava a um nível inferior do da rua, e nesses casos a fachada era extremamente baixa, obrigando a que as pessoas a curvar-se e de seguida descer uns pequenos degraus, que prolongavam a soleira da porta

«de uma só folha, (...) e na sua parte superior, abria-se um postigo largo com uma simples portada móvel sem vidros, que, quando não havia janela, era o único rasgo de iluminação à frente da casa.»

Oliveira & Galhano, *Arquitectura tradicional portuguesa* - pg. 241

As casas tipo de pescadores da região Centro- Litoral são de um piso e de planta retangular, construída na sua totalidade com recurso à madeira, sobre uma estacaria (que podia ser fechada para arruações) e tábuas de madeira. A organização resume-se a quartos, cozinha e uma varanda corrida, através da qual se tem acesso à casa. A cobertura é de duas águas e raramente possui chaminé.

Na região do Algarve, as casas de pescadores são só de um piso e com uma planta retangular. A entrada pode ser feita, pela frente, através de um terraço ou pelas traseiras, por um pequeno pátio através de umas escadas, que pode estar coberto. A organização do interior das habitações é simples, com os compartimentos necessários à funções essenciais para a vida dos pescadores: trabalho, descanso e refeições. As divisões são geralmente abobadadas e a cozinha localiza-se nas traseiras. As paredes são em alvernaria de pedra ou tijolo, onde se apoiam as abóbadas das divisões e pelo exterior a fachada é contornada por platibandas, que escondem os telhados de duas águas. Este povoamento de pescadores são caracterizados pelas paredes brancas e o rodapé e as guarnições de portas e janelas coloridos.

Casas dos pescadores

Póvoa de Varzim

Compartimentos

«(...) O chão da cozinha costumava ser de terra batida e o da sala em soalho; para “romper” a inclinação dos terrenos, entre a sala e a cozinha, por vezes existiam alguns degraus e nenhuma das divisões tinha tecto, as armações da cobertura estavam à vista »

Oliveira & Galhano, *Arquitectura tradicional portuguesa* - pg. 242

Espaço partilhado

«(...) ao serviço de gente muito prolífica e cuja profissão exclusiva implicava aparelhagem de vulto, de dimensões reduzidas e com acomodações precárias e inconvenientes. Com frequência, várias gerações da mesma família (...) habitavam sob o mesmo tecto, dormindo todas as pessoas na sala única.»

Oliveira & Galhano, *Arquitectura tradicional portuguesa* - pg.247

Vila Chã

«Inicialmente construídas em madeira, as paredes passaram depois a ser construídas de granito toscamente rebocado e caiado de branco. No interior existia uma única parede divisória, paralela à estrada, que dividia a divisão principal da frente, da cozinha, atrás. (...) A divisão principal tinha o chão de madeira; na cozinha, o chão era de terra batida.»

Sally Cole, *Mulheres da praia* - pg. 35

«A cozinha era utilizada apenas para cozinhar (na lareira), para fazer pão e para tingir as redes com uma infusão feita de casca de salgueiro. A divisão da frente era usada por toda a família, inclusive para dormir, e para outras atividades como o fabrico de redes e de roupa, e também para armazenar os apetrechos da pesca e as algas secas.»

Sally Cole, *Mulheres da praia* - pg. 35

Fachadas com tonalidades



Telhado de duas águas



Arrumação dos apetrechos

«Na cozinha, havia um forno e uma pequena lareira e por toda a casa eram comuns apetrechos e objectos que ajudavam nas lides do mar, assim como no quintal, onde frequentemente eram tratadas as redes, guardados os remos, mastros e outros.»

Oliveira & Galhano, *Arquitectura tradicional portuguesa* - pg. 246/47



Fig. 63 Comparação entre a casa típica dos pescadores Da Póvoa de Varzim e de Vila Chã.



Fig. 64 Glória a reparar uma armadilha.

A casa da Glória

Com base numa arquitetura rudimentar, a casa da Glória responde a múltiplas necessidades sem sair dos limites físicos das quatro paredes. Apesar das suas dimensões reduzidas, o espaço apresenta uma enorme capacidade de flexibilidade, ou seja, a atribuição de várias funções, a capacidade de adaptação ou de transformação e de organização permitem que exista uma constante, que é o movimento.

Considerando a permanente evolução presente no mundo das dinâmicas marítimas, a casa do mar é uma 'casa' aberta num constante processo de adaptação ao usuário, no qual a sua área de ocupação está preparada para ser melhorada ou ser completada conforme as dificuldades que aparecerem.

Hoje em dia, a casa do mar da Glória funciona como arrecadação, onde arruma o material utilizado na pesca e no processo da apanha do sargaço, mas também dispõem de frigoríficos para guardar o isco e conservar o peixe, no caso de sobrar, sendo utilizado para consumo próprio, e, ainda, armários onde acomodam os instrumentos mais minúsculos, ou os que já deixaram de ser utilizados.

Os tempos são outros ... enquanto antes o dia não tinha horas suficientes para finalizar todas as tarefas diárias, e a correria era incessante para amealhar todos os bocadinhos que eram possíveis de agarrar e guardar para as temporadas inverniais, em que as idas ao mar eram, muitas vezes, uma ida sem volta ... Hoje, Glória é mais uma pescadeira que apesar de manter bem vivas as memórias de uma vida escrava na praia, leva consigo a tristeza de um percurso de destaque sem seguimento pelas gerações vindouras. O lugar da pose é o mesmo - a primeira casa de pedra, a contar do lado da lota - mas o entusiasmo a nada se assemelha àquela altura em que todos os dias eram uma azáfama, e a angústia que um dia existiu por todos aqueles que desapareciam no mar, passou a um angústia por todo aquele trabalho que desaparecera em terra.



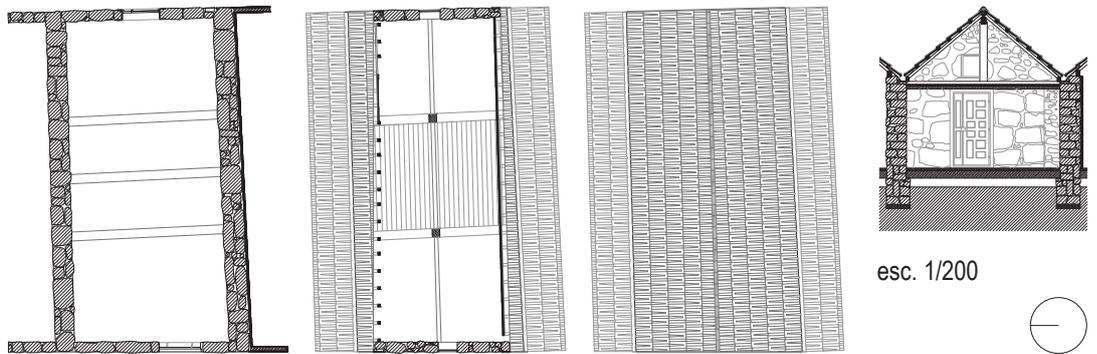
Fig. 65 Glória na sua casa do mar.

proprietários	Glória Costa e Carlos Cardoso
situação	casa de arrumos
data de construção	desconhecida
intervenções	sim
outras informações	Os pescadores com que se teve contacto referem que este é o exemplar que melhor preserva as características antigas. Apesar de não se encontrar habitada, a casa do mar é utilizada pelos proprietários para trabalhos relacionados com a pesca, tais como o armazenamento de material, reparação das redes, preparação de isca, entre outros
implantação	Largo dos Pescadores, nº. 27, Vila Chã - Vila do Conde



tipo de edificado	térreo
dimensões do lote	4x9 metros
forma da planta	planta retangular, estreita e alongada
adaptação ao terreno	situa-se na zona com menor declive da rua, e desenvolve-se na longitudinal, perpendicular à praia e à rua, com um pequeno desnível no pavimento para ambos os lados
tipo de volume	maciço, de alçados simples e poucos vãos
aberturas	uma a nascente e outra a poente, a nascente estão voltadas para a rua e a poente voltam-se para a praia
funções	espaço destinado a arrumos dos apetrechos da pesca e do sargaço, de pequena dimensão
outra informação	existência de um postiço, a uma cota mais elevada, que serve, igualmente, para arrumos de utensílios com menor utilidade
dados funcionais	
tipo de distribuição	salão, sem compartimentação
descrição	a casa do mar não possui divisões, organizando-se a partir do mobiliário existente, a função do mobiliário designa quais as várias áreas necessárias para o processo de preparação da ida ao mar

levantamento



fachadas

ver levantamento nas páginas seguintes

fachada principal fachada nascente, de entrada e voltada para a rua (pouco utilizada)

vãos sim

revestimento parede de pedra com as juntas, o remate do telhado e as ombreiras da porta pintadas de brancos

fachada posterior fachada a poente, voltada para a praia (utilizada com maior frequência)

vãos sim

revestimento parede de pedra e remates em cimentos, fachada mais tosca



materiais e construção

estrutura o edifício estrutura-se a partir de quatro paredes de pedra com as juntas em cimento

pavimento o pavimento resulta da laje térrea com a finalização rudimentar de uma betonilha

desvão o desvão apoia-se nas paredes laterais com três vigas de betão armado pré-fabricadas e é pavimentado com soalho de madeira

cobertura a cobertura sustenta-se numa estrutura em grelha de barrotes de madeira, visíveis no interior do edifício, e o cobrimento é em telha cerâmica

registo fotográfico

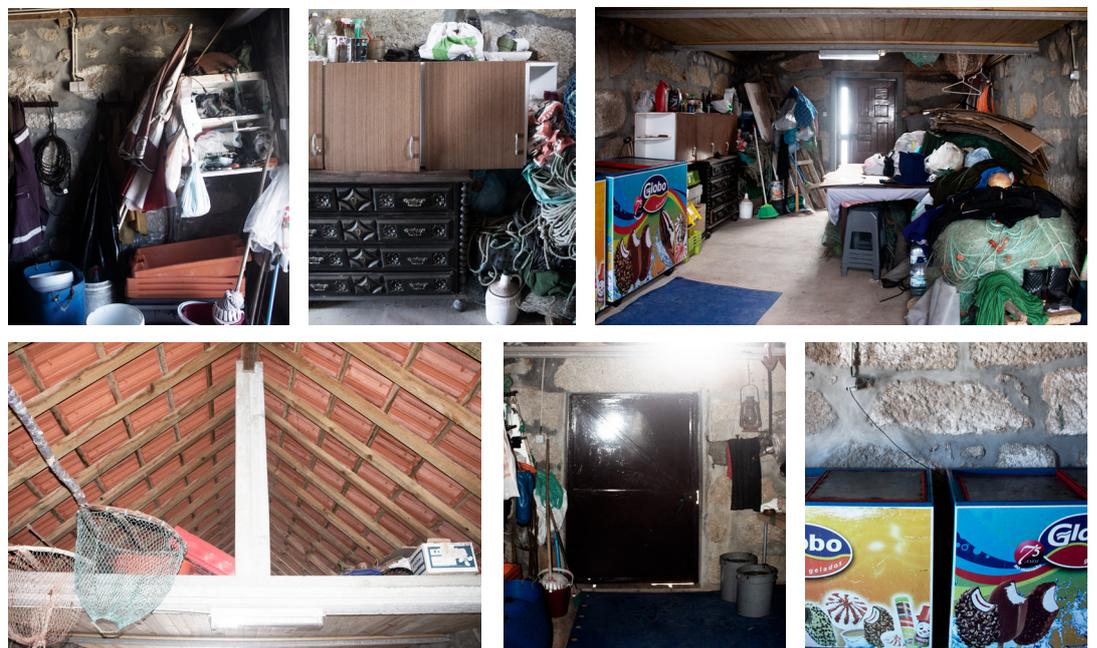
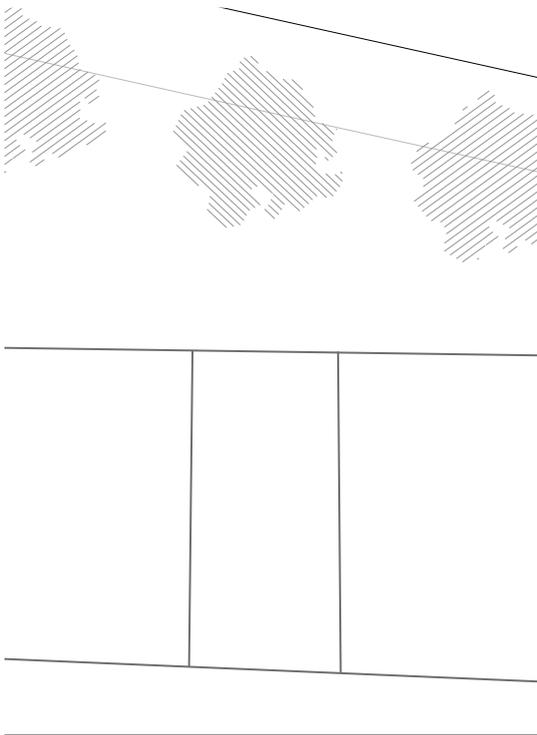


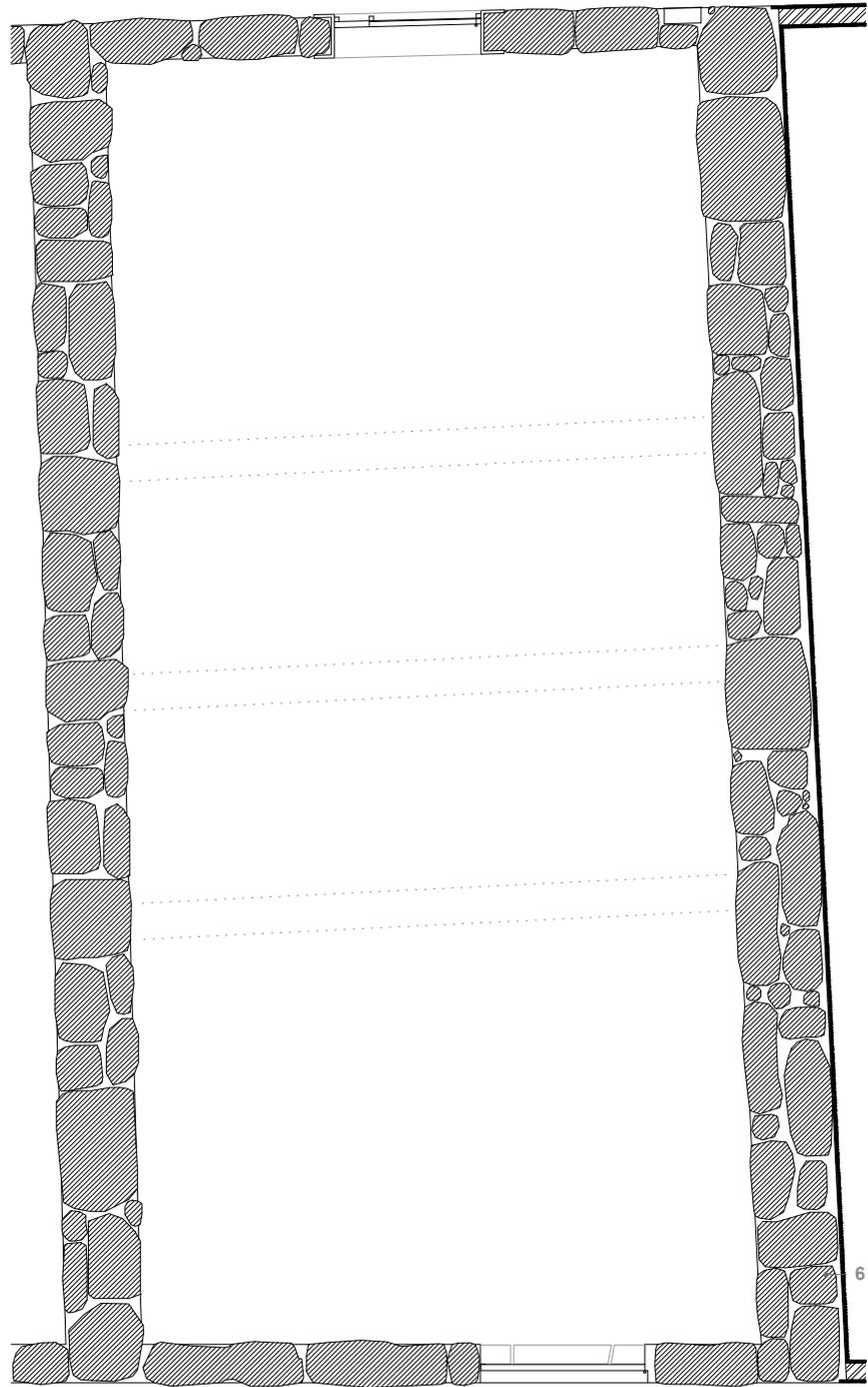
Fig. 66 Bilhete de identidade da casa do mar da Glória.



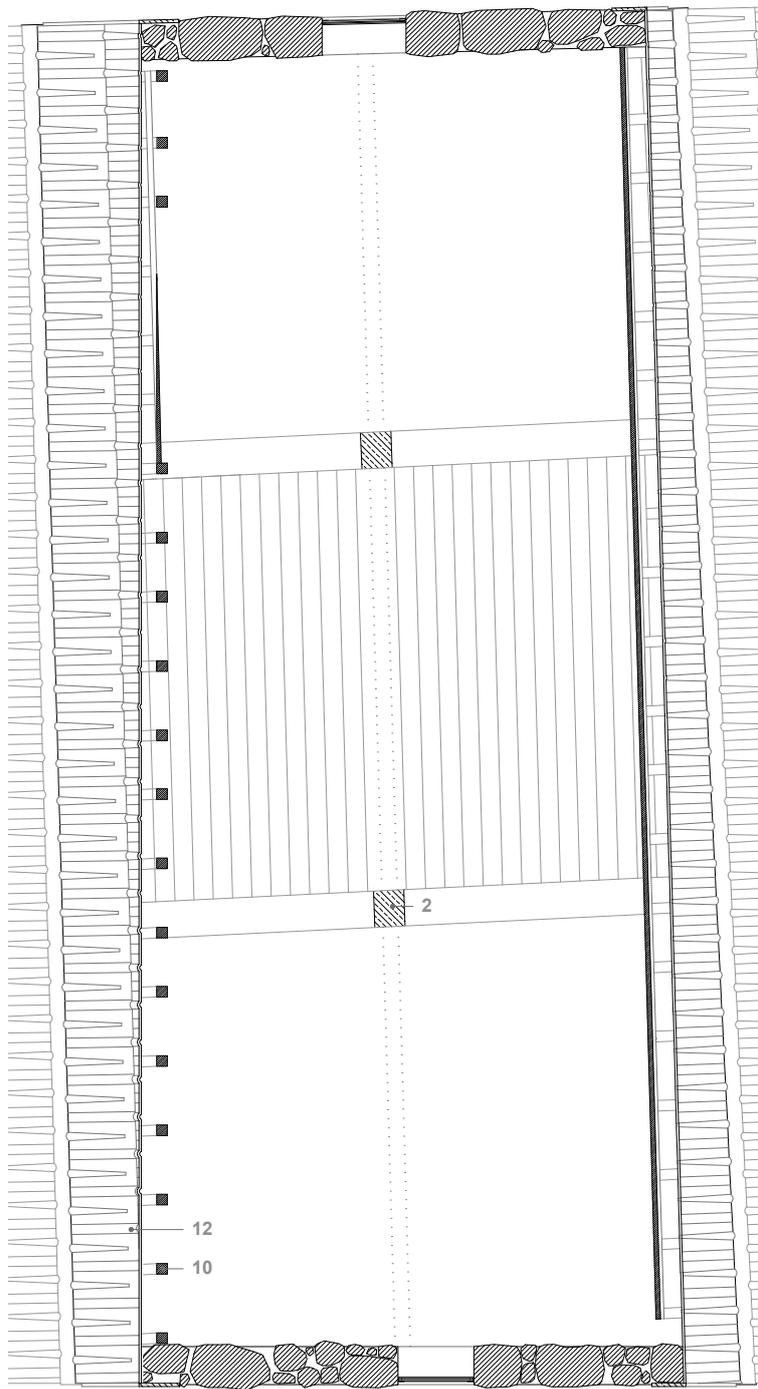
esc. 1/50

Fig. 67 Plantas da casa da Glória.

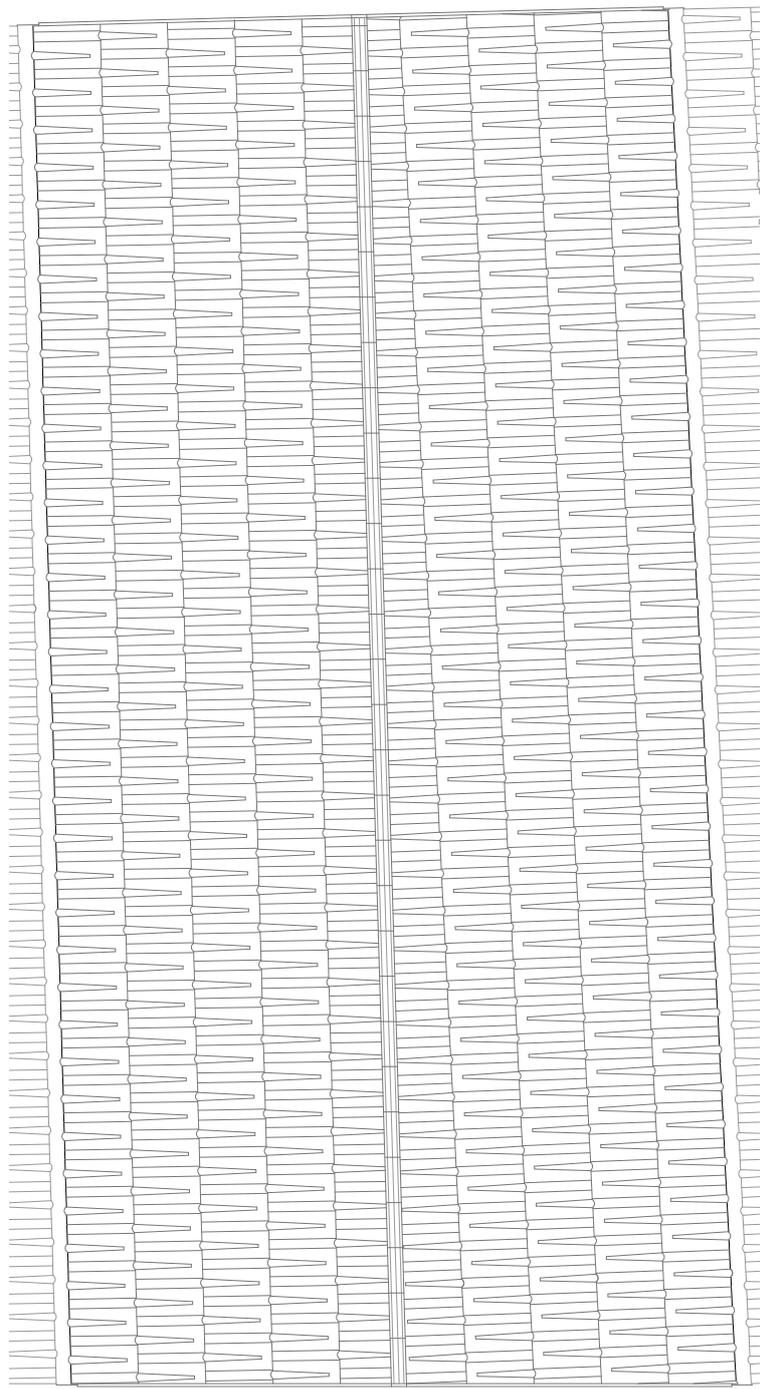
- 1- terreno natural
- 2- betão armado
- 3- gravilha
- 4- caixa de areia
- 5- cubo de granito 9x11
- 6- pedra
- 7- caixa de ar 50cm
- 8- lage térrea
- 9- betonilha
- 10- barrotes de madeira
- 11- caleira de inox
- 12- telha cerâmica



planta de piso



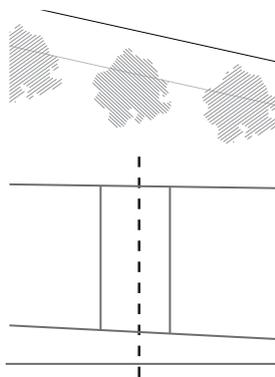
planta do desvão



planta de cobertura



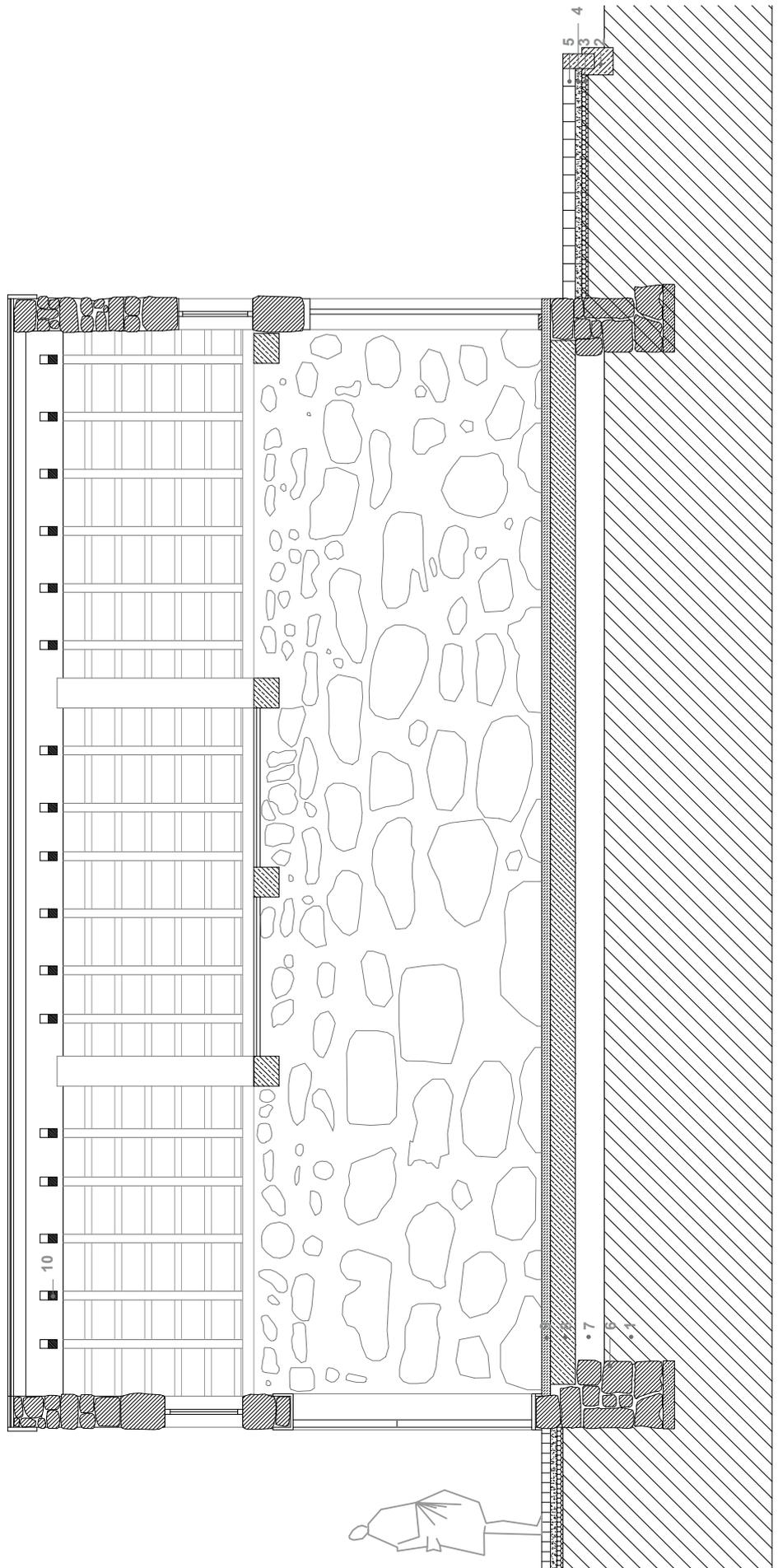
Fig. 68 Pormenores da vista do corte longitudinal.

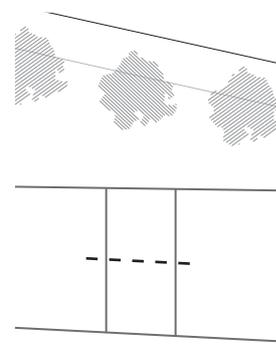


esc. 1/50

Fig. 69 Corte longitudinal.

- 1- terreno natural
- 2- betão armado
- 3- gravilha
- 4- caixa de areia
- 5- cubo de granito 9x11
- 6- pedra
- 7- caixa de ar 50cm
- 8- lage térrea
- 9- betonilha
- 10- barrotes de madeira
- 11- caleira de inox
- 12- telha cerâmica



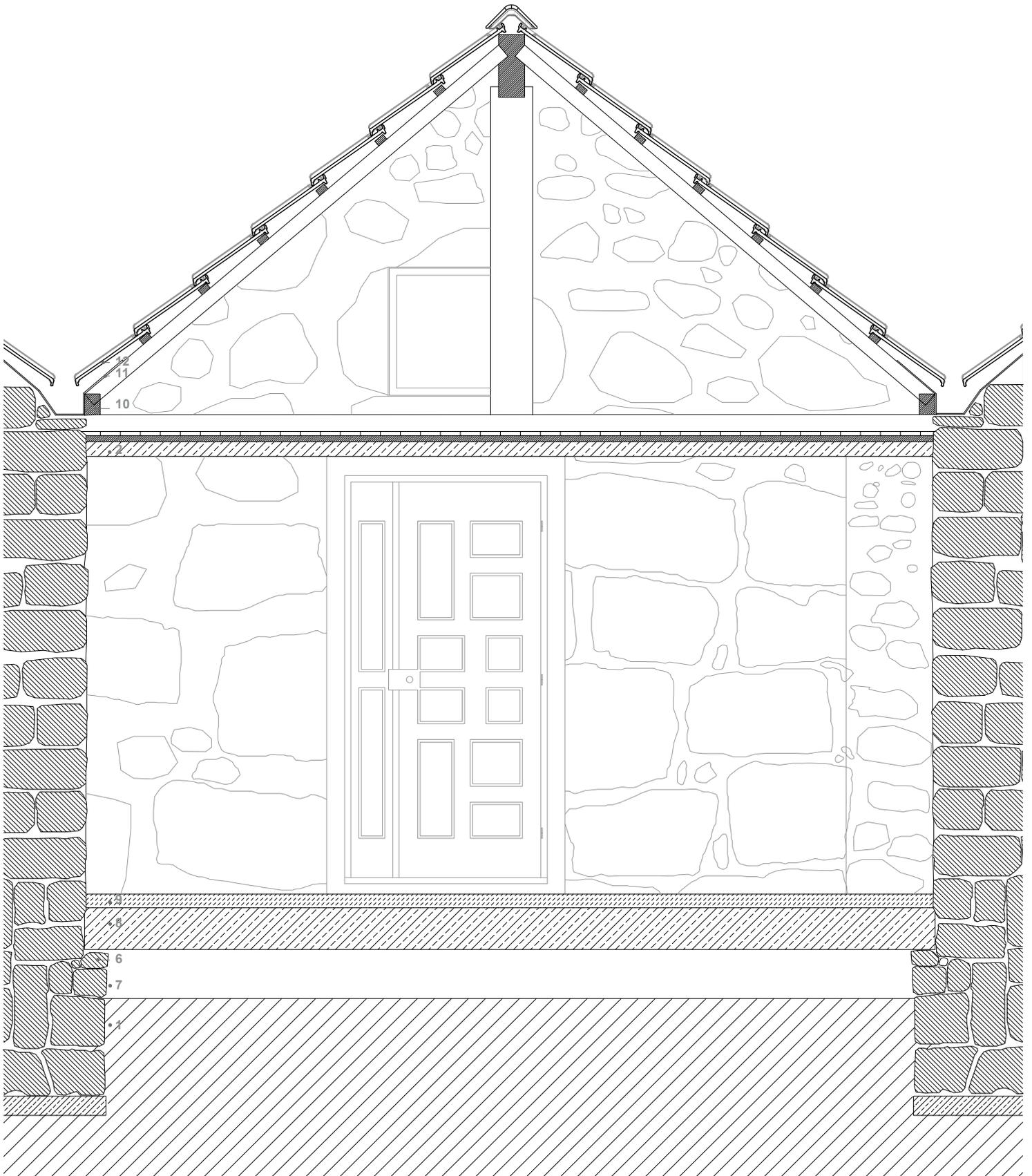


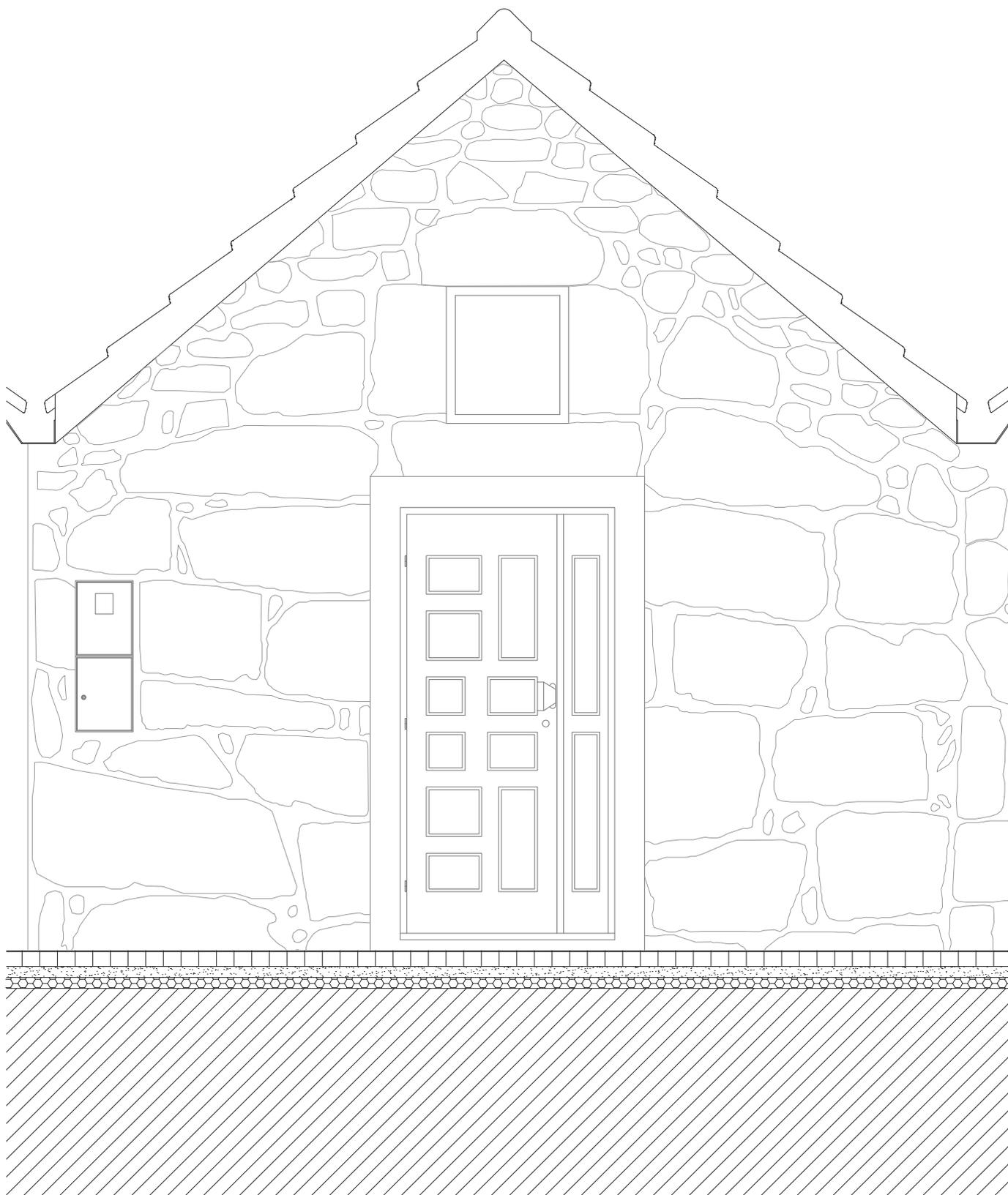
esc. 1/25

Fig. 71 (direita)
Corte transversal.

- 1- terreno natural
- 2- betão armado
- 3- gravilha
- 4- caixa de areia
- 5- cubo de granito 9x11
- 6- pedra
- 7- caixa de ar 50cm
- 8- lage térrea
- 9- betonilha
- 10- barrotes de madeira
- 11- caleira de inox
- 12- telha cerâmica

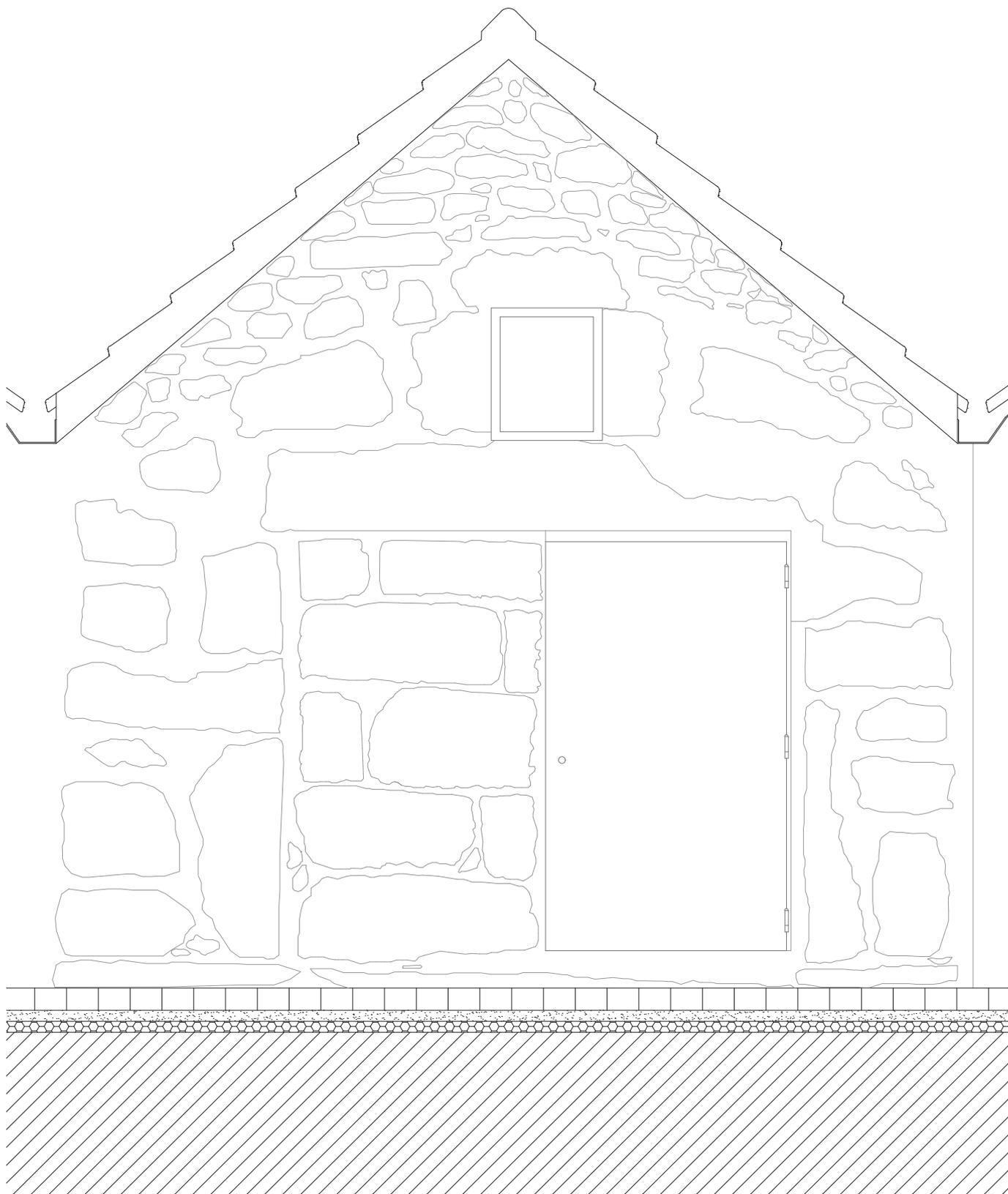
Fig. 70 Pormenores da vista do corte transversal.





esc. 1/25
Fig. 72 Alçado nascente.





esc. 1/25

Fig. 73 Alçado poente.



«The architecture that is designed for adaptation recognizes that the future is not finite, that change is inevitable, but that a framework is an important element in allowing that change to happen. Adaptable buildings are intended to respond readily to different functions, patterns of use and specific user's requirements (...) as future change is easily accommodated within the fixed building fabric.»

Robert Kronenburg, *Flexible: Architecture that responds to change.*
London: Laurence King - pg.115



Fig. 74 Alterações da morfologia.

A fragilidade que é habitar junto da linha do mar, juntamente com a escassez de recursos e um modo de vida muito elementar urge estratégias de autodefesa para combater as várias adversidades pelas quais os pescadores são alvo. Todo o processo de transformação consiste na adaptação de uma comunidade, com uma ocupação muito rudimentar, a restrições e legislações que exigem alterações e, muitas vezes, a sua impotência resulta no abandono das suas raízes.

A invasão do mar é a principal problemática com a qual os proprietários se debatem constantemente. Em alturas que o mar sobe junto das casas, estas têm que se precaver das inundações, portanto ao longo dos anos e após várias apropriações do mar, os pescadores tiveram que alterar alguns aspetos da morfologia das suas casas do mar, o mesmo aconteceu com a Glória.

O projeto de requalificação do Largo dos Pescadores permitiu que as construções elevassem a uma cota superior a, aproximadamente, 50cm sobre uma plataforma pavimentada que envolve todas as casas do mar, e, conseqüentemente, o solo do interior da construção aumentou de cota, tendo a mesma que no exterior, sendo também pavimentado, uma vez que anteriormente a construção estava assente sobre o areal.

O remendo que se encontra na entrada voltada para o mar surge do facto da casa do mar ter como função - abrigo para as embarcações - uma vez que as suas dimensões aumentaram sendo impossível a sua entrada, Glória recorreu à redução da porta, o que lhe confere maior privacidade. Nas alturas dos temporais invernais, a porta é travada com tábuas de madeira, impedindo a entrada da água para o seu interior, como é perceptível na terceira imagem.

Simplicidade

«In progressively more elaborate stages of environmental intervention, a paving of stones or a platform of wood provides a dried footing for the inhabitant. A lean-to roof keeps off rain and snow. East and west walls increase the wind-deflecting capabilities of the shelter and interfere little with the entry of winter sunshine. At night, a fire at the mouth of this simple shelter warms its occupants by both direct and wall-reflected radiation, and a small portion of its heat space even after the fire has died. One can easily imagine further steps in the improvement of such a rudimentary shelter: the use of fabric or skins to close off the open side after dark or on cloudy days, the moving of the fire to an interior hearth and so on. Perhaps many primitive building forms evolved in much this same way, to join later in the stream of development that led ultimately to modern building techniques.»

Edward Allen, *How Buildings Work: The Natural Order of Architecture* - pg. 24

da Casa Salão

O fato de ser um volume espacial amplo e simples, permite que a apropriação do espaço possa ser feita de uma forma pessoal e seguindo as necessidades do utilizador, assim, a flexibilidade é um conceito presente no edifício, uma vez que vive em constante processo de transformação. No caso dos proprietários não terem gerações vindouras interessadas nas atividades marítimas, o edifício permite adaptar-se e responder a necessidades vindas de outras áreas de interesse, como, por exemplo, o turismo local.

A materialidade do edifício confere um claro contraste entre o interior e o exterior. A utilização da pedra e do cimento para a compactação da mesma, cria um ambiente escuro, de introspeção, oferecendo um estado de calma. De certa forma, este espaço funciona como um contraponto e proteção face às intensas rotinas identificadas no bairro, mas também face às muitas pressões, como as do turismo balnear, e cada vez mais as do turismo ambiental ou do pedestrianismo.

A construção por ação humana e sobre bases rudimentares permite uma maior harmonia com o meio ambiente, não suficientemente capaz de se apresentar como uma apropriação desequilibrada e insustentável. Na verdade, a casa salão pode ser vista como um refúgio das conexões anteriormente descritas mas, também, das crescentes conexões tecnológicas. São casas de infraestrutura muito rudimentar e talvez por isso possam ser vistas como um lugar de regresso às origens, de aproximação aos elementos mais naturais e a práticas de grande manualidade.

A Casa Salão constitui um importante testemunho de tradições construtivas transmitidas ao longo dos anos. Com o seu estudo identificam-se formas de construir de grande pragmatismo mas, também, uma permanente evolução nas técnicas, no uso dos materiais e na organização funcional. Consoante a propensão do material dos locais e, com recurso apenas a tecnologias rudimentares e metodologias manuais, foram desenvolvidas de forma linear ao longo da história por contínua experimentação e evolução empírica.

4 | EPÍLOGO

Vila Chã constitui um conjunto urbano indissociável da pesca artesanal, sendo também fortemente marcada por um território no qual a componente agrícola é essencial. Este território foi submetido a uma investigação, do geral para o particular, na qual foi necessário o recurso a três níveis de aproximação. Os três níveis permitiram organizar a comunicação de uma realidade que é complexa e que está sob um processo de transformação urbana.

A componente agrícola e todo o seu sistema de relações está na origem da dispersão urbana do território de Vila Chã. Um processo de transformação territorial com origem na transmissão da propriedade. Desde que o sistema do morgado foi implementado nas famílias de Vila Chã, muitos vilaplanenses ficaram sem propriedades, o que resultou na expansão da ocupação do território, onde a linha da costa foi sendo apropriada pelos não proprietários, que procuravam instalar-se num local que fosse um refúgio mas também que oferecesse recursos suficientes para iniciarem uma nova vida de labor. Apesar de serem pessoas que viveram todo o seu crescimento confrontados com as lidas agrícolas, os não proprietários dedicaram-se a outros labores e para tal decidiram explorar os recursos marinhos, que era a atividade de complemento das famílias de lavouras. Assim, as suas prioridades voltaram-se para a apanha e comercialização das algas e a pesca, vivendo de trabalhos sazonais que, por vezes, se complementavam com o trabalho de jornaleiros nas épocas do cultivo.

A escassez de recursos marinhos, nomeadamente, do pilado e o baixo custo do peixe tornou insustentável a permanência na atividade, o que resultou no aumento da emigração, de forma a evitar a miséria, os endividamentos e a perda de bens e da autonomia familiar. A partida dos homens traduz-se no aumento do papel da mulher na casa e na comunidade. A mulher teve que garantir rotinas familiares mas também muitas das tarefas habitualmente associadas ao homem.

O trabalho fora e a emigração constitui importantes fatores do desenvolvimento económico de Vila Chã. As mais valias obtidas no estrangeiro eram investidas em Vila Chã. Acentua-se o parcelamento para construção de casa própria e conseqüentemente a dispersão urbana. Alterações tipológicas e construtivas que na atualidade se acentuam com o crescente número de investimentos decorrentes da economia do turismo.

O capítulo Casa Território conclui-se com um olhar sobre o papel da mulher. O mar, a posse das terras, a escassez de recursos e a emigração são processos territoriais que moldaram e foram moldados pela mulher.

No capítulo Casa Bairro apresenta-se uma forma de viver em comunidade que é suportada por espaços e funções partilhados. Glória é a mulher arquetipo que testemunha a realidade de Vila Chã. As atividades da sua rotina diária são feitas entre a rua da Praia Nova e o Largo dos Pescadores, onde se assiste a um variado cruzamento de espaços contrastantes.

As práticas que permitem a conexão entre a terra e o mar - a pesca e o sargaço, são desenvolvidas entre o Largo dos Pescadores e a praia do Pescado, onde a mulher é parte integrante de todo o processo de transformação diário. À mulher cabe todo o trabalho laborioso, nomeadamente, a preparação, em terra, de todo o processo da faina - a conservação e reparação das artes de pesca e a organização dos trabalhos para a chegada dos barcos e a venda do pescado. Todas as etapas pertencentes à atividade da pesca cria várias dinâmicas e ocupações que alteram o espaço, todas as vezes que são exercidas, apesar de finalizados os trabalhos, o espaço volta a adquirir a sua organização espacial. O sargaço do qual a mulher está encarregue vai-se apropriando do areal da praia, não tendo um lugar específico. Assim, o complemento ao orçamento familiar, ocupa-se do espaço que está vago no areal, assim como ocupa o tempo vago da mulher. O espaço do Largo dos Pescadores e a praia do Pescado está em constante transformação, com diversas atividades a acontecerem ao mesmo tempo, o que demonstra uma enorme capacidade de adaptação a cada evento.

A identidade do Largo dos Pescadores é muito particular. O artesanal/tradicional sobrepõe-se à evolução tecnológica e a força humana apoiada em artefactos elementares possibilitam a prática da atividade que serve de subsistência a esta comunidade. A expressão arquitetónica presente nas casas do mar e nos equipamentos assemelham-se, uma vez que para além de utilizar os mesmos materiais e cores diferentes, mas alegres, permitem-se a diversas funções, como por exemplo, a estrutura de madeira que está no areal da praia serve para pôr as redes a secar, delimita uma área para estender o sargaço e deixar secar e dá para pôr a roupa a secar, mas também confere ao espaço um ambiente de trabalho e dinamismo.

Do capítulo Casa Salão, importa reter as especificidades da casa dos pescadores de Vila Chã. Lembra-se que na fachada atlântica portuguesa as casas dos pescadores não são todas iguais e valoriza-se um saber construir ancestral, de construir com pouco, recuperando, reciclando e adaptando. As tipologias são simples e capazes de resistir à passagem do tempo. A flexibilidade e a rudimentariedade são conceitos que têm um tempo longo, assim como a própria arquitetura. Estes conceitos são, nos dias de hoje, conceitos que se apresentam adulterados ou fragilizados. No que respeita às construções mais recentes, a complexidade dos sistemas infraestruturais, o crescente número de normas e a resistência à experimentação conferem elevada rigidez ao que se constrói e à possibilidade de mais tarde o reconfigurar.

«A nostalgia de lugares ainda não poluídos pelo frenesim da modernidade. A total e perfeita simbiose de uma pequena vila com o mar como horizonte próximo. O poder da fotografia está nesse encantamento pelo que sobreviveu à usura do tempo.»

Marta Pita, *Lugares antropológicos entre mares*. - pág. 4

A esperança de não viver a memória somente a partir de uma fotografia implica um maior envolvimento do estado, tanto a nível local como nacional no apoio a práticas às quais é difícil atribuir um valor económico que são relevantes do ponto de vista social, ambiental e espacial.

| Índice de Imagens

Fig. 1 A rua e as casas dos pescadores no lugar da Praia, em Vila Chã. Fonte: COLE, Sally - Mulheres da Praia: O trabalho e a vida numa comunidade costeira. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.	3
Fig. 2 Limite da freguesia de Vila Chã e principais acessos rodoviários. Fonte: elaborado pela autora.	10
Fig. 3 As principais camadas territoriais de Vila Chã: topografia, hidrografia, estrutura viária, parcelar, edificado. Fonte: elaborado pela autora.	12
Fig. 4 Lugares de Vila Chã, extrato da carta militar de 1996. Fonte: arquivo do Departamento de Geografia da Universidade do Minho.	13
Fig. 5 Lugares de Vila Chã, na atualidade. Fonte: elaborado pela autora.	14
Fig. 6 Localização dos principais equipamentos públicos. Fonte: elaborado pela autora.	16
Fig. 7 Vista aérea do território de Vila Chã, 1951. Fonte: SANTOS, Amadeu Ramos dos - Villa Cham: da Maya/ Villa do Conde. 1.ª ed. Vila do Conde: Editor Desconhecido.	17
Fig. 8 Sequência de fotografias do percurso entre os vários serviços de atendimento ao público. Fotografias capturadas a 3 de dezembro de 2019. Fonte: elaborado pela autora.	18
Fig. 9 Peregrinos a caminho de Santiago de Compostela pela rota da linha da costa. Fotografia capturadas a 2 de abril de 2019. Fonte: elaborado pela autora.	19
Fig. 10 Levantamento da Carta Corográfica do Reino, elaborada à escala 1:100.000 por Filipe Folque entre 1868 e 1883. Fonte: arquivo do Departamento de Geografia da Universidade do Minho.	21
Fig. 11 Linha cronológica que sintetiza os principais fatores de conexão entre a terra e o mar. Fonte: elaborada pela autora, com fotografias antigas do Arquivo Municipal de Vila do Conde.	22
Fig. 12 Pescadores de Vila Chã homenageados. Fonte: Arquivo Municipal de Vila do Conde.	27
Fig. 13 Esquema referente à sazonalidade das atividades praticadas pelos que não eram proprietários. Fonte: elaborado pela autora.	28
Fig. 14 Pescadores de Vila Chã na pesca do bacalhau. Fonte: http://vilachavcd.blogspot.com/2010/07/os-nos-sos-homens-e-pesca-do-bacalhau.html	29
Fig. 15 Esquema da evolução do território. Fonte: elaborado pela autora com base nas cartas militares de 1971, 1979 e 1996, e no atual PDM de Vila do Conde.	31
Fig. 16 Página do jornal com as pescadeiras, vendedeiras e sargaceiras de Vila Chã. Fonte: TOCHA, Gonçalo – A Mãe e o Mar. Raquel da Silva. Festival de Curtas Vila do Conde: Curtas Metragens C.R.L., 2013. Documentário (97 min.)	33
Fig. 17 Mulheres na praia à espera dos barcos. Fonte: COLE, Sally - Mulheres da Praia: O trabalho e a vida numa comunidade costeira. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.	35
Fig. 18 Esquema da organização de um dia de trabalho da mulher de Vila Chã. Fonte: elaborado pela autora, com fotografias do livro COLE, Sally - Mulheres da Praia: O trabalho e a vida numa comunidade costeira. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.	36
Fig. 19 Vista panorâmica da praia do Pescado. Fonte: Filipe Pereira.	41
Fig. 20 Ortofotomapa de 2019. Fonte: Google Earth Pro.	43
Fig. 21 Sequência de fotografias da comunidade. Fotografias capturadas a 20 de janeiro de 2019. Fonte: elaborado pela autora.	45
Fig. 22 Esquema de delimitação do bairro através da rede viária. Fonte: elaborado pela autora.	46

Fig. 23 Cédula marítima da Glória. Fonte: arquivo da Glória.	47
Fig. 24 Árvore genealógica da Glória. Fonte: elaborado pela autora.	48
Fig. 25 Cartaz do documentário. Fonte: https://cinecartaz.publico.pt/filme/334273_a-mae-e-o-mar	48
Fig. 26 A manhã da Glória. Fotografias capturadas a 26 de junho de 2019. Fonte: elaborado pela autora.	49
Fig. 27 Percurso entre a casa do mar e a casa da família. Fotografias capturadas a 19 de janeiro de 2020. Fonte: elaborado pela autora.	50
Fig. 28 Relação entre o bairro (local de trabalho) e lugares de residência dos pescadores de Vila Chã. Fonte: elaborado pela autora.	52
Fig. 29 Regresso da faina. Fonte: SANTOS, Amadeu Ramos dos - Villa Cham: da Maya/Villa do Conde. 1.ª ed. Vila do Conde: Editor Desconhecido.	53
Fig. 30 Listagem dos pescadores e respetivos lugares de residência e embarcações de pesca. Fonte: elaborado pela autora.	54
Fig. 31 Glória Costa e o marido a chegarem da faina. Fonte: arquivo da Glória.	55
Fig. 32 Os barcos de Vila Chã. Fotografia capturada a 2 de abril de 2019. Fonte: elaborado pela autora.	56
Fig. 33 A praia, vista da rua do Mar. Fotografia capturada a 3 de abril de 2020. Fonte: elaborado pela autora.	57
Fig. 34 Profundidade a que os peixes são capturados. Fonte: elaborado pela autora.	59
Fig. 35 Percurso feito pelas embarcações depois da saída da barra e a distribuição das artes de pesa. Fonte: elaborado pela autora.	59
Fig. 36 Artes de pesca. Fonte: https://www.dgrm.mm.gov.pt	59
Fig. 37 Ilustração de elementos marítimos. Fonte: elaborado pela autora.	60
Fig. 38 Redes de pesca estendidas na praia. Fonte: arquivo municipal de Vila do Conde.	61
Fig. 39 Disposição dos apetrechos no Largo dos Pescadores, após subida do mar. Fotografia capturada a 20 de janeiro de 2020. Fonte: elaborado pela autora.	62
Fig. 40 A venda do peixe. Fotografias capturadas a 20 de janeiro de 2020. Fonte: elaborado pela autora.	63
Fig. 41 A lota de Vila Chã. Fotografia capturada a 3 de janeiro de 2019. Fonte: elaborado pela autora.	64
Fig. 42 Revisão científica de algas, CMIA. Fonte: panfleto da Junta de Freguesia.	65
Fig. 43 Delimitação da linha da costa onde existe mais sargaço. Fonte: elaborado pela autora.	66
Fig. 44 Processo da apanha do sargaço. Fontes: primeira coluna - SANTOS, Amadeu Ramos dos - Villa Cham: da Maya/Villa do Conde. 1.ª ed. Vila do Conde: Editor Desconhecido; COLE, Sally - Mulheres da Praia: O trabalho e a vida numa comunidade costeira. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994. segunda coluna - arquivo da Glória.	67
Fig. 45 Casas do mar antes da reestruturação do Largo dos Pescadores. Fonte: Núcleo Museológico de Vila Chã <i>Memórias da terra</i> .	70
Fig. 46 Planta do Largo dos Pescadores do ano de 1996. Fonte: elaborado pela autora com base numa planta de 66 em arquivo na junta de freguesia.	71
Fig. 47 Fotomontagem do Largo dos Pescadores, séc. XIX. Fonte: Núcleo Museológico de Vila Chã <i>Memórias da terra</i> .	72

Fig. 48 Largo dos Pescadores após a demolição da ponte. Fonte: quadro em exposição na junta de freguesia.	72
Fig. 49 Pedra que testemunha a presença de uma ponte. Fotografia capturada a 3 de dezembro de 2019. Fonte: elaborado pela autora.	73
Fig. 50 Mulheres a lavar roupa no riacho que passava no Largo dos Pescadores, 1910. Fonte: arquivo municipal de Vila do Conde.	74
Fig. 51 Antigo lavadouro público, demolido por falta de condições. Fonte: https://www.facebook.com/groups/1974116342640232/photos/	74
Fig. 52 Antigo fontanário público recuperado pela junta de freguesia, em 2016. Fotografias capturadas a 3 de dezembro de 2019. Fonte: elaborado pela autora.	74
Fig. 53 Esquema da organização espacial do Largo dos Pescadores. Fotografias capturadas a 2 de abril de 2019. Fonte: elaborado pela autora.	75
Fig. 54 Organização espacial do Largo dos Pescadores. Fonte: Filipe Pereira.	76
Fig. 55 Esquema dos percursos por intensidade. Fonte: fotografia de fundo de Filipe Pereira e as restantes fotografias capturadas a 20 de janeiro de 2020, pela autora.	78
Fig. 56 Sequência de fotografias do Largo dos Pescadores. Fotografias capturadas a 25 de maio de 2019. Fonte: elaborado pela autora.	80
Fig. 57 Relação entre o Largo dos Pescadores e a praia do Pescado. Fonte: elaborado pela autora.	81
Fig. 58 Conservação de redes na praia do Pescado. Fonte: arquivo municipal de Vila do Conde.	85
Fig. 59 Livro <i>A Arquitectura Popular Portuguesa</i> , de Mário Moutinho. Fonte: https://www.wook.pt/livro/a-arquitectura-popular-portuguesa-mario-moutinho/84060	86
Fig. 60 Planta tipo da casa de pescadores da Póvoa de Varzim. Fonte: MOUTINHO, Mário - <i>A Arquitectura Popular Portuguesa</i> . Editorial Estampa, 1995. ISBN 9789723310542	87
Fig. 61 Planta tipo da casa de pescadores da região Centro- Litoral. Fonte: MOUTINHO, Mário - <i>A Arquitectura Popular Portuguesa</i> . Editorial Estampa, 1995. ISBN 9789723310542	87
Fig. 62 Planta tipo da casa de pescadores do Algarve. Fonte: MOUTINHO, Mário - <i>A Arquitectura Popular Portuguesa</i> . Editorial Estampa, 1995. ISBN 9789723310542	87
Fig. 63 Comparação entre a casa típica da Póvoa de Varzim e de Vila Chã. Fonte: https://andessemparar.com/tag/povoa-do-varzim/ e fotografias da autora.	88
Fig. 64 Glória a reparar uma armadilha. Fonte: arquivo da Glória.	89
Fig. 65 Glória na sua casa do mar. Fotografia capturada a 26 de junho. Fonte: elaborado pela autora.	90
Fig. 66 Bilhete de Identidade da casa do mar da Glória. Fonte: ortofotomapa - Google Earth Pro; fotografias capturas nos dias 16 de julho de 2019.	92
Fig. 67 Plantas da casa da Glória. Fonte: elaborado pela autora.	93
Fig. 68 Pormenores da vista do corte longitudinal. Fotografia capturada no dia 16 de julho de 2019. Fonte: elaborado pela autora.	95
Fig. 69 Corte longitudinal. Fonte: elaborado pela autora.	96
Fig. 70 Pormenores da vista do corte transversal. Fonte: elaborado pela autora.	97
Fig. 71 Corte transversal. Fonte: elaborado pela autora.	98

Fig. 72 Alçado nascente. Fonte: elaborado pela autora.	99
Fig. 73 Alçado poente. Fonte: elaborado pela autora.	100
Fig. 74 Alterações da morfologia. Fotografias capturadas a 16 de julho de 2019. Fonte: elaborada pela autora.	102

| Bibliografia

Impressos (Livros, Artigos e Teses)

AFONSO, Maria Cristina Tavares – A Imagem da Cidade. Lisboa: Edições 70, Lda., 2017. ISBN 978-972-44-1411-9

ALLEN, Edward - How Buildings Work: The Natural Order of Architecture. USA: Oxford University Press, 2005. ISBN 019516198X, 9780195161984

ALVES, Bernardo - Caminhar pela diversidade: Por uma (Com)posição do Coletivo. Porto: Universidade do Porto, 2019. Dissertação de Mestrado.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITETOS PORTUGUESES, Conselho Diretivo Nacional – Arquitetura Popular em Portugal. 3.ª ed. Lisboa : AAP-CDN, 1988. Vol.1 Zona 1- Minho, Zona 2- Trás os Montes

AZEVEDO, Catarina Sofia da Silva – A Memória e o Património Marítimo da Costa Norte de Portugal. Guimarães: Universidade do Minho, 2013. Dissertação de Mestrado.

BAEZA, Alberto Campo - Pensar com as mãos. 2.ª ed.: Caleidoscópio, 2013. ISBN 978-989-658-100-8

CHALLINOR, Elizabeth Pilar - Identidade e pertença: para além das dimensões materiais do sofrimento social. Etnográfica (online), vol. 15 (3), 2011, Online desde 20 julho 2012.

COLE, Sally - Mulheres da Praia: O trabalho e a vida numa comunidade costeira. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994. ISBN 972-20-1193-6

COSTA, António Firmino da - Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural. 2.ª ed. Lisboa: Celta Editora, 2008. ISBN 978-972-774-249-3

DIAS, António de Azevedo – Vila Chã e suas Origens. 1.ª ed. Vila do Conde: Editor Desconhecido.

INIP - Definição e classificação dos tipos de navios de pesca, Publicações Avulsas do Instituto Nacional de Investigação das Pescas, nº13, 1988

LOPES, Flávio & **CORREIA**, Miguel Brito - Património arquitectónico e arqueológico: Cartas, recomendações e convenções internacionais. Lisboa: Livros Horizonte, 2004. ISBN 9789722413077

LYNCH, Kevin – A Imagem da Cidade. Lisboa: Edições 70, Lda., 2017. ISBN 978-972-44-1411-9

MONTEIRO, Renata Sousa – A Ruas e as Meias Casas de Pescadores de Caminha. Vila Nova de Cerveira : Escola Superior Gallaecia, 2015. Dissertação de Mestrado.

MOUTINHO, Mário - A Arquitectura Popular Portuguesa. Editorial Estampa, 1995. ISBN 9789723310542

OLIVEIRA, Ernesto Veiga; **GALHANO**, Fernando - Arquitectura tradicional portuguesa. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-0959-1

OLIVEIRA, Sónia Azevedo, **OLIVEIRA**, Isabel Barca & **FERREIRA**, Manuela Malheiro Dias - A Comunidade Piscatória de Vila Chã (Vila do Conde): Cultura e Desenvolvimento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010. ISBN 978-972-99436-5-2

PACHECO, Helder - Portugal, Património Cultural Popular: O ambiente dos homens. Porto: Areal Editores, 1985.

PEREIRA, Daniel & **FERREIRA**, Fernando - Transcrever: ações participativas nos bairros sociais de Braga. Braga: 1.ª edição, 2018. ISBN 978-989-99600-7-7

PITA, Marta - Lugares antropológicos entre mares. História, memória e presente numa vila piscatória transformada em porto industrial. Lisboa: Departamento de Antropologia da nova FCSH, Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado.

PORTAS, Nuno – A Cidade Como Arquitetura. 3.ª ed. Lisboa: Livros Horizontes, 2007. ISBN 972-24-1463-1 **SANTOS**, Amadeu Ramos dos - Villa Cham: da Maya/Villa do Conde. 1.ª ed. Vila do Conde: Editor Desconhecido.

RIBEIRO, Sofia Isabel Fonseca – Vilas Piscatórias Algarvias. Lisboa : Técnico Lisboa, 2015. Dissertação de Mestrado.

SANTOS, Amadeu Ramos dos - Villa Cham: da Maya/Villa do Conde. 1.ª ed. Vila do Conde: Editor Desconhecido.

SILVA, Diana Isabel Rocha – Comunidade Piscatória de Vila Chã (Vila do Conde). Porto : Universidade do Porto, 2014. Dissertação de Mestrado.

TAVARES, Domingos – Casas na Duna. 1.^a ed. Porto: Dafne Editora, 2018. ISBN 978-989-8217-44-8

VIEGAS, Maria do Céu - As Comunidades Piscatórias de Angeiras e Aguda: Reflexões sobre o tradicional na modernidade. ed. AGIR- Associação para a Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural. Póvoa do Varzim, 2006.

KRONENBURG, Robert - Flexible: Architecture that responds to change. London: Laurence King, 2007.

Artigos Online

<https://andessemparar.com/tag/povoa-do-varzim/>

<http://www.anthroencyclopedia.com/entry/house-and-home>

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/manuel-castells/>

https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Buildings_in_P%C3%B3voa_de_Varzim

<https://www.comunidadeculturaearte.com/a-sociedade-da-informacao-em-rede-aos-olhos-de-manuel-castells>

<https://www.dgrm.mm.gov.pt>

<https://www.facebook.com/groups/1974116342640232/photos/>

https://www.lipor.pt/fotos/editor2/ds_vilacha.pdf

https://www.researchgate.net/publication/249623803_What_Makes_a_House_a_Home

<https://tabuademares.com/pt/porto/vila-do-conde>

<https://vilachavcd.blogspot.com/2010/07/mulheres-de-vila-cha-1.html>

<http://vilachavcd.blogspot.com/2010/07/os-nossos-homens-e-pesca-do-bacalhau.html>

Aquivo de documentos

Centro de Memória - Museu de Vila do Conde
Largo de São Sebastião, 4480-754 Vila do Conde

Câmara Municipal de Vila do Conde
Praça Vasco da Gama, 4480-454 Vila do Conde

Núcleo Museológico de Vila Chã - Memórias de uma terra
Travessa do Sol 70, 4485-743 Vila Chã

Junta de Freguesia de Vila Chã
Rua da Lavadeira 1337, 4485-704 Vila Chã

Documentários/Filmes

PINTO, João Nuno - América – Uma História Portuguesa. Luca Alverdi. Portugal: Marlowyinn Ltd., 2010. Filme Drama/ Comédia (111 min)

TELES, António da Cunha – Continuar a Viver. Lagos: Cinemática Portuguesa , 1977. Documentário português de longa metragem (110 min.)

TOCHA, Gonçalo – A Mãe e o Mar. Raquel da Silva. Festival de Curtas Vila do Conde: Curtas Metragens C.R.L., 2013. Documentário (97 min.)

Vídeos Online

Apanha do Sargaço, Sebastiam Mello

<https://www.youtube.com/watch?v=lh6B4UshQfg>

Perdidos & achados - Índios da Meia Praia 2012

<https://www.youtube.com/watch?v=krTE4n25-88>

Praia dos barcos Vila Chã - Vila do Conde, Filipe Pereira

https://www.youtube.com/watch?v=RmPL_Ktgw4E

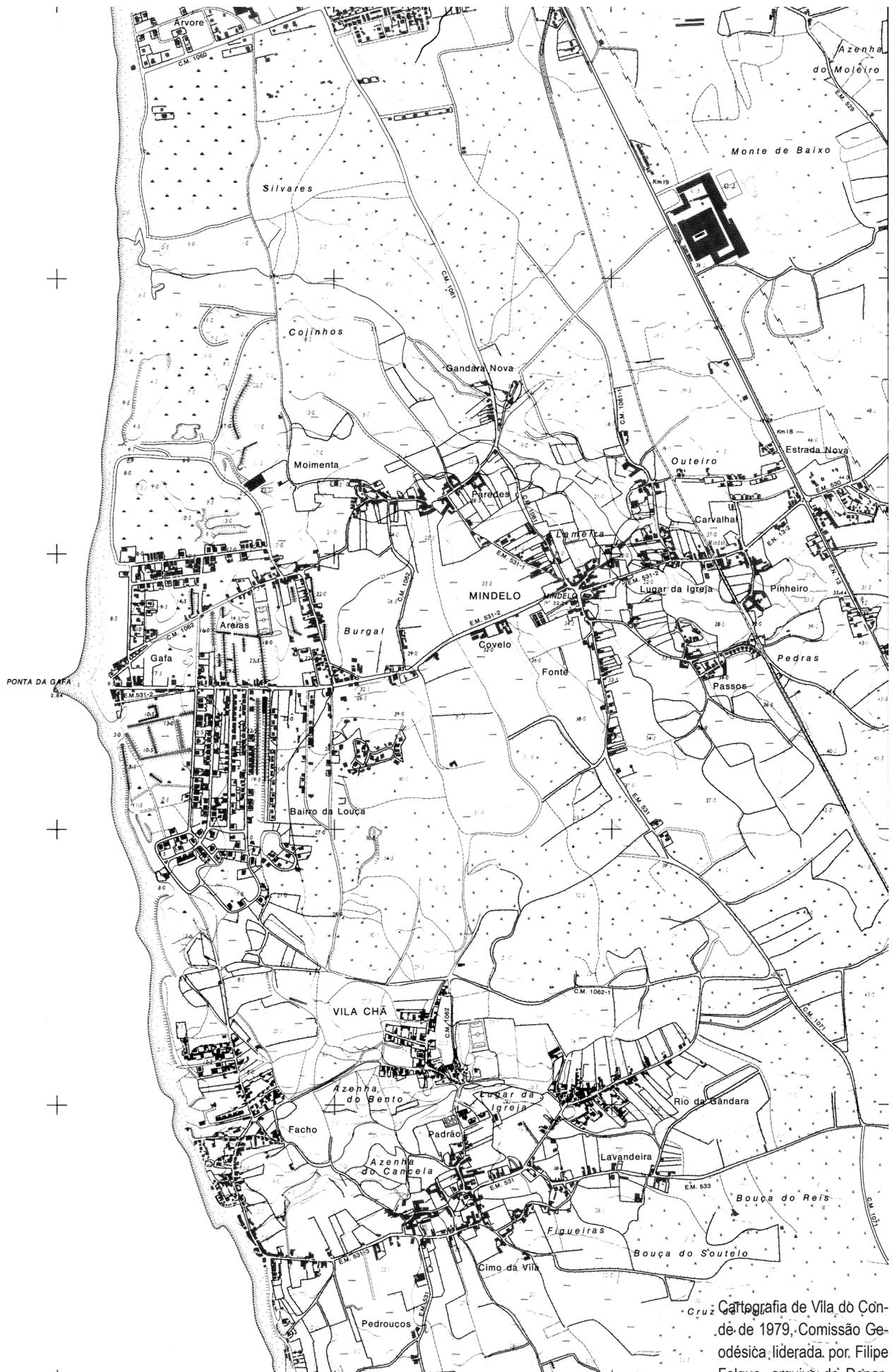
Vila Chã - Pescadores na Praia (Vila do Conde), Jorge Tavares

<https://www.youtube.com/watch?v=G3ZO8Vi4LoE>

| Anexos

ATLÂNTICO

OCEANO



Cartografia de Vila do Conde de 1979, Comissão Geodésica liderada por Filipe Folque, arquivo do Departamento de Geografia da Universidade do Minho.



CORRESPONDENTE AO VALOR DADO

41° 20' 00" N
41° 17' 20" N
41° 14' 00" N
41° 10' 40" N
41° 07' 20" N
41° 04' 00" N
41° 00' 40" N
40° 57' 20" N
40° 54' 00" N
40° 50' 40" N
40° 47' 20" N
40° 44' 00" N
40° 40' 40" N
40° 37' 20" N
40° 34' 00" N
40° 30' 40" N
40° 27' 20" N
40° 24' 00" N
40° 20' 40" N
40° 17' 20" N
40° 14' 00" N
40° 10' 40" N
40° 07' 20" N
40° 04' 00" N
40° 00' 40" N
39° 57' 20" N
39° 54' 00" N
39° 50' 40" N
39° 47' 20" N
39° 44' 00" N
39° 40' 40" N
39° 37' 20" N
39° 34' 00" N
39° 30' 40" N
39° 27' 20" N
39° 24' 00" N
39° 20' 40" N
39° 17' 20" N
39° 14' 00" N
39° 10' 40" N
39° 07' 20" N
39° 04' 00" N
39° 00' 40" N

19 20 21 22 23 24

846

0 250 500 750 1000

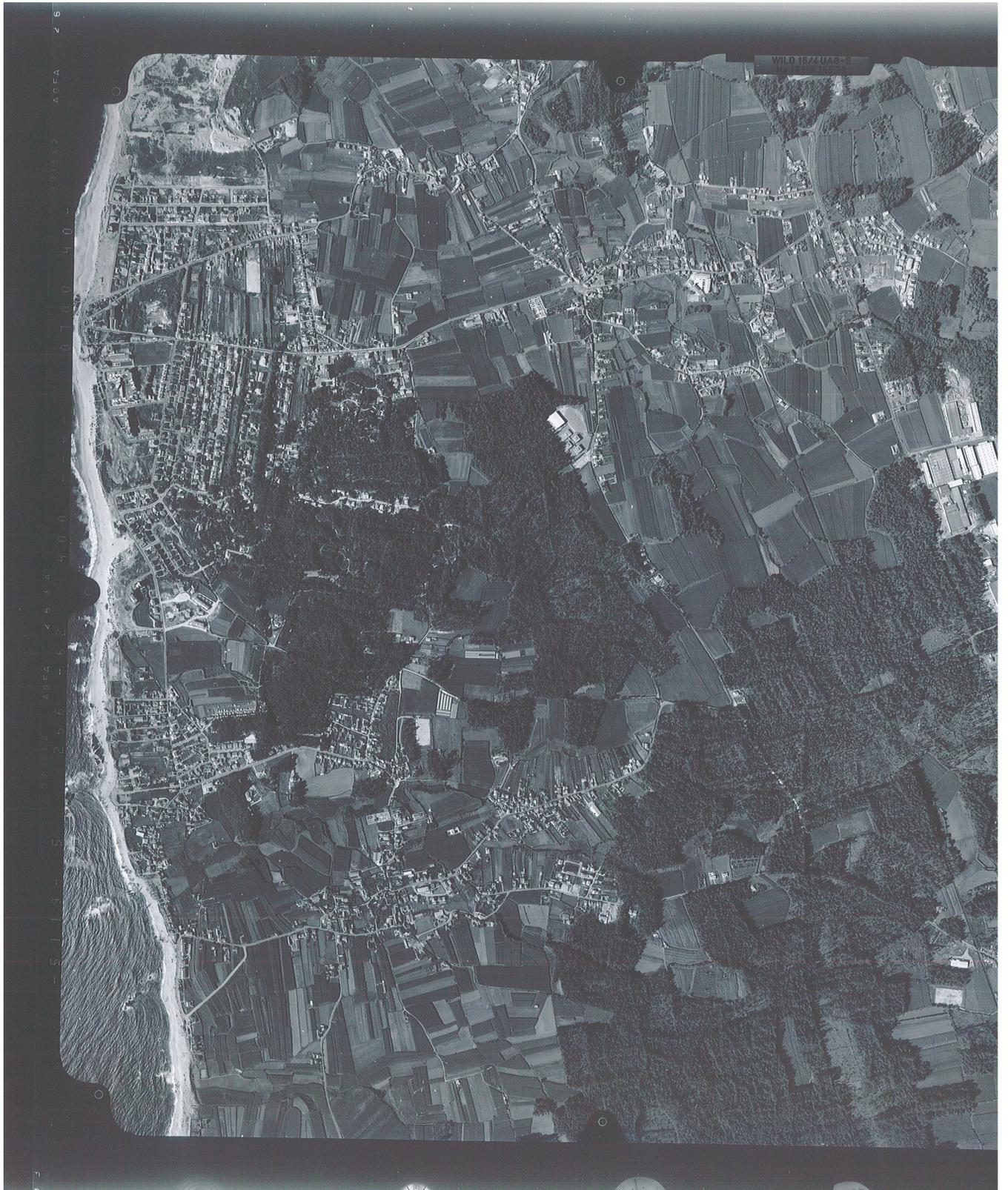
REIMPRESSÃO EM 1993-REPRODUÇÃO INTERDITA

<p>Marco de fronteira</p> <p>Saibreira. Socialcos</p> <p>Vértices geo- désicos</p> <p>De 1.º ordem</p> <p>De outra ordem: auxiliar</p> <p>Cruzeiros, faróis, pontos geodésicos ou astronómicos</p> <p>Igreja. Capela. Cruzeiro. Torre isolada</p> <p>Depósitos de água. Estêtuas. Silo</p> <p>Farol. Radiofarol. Antena. Aeromotor</p> <p>Casa. Castelo. Chamimé de fáb. Moinho</p> <p>Arbustos ou matos densos</p> <p>Arvoredo denso</p> <p>Arvoredo pouco denso</p> <p>Mata. Jardim ou horta</p>	<p>Sebe ou valado. Vinha</p> <p>Antenas de rádio: em cortina, isolada</p> <p>Estação de T. S. F. Radiofarol</p> <p>Central eléctrica. Posto de transformação</p> <p>Linhas de alta tensão: aérea; subterrâneas</p> <p>Aeromotor. Azenha. Estação elevatória</p> <p>Aqueduto: elevado; subterrâneo</p> <p>Aqueduto em vias de comunicação</p> <p>Arrozal. Terreno que cobre e descobre</p> <p>Chafariz ou fonte. Nascente. Tanque</p> <p>Depósitos de água: elevado; terreno. Cisterna</p> <p>Poço. Poço com engenho. Furo artesiano</p>	<p>Lagoa ou albufeira. Atoleiro ou pântano</p> <p>Linhas de água. Barragem importante</p> <p>Marinhas</p> <p>Cais fluvial importante</p> <p>Cais fluvial</p> <p>Rio</p> <p>Berço de passagem</p> <p>Limite de navegabilidade</p> <p>Estreita: larga</p> <p>Estreita: estreita</p> <p>Navêgil</p> <p>A pé</p> <p>Vaus</p> <p>Para carros</p> <p>Para automóvel</p>	<p>U. M. - S. D.</p> <p>BR 604</p> <p>012/169</p> <p>153500</p> <p>1996/09/104</p>
--	---	---	--

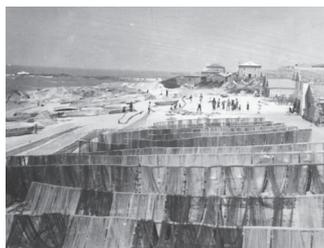
Carta militar de Vila do Conde de 1996, arquivo do Departamento de Geografia da Universidade do Minho.



Fotografia aérea de 1996, arquivo do Departamento de Geografia da Universidade do Minho.



Fotografia aérea de 1996, arquivo do Departamento de Geografia da Universidade do Minho.



Fotograficas disponíveis no arquivo municipal de Vila do Conde.



Fotograficas do livro *Mulheres na praia*, de Sally Cole.



Fotograficas do livro *Villa Cham da Maya/Villa do Conde*, de Amadeu Santos.



Fotograficas do arquivo da Glória.



Fotograficas do dia 3 de janeiro de 2019, em Vila Chã.



Fotograficas do dia 2 de abril de 2019, em Vila Chã.





Fotograficas do dia 25 de maio de 2019, em Vila Chã.



Fotograficas do dia 26 de junho de 2019, em Vila Chã.



Fotograficas do dia 16 de julho de 2019, em Vila Chã.



Fotograficas do dia 3 de dezembro de 2019, em Vila Chã.



Fotograficas do dia 19 de janeiro de 2020, em Vila Chã.



Fotograficas do dia 20 de janeiro de 2020, em Vila Chã.



Os Planos de Ornamento da Orla Costeira (POOC) surgem com o propósito de melhorar, valorizar o território litoral e garantir uma gestão dos recursos que advêm desse território. Estes planos atentam na proteção e integridade biofísica do espaço e na valorização e conservação dos recursos e valores ambientais e paisagísticos presentes no litoral.

Os principais objetivos dos POOC consistem na definição de regimes de salvaguarda, proteção e gestão, que de um modo metódico estabelecem usos preferenciais, condicionados e interditos na área de intervenção, assim como, a articulação e compatibilização dos instrumentos de gestão territorial com os instrumentos de planeamento das águas.

«Os POOC abrangem uma faixa ao longo do litoral, a qual se designa por zona terrestre de protecção, com a largura máxima de 500m contados a partir do limite das águas do mar para terra e uma faixa marítima de protecção até à batimétrica dos 30m., com excepção das áreas sob jurisdição portuária, e identificam e definem nomeadamente:

O regime de salvaguarda e protecção para a orla costeira, com o objectivo de garantir um desenvolvimento equilibrado e compatível com os valores naturais, sociais, culturais e económicos, com a identificação de actividades proibidas, condicionadas e permitidas na área emersa e na área imersa, em função dos níveis de protecção definidos;

As medidas de protecção, conservação e valorização da orla costeira, com incidência nas faixas terrestre e marítima de protecção e ecossistemas associados;

As propostas de intervenção referentes a soluções de defesa costeira, transposição de sedimentos e reforço do cordão dunar;

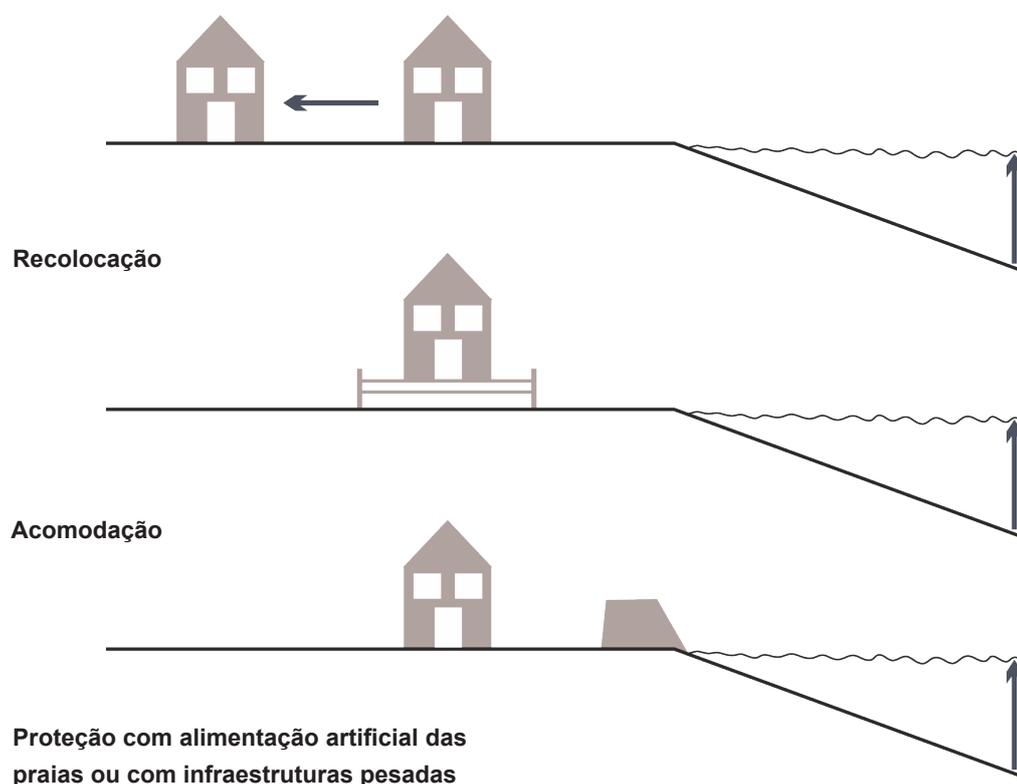
As propostas e especificações técnicas de eventuais acções e medidas de emergência para as áreas vulneráveis e de risco;

O plano de monitorização da implementação do POOC.»

www.apambiente.pt/index.php?ref=16&subref=7&sub2ref=10&sub3ref=94

Em relação ao Plano de Ordenamento da Orla Costeira Caminha-Espinho (POOC-CE), é utilizado como instrumento de gestão territorial, que lhe compete regulamentar os diferentes usos e atividades específicos da orla costeira, assim como a valorização e qualificação das praias consideradas estratégicas por motivos ambientais e turísticos. Estas regulamentações procuram criar a orientação para o desenvolvimento de atividades específicas na orla costeira e promove a defesa e conservação da natureza.

Para tal definição, foram criados três princípios de ordenamento que facilitarão o processo de adaptação aos riscos costeiros associados às áreas críticas: a Proteção; a Acomodação e o Recúo Planeado. Para cada uma das áreas críticas incluídas no Modelo Territorial é definida uma estratégia de adaptação orientada por um ou mais princípios de ordenamento, tendo em conta o nível de vulnerabilidade aos riscos costeiros, a sua dimensão e a importância dos elementos territoriais expostos a esses mesmos riscos.



De acordo com o relatório do Grupo de Trabalho do Litoral (GTL), os princípios estratégicos de ordenamento resumem-se da seguinte forma:

Proteção – redução do risco associado aos impactos das alterações climáticas, principalmente os que se referem à subida do nível médio do mar. A proteção visa a manutenção ou avanço da linha da costa, através de uma alimentação artificial de sedimentos, reconstrução do sistema dunar, construção de dunas artificiais (e dos seus ecossistemas associados) e a construção de estruturas rígidas como esporões, quebra-mares destacados e proteções longitudinais aderentes.

Acomodação – aumento da capacidade das populações de lidar com os impactos resultantes das alterações climáticas e respetivos riscos.

Recuo Planeado – retirada da população, de modo a reduzir o risco de eventos associados às alterações climáticas, limitando os seus efeitos potenciais. Esta solução é recomendada para zonas onde existe um elevado risco de galgamento, inundação ou erosão, devendo ser adotada em situações extremas.

Àrea Crítica nº. 33_ Freguesia de Vila Chã – Pinhal dos Elétricos

A área crítica de Pinhal dos Elétricos, apresenta uma tipologia de ocupação urbana, parcialmente integrada na área de Paisagem Protegida do Litoral de Vila do Conde e Reserva Ornitológica de Mindelo e tem uma extensão que vai da Praia de Mindelo à Praia de Mindelo Sul e da Praia de Pinhal dos Elétricos até à Praia da Congreira, para as quais estão previstas três concessionárias balneares.

Devido à sua baixa densidade de ocupação, a envolvente é densamente edificada exercendo pressão considerável sobre esta área. As taxas de erosão anuais são de forma generalizada reduzidas, embora haja alguns locais onde apresentam valores moderados a elevados. A suscetibilidade à ocorrência de galgamentos oceânicos não é muito significativa.

Tendo em conta a pressão exercida pela envolvente e a necessidade de preservação dos valores naturais, a estratégia de intervenção assenta na Proteção, sendo a sua prioridade Intermédia e englobando ações de alimentação artificial de areais.

Àrea Crítica nº. 34_ Freguesia de Vila Chã – Praia da Congreira

A Praia da Congreira apresenta uma tipologia de ocupação urbana e engloba o núcleo piscatório de Vila Chã. A ocupação urbana é de densidade moderada, com um nível de consolidação considerável, implantada junto da linha da costa, cobrindo-a quase na sua totalidade.

As taxas de erosão anuais não apresentam valores significativos existindo, no entanto, a probabilidade de ocorrência de galgamentos oceânicos em vários pontos ao longo da área crítica, em locais onde existe edificação. A quase totalidade da edificação fixa-se em domínio público marítimo e dentro do limite estabelecido para a faixa de erosão costeira. Esta área já tinha sido identificada no POOC-CE em vigor como uma área para a qual se indicava a necessidade de uma intervenção de requalificação que previa, entre outros objetivos, a possível reversão destes para o domínio público do Estado e do Município.

Deste modo, tendo em conta que a situação de risco não se alterou e considerando a necessidade de preservar a sustentabilidade da comunidade piscatória, salvaguardando pessoas e bens, prevê-se uma intervenção assente no Recuo Planeado, de prioridade Intermédio, englobando ações de retirada de construções em risco e a eliminação de ocupações ilegais do domínio público marítimo. A intervenção a levar a cabo nesta área crítica deverá ser devidamente articulada com objetivos estabelecidos para a Área de Reabilitação Urbana de Vila Chã, em que a mesma se insere.

Àrea Crítica nº. 35_ Freguesia de Vila Chã – Praia do Pucinho

A área crítica da Praia do Pucinho apresenta uma tipologia de ocupação urbana de média densidade, com funções diversificadas, junto à linha da costa, em sistema dunar e parcialmente implantada na margem, também é parte integrante da Paisagem Protegida do Litoral de Vila do Conde e Reserva Ornitológica de Mindelo. Adicionalmente, a área da Praia do Pucinho enquadra-se da Praia de Vila Chã à Praia de Moreiró, estando prevista uma concessão balnear, adiacente à área crítica.

Mais uma vez, as taxas de erosão anuais não apresentam valores significativos, existindo, no entanto, a possibilidade de ocorrência de galgamentos oceânicos no topo sul e zona central da área crítica. A projeção da linha de costa para 2050, apresenta recuos na ordem dos 60 metros colocando a edificação existente nesta área em situação de risco potencial.

Uma vez que o edificado se encontra em zona de risco e implantado em área protegida que importa preservar, prevê-se uma intervenção assente no princípio do Recuo Planeado de prioridade Intermédia. A execução desta estratégia passará pela retirada de construções em risco e a eliminação de ocupações ilegais do domínio público marítimo.



Elaborado pela autora.